

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

**O ESPIRITISMO TROPICALIZADO E O TRATAMENTO ESPIRITUAL -
um estudo de caso em Santa Luzia/MG**

Luzia Maria de Jesus Werneck

Belo Horizonte
2011

Luzia Maria de Jesus Werneck

**O ESPIRITISMO TROPICALIZADO E O TRATAMENTO ESPIRITUAL -
um estudo de caso em Santa Luzia/MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Mauro Passos

Belo Horizonte

2011

FICHA CATALOGRÁFICA
Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

W491e Werneck, Luzia Maria de Jesus
 O espiritismo tropicalizado e o tratamento espiritual: um estudo de caso em
Santa Luzia/MG/ Luzia Maria de Jesus Werneck. Belo Horizonte, 2011.
 136f.

 Orientador: Mauro Passos
 Dissertação (Mestrado)- Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião.

 1. Espiritismo – Santa Luzia (MG). 2. Kardec, Allan, 1803-1869. I. Passos,
Mauro. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de
Pós-Graduação em Ciência da Religião. III. Título.

CDU: 133.7

Luzia Maria de Jesus Werneck

**O espiritismo tropicalizado e o tratamento espiritual - um estudo de
caso em Santa Luzia/MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Prof. Dr. Mauro Passos (Orientador) - PUC Minas

Prof. Dr. Marcelo Ayres Camurça Lima - UFJF

Prof. Dr. Pedro Assis Ribeiro de Oliveira - PUC Minas

Prof. Dr. Wellington Teodoro da Silva (Suplente - PUC Minas)

Belo Horizonte, 23 de novembro de 2011.

"Coraçãomente" reverencio e dedico este trabalho a três espíritos iluminados:
Aos meus amados e inesquecíveis pais, que passearam comigo, durante todo
o tempo em que estiveram por aqui, nas caravanas do Amor.
À minha querida amiga Malu Matêncio, que tinha um coração capaz de
abrigar todas as formas. Ela também passeou nas caravanas do Amor.
Que eles estejam em paz!

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor Mauro Passos agradeço pela competente orientação de minha pesquisa e pela paciência e dedicação nos acertos, nas idas e vindas e nos descompassos de minha jornada. Sou grata também por ele ter me desenraizado de convicções equivocadas com toda astúcia permeada sempre por uma delicadeza absolutamente rigorosa. Como uma bússola, apontou a direção e auxiliou-me nos pequenos e longos vôos. Concedeu-me no momento certo, o oxigênio necessário para os mergulhos profundos.

Sou imensamente grata ao Professor Doutor Pedro Ribeiro que na qualificação, honrou-me com sua valiosa contribuição ao fazer uma leitura arguta e levantar questões que enriqueceram meu texto.

Sou grata ao programa de Pós-graduação em Ciências da Religião na pessoa do amigo e profissional Flávio Senra e aos professores do Mestrado pela agradável convivência.

Além desses, citando Guimarães Rosa, “cem e cento”, são as coisas que temos que agradecer...” No entanto, eu apenas as enumero por inumeráveis que são:

Agradeço aos Anjos que voam e sobrevoam pelos corredores da PUC Virtual e também no Coração Eucarístico; à Roziane, Cintia e Helena pela revisão cuidadosa e pelo tempo que me pouparam; à amizade e delicadeza da Talita, a Eliana, pelo ombro amigo e acolhedor, a Maria Inês pelos conselhos tão sábios, aos amigos das Casas Espíritas, aos meus queridos irmãos e irmã, aos leitores - amigos incansáveis - na leitura das inúmeras versões do texto da dissertação até que chegasse à final, e será que chegou?

À Maria Mascarenhas, Stela, Marise, Carla, Alessandra, Márcio e Lu, Celeida um grande e fraterno beijo pelos momentos de acolhida e pelas palavras seminais que só ouvimos daqueles que tem o tempo da delicadeza pulsando no coração.

Ao Mário, meu querido primo, que me segurou pela mão durante a caminhada,apontou-me a estrada iluminada e com sua voz macia e cândida cantou: não se afobe não, pois nada é prá já!

Luzia Maria de Jesus Werneck

Amigo, para mim, é só isto: é a pessoa com quem a gente gosta de conversar, do igual a igual, desarmada. O de um tira prazer de estar próximo. Só isto quase; e todos os sacrifícios. Ou - amigo - é aquele - é que a gente seja, mas sem precisar saber o porquê é que é. (ROSA, 2005, p.139)

Certeau, pensando as proposições de Lacan, fala em "ética da palavra" - pois é a palavra que abre espaços, permite itinerários, dá lugar a novas práticas e reclama a participação do leitor(ouvinte) para que essa palavra faça seu efeito. (CERTEAU apud SOUZA, 2010, p. 158).

Meu coração se tornou capaz de acolher toda forma.
Ele é pasto para as gazelas e abadia para os monges!
Ele é um templo para os ídolos e a Ka'ba para o peregrino,
ele é as tábuas da Torá e também as folhas do Corão!
A religião que eu professo é aquela do Amor.
Para onde as caravanas do Amor se voltam,
esta é minha religião e minha fé.
(SOUZA, 2010).

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo abordar o espiritismo enquanto movimento que, partindo de uma sistematização feita na França, modifica-se e se adapta, adquirindo contornos específicos quando desembarca em terras brasileiras. Nesse sentido, a pesquisa cunhou o termo “espiritismo tropicalizado e cristianizado” visando a aclarar as articulações entre a doutrina francesa e as tradições populares de tratamento e cura espiritual, com ênfase na terapêutica religiosa. As primeiras notícias que se teve do desembarque é que o espiritismo pretendia consolidar-se como ciência, filosofia e religião, formando assim uma aliança capaz de transcender um mundo materialista. Nessa aliança, a Filosofia teria um lugar demarcado de mediação pelo fato de ser uma área do conhecimento que busca o entendimento da vida e da existência numa abrangência universal. A pesquisa se debruçou numa investigação sobre a tropicalização e cristianização do espiritismo e em especial percorreu o cotidiano de dois centros espíritas localizados na cidade mineira de Santa Luzia para colher depoimentos de sujeitos adoecidos que se submeteram a um tratamento espiritual pensado como uma metonímia de terapêutica religiosa. A técnica escolhida foi a de depoimentos, história oral e entrevistas. E se encaminhou no sentido de essencialmente provocar no leitor a possibilidade de agrupar significados e conceitos durante a leitura do texto.

Palavras-chave: kardecismo. Espiritismo. Tropicalização. Cristianização. Tratamento espiritual. Terapêutica religiosa.

ABSTRACT

The scope of this work was to approach Spiritism/Spiritualism as a doctrine that departing from an European model changes and adapts itself embodying thus specificities when it is brought to Brazil. Following this line of thought, research coined the expression “Christianized and tropicalized Spiritism” aiming at making it clear the articulations between the European doctrine and the folk treatment and spiritual healing traditions focusing on religious therapeutics. The first information about Spiritism was that it intended to consolidate itself as a science, a philosophy and a religion forming thus an alliance able to transcend the materialist world. In this alliance Philosophy would play a mediating role because it belongs to an area of knowledge that seeks life understanding under a universal perspective. Research investigated Spiritism *tropicalization* and Christianization by specifically researching the everyday routine of two Spiritism nuclei located in the city of Santa Luzia, in Minas Gerais state. The objective of this procedure was to collect data from informants, that is, of sick individuals who were submitted to a spiritual treatment metonymically considered a religious therapeutics. The methodology used included the analysis of reports, of the oral history in interviews and made essentially with the aim of giving rise to the possibility of the readers’ constructing meanings and concepts during the text reading.

Key-words: Kardecism. Spiritualism. Tropicalization. Christianization. Spiritual treatment. Religious therapeutics.

LISTA DE SIGLAS

ABNT- Associação Brasileira de Normas Técnicas

AME- Associação Médico Espírita do Brasil

AMEMG- Associação Médico-Espírita de Minas Gerais

FAMEB- Faculdade de Medicina da Bahia

FEB - Federação Espírita Brasileira

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

NUPES - Núcleo de Pesquisa em espiritualidade e saúde da Universidade de Juiz de Fora

OMS- Organização Mundial de Saúde

SUS- Sistema Único de Saúde

UEM- União Espírita Mineira

UFBA- Universidade Federal da Bahia

UFRJ- Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O ESPIRITISMO KARDECISTA	15
2.1 Um toque de memória: a gênese do kardecismo	16
2.2 Codificação e sistematização do espiritismo kardecista.....	20
2.3 Os textos fundadores: o arcabouço teórico do espiritismo kardecista	27
3 O ESPIRITISMO TROPICALIZADO	35
3.1 Espiritismo tropicalizado: uma doutrina dos espíritos ou uma religião dos espíritos?	37
3.2 Legitimação e identidade: institucionalização e tropicalização do Espiritismo.....	41
3.3 O Espiritismo tropicalizado e suas práticas internas	48
3.4 Cura, caridade e mediunidade no Espiritismo tropicalizado.....	56
3.5 Reflexões sobre a vitalidade do Espiritismo no Brasil atual.....	61
3.6 Entra em cena a alma cândida de Chico Xavier	63
4 À ESCUTA DO OUTRO: DO SILÊNCIO E DOR À PALAVRA	68
4.1 A inserção do tratamento espiritual na medicina alternativa.....	75
4.1.1 <i>Desesperadamente em busca do sentido</i>	87
4.1.2 <i>Adoecimento e acolhimento</i>	88
4.1.3 <i>Ouçá um bom conselho que lhe dou de graça: o tratamento espiritual e as aflições da(s) (pro)cura(s)</i>	93
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS.....	112
APÊNDICE	126
APÊNDICE A - ENTREVISTA COM PESSOA QUE FAZEM/FIZERAM TRATAMENTO ESPIRITUAL	127
APÊNDICE B - ENTREVISTA COM DIRIGENTE DAS CASAS/CENTROS ESPÍRITAS	132

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um estudo que visa a investigar a trajetória do espiritismo kardecista (genuíno) desde seu aportar nos trópicos, ainda no século XIX, e também suscitar uma discussão sobre suas travessias contemporâneas ao tropicalizar-se. A ancoragem do espiritismo kardecista no Brasil implicou que o mesmo se amalgamasse e se tropocalizasse frente às identidades múltiplas de uma porosidade¹ e um deslizamento de confessionalidades afro e indígena e a forte presença do cristianismo, com destaque para o catolicismo, existentes no campo religioso. O espiritismo cruzou o oceano e tropicalizou-se com surpreendente rapidez, apesar de enfrentamentos de ordens diversas, nos aponta Camargo (1961) em sua obra *Kardecismo e umbanda*, ao pesquisar e descrever sobre a entrada das religiões mediúnicas no Brasil.

As primeiras notícias que se têm do desembarque é que pretendia-se que o espiritismo se consolidasse como ciência, filosofia e religião formando, assim, uma aliança capaz de transcender o mundo material/materialista. Nessa aliança, a Filosofia² teria um lugar demarcado de mediação, segundo Peixinho (2010), pelo fato de ela ser uma área do conhecimento que busca o entendimento da vida e da existência sob uma abrangência universal.

Para tanto, ao longo da narrativa textual, foi fundamental o debruçar sobre e o aprofundar nas obras³ dos autores que se dedicam ao estudo do campo religioso brasileiro, que abriram perspectivas teóricas e metodológicas para o desenvolvimento da pesquisa.

¹ O termo porosidade foi cunhado da obra de Sanchis (2001).

² A Filosofia (do grego Φιλοσοφία, literalmente «amor à sabedoria») é o estudo de problemas fundamentais relacionados à existência, ao conhecimento, à verdade, aos valores morais e estéticos, à mente e à linguagem. Compreendendo tal abrangência e natureza a que se propõe, a pesquisa não colocará nenhuma moldura ou estabelecerá um padrão matricial. (OLIVEIRA, 2011).

³ Sanchis (2001), Negrão (1996), Giumbelli (1997), Camurça (2000;2001; 2003;2006), Isaia (2001;2006), Camargo (1961), Lewgoy (2001;2004;2008), Pelizzoli (2010), Stoll (2004) e Arribas (2010).

Mergulhamos também nas obras⁴ dos teóricos que transitam e estudam a medicina tradicional (cartesiana) e a medicina alternativa e é nessa última que procuramos enquadrar o tratamento espiritual.

Durante a análise das entrevistas privilegiamos três momentos: o momento da acolhida/encontro, o momento da fé e o momento da esperança. Dessas leituras emergiram subsídios do que teríamos de abordar.

Este estudo tem uma natureza qualitativa e fenomenológica, utilizando um procedimento metodológico que se refere às entrevistas ou narrativas, preconizadas pela metodologia da história oral.

A história oral é muito utilizada pelas ciências humanas e sociais, por dar ao pesquisador a oportunidade da interpretação dos relatos das experiências vivenciadas pelo ser humano. Essa abordagem localiza o observador no mundo. A abordagem qualitativa é caracterizada como interdisciplinar por permitir o diálogo entre áreas distintas como Medicina, Psicologia, Sociologia, Antropologia, Teologia, História e outras. Lida com uma variedade de materiais empíricos, dentre eles a História de Vida e Temática. (COELHO, 2011).

Essa pesquisa foca as suas lentes na tropicalização e cristianização do espiritismo e, em especial, na importância da busca de alívio para os adoecimentos do corpo físico e espiritual via tratamento espiritual no espiritismo tropicalizado. A pesquisa foi desenvolvida em dois Centros Espíritas: a Casa de caridade irmã Fabíola e a Casa de Caridade Nosso Lar - todas localizadas em Santa Luzia, Minas Gerais.

Além da coleta dos depoimentos, foi necessário o tratamento dos dados, pois "o depoimento oral não fala por si, precisa ser interpretado" como nos aponta Gomes (2004, p. 36) em sua obra *Escrita de si, escrita da história*.

Três caminhos balizaram as entrevistas: diante de cada uma fez-se leitura cuidadosa com vista aos cortes necessários; em seguida, procurou-se pelas respostas das indagações feitas no projeto. Finalmente, unem-se os dois primeiros momentos, que não se excluem, rastrearam-se temáticas que enriquecem a análise.

Para tentar compreender a tropicalização, cristianização do espiritismo no Brasil e o tratamento espiritual oferecido nas duas casas espíritas os seguintes objetivos foram demarcados:

⁴ Odoul (2003); Pelizzoli (2010), Capra (2009), Martins (2009), Moreira (2010), Miranda (2004) Peixinho (2010) e Schubert (2001).

- a. Pontuar a trajetória do kardecismo desde a sua saída da França, ancoragem e travessias nos trópicos;
- b. Apontar as aproximações e distanciamentos entre a medicina cartesiana e alternativa;
- c. Investigar a importância do tratamento espiritual como uma terapêutica religiosa “oferecida” no espiritismo tropicalizado e cristianizado;
- d. Enfatizar, via depoimentos, a importância dos momentos da acolhida, da esperança e fé durante o tratamento espiritual.

Partimos do pressuposto de que, as necessidades espirituais não devem ser consideradas como um resíduo religioso. O tratamento espiritual não deve ser pensado e amalgamado a uma religião. O termo espiritual na pesquisa está associado a uma ideia da busca de um estado de “espiritualização” tendo como via de acesso a religiosidade.

Daí aventar-se que o tratamento espiritual pode ser pensado, de acordo com os depoimentos, como uma terapêutica religiosa. Convocamos os três momentos aludidos anteriormente, pois relacionamos a acolhida, o encontro, a esperança e a fé como condições imprescindíveis da vida humana frente a uma situação de sofrimento que muitas das vezes leva ao adoecimento do corpo físico e espiritual.

As múltiplas tendências e disposições do ser humano em ser plural, como a personalidade, comportamento, cultura, espiritualidade, religiosidade provam a complexidade da condição humana, que não se revela em uma única dimensão e que se mostra num campo de aprofundamento diverso e ao mesmo tempo instigante.

Nossa proposta consistiu na busca pelo tratamento espiritual no espiritismo tropicalizado, frente ao adoecimento físico e espiritual, ou seja, procuramos encontrar nos depoimentos as possíveis respostas para responder aos nossos objetivos e a hipótese de que o tratamento espiritual pode ser pensado como uma terapêutica religiosa no espiritismo tropicalizado.

Frente ao exposto, o primeiro capítulo concentra-se na introdução: delimitação do estudo, e as razões na escolha do tema.

O segundo capítulo oferece uma visão histórica do kardecismo, apresentando sua concepção originária, sistematização e codificação na França por Hippolyte

Léon Denizard Rivail, posteriormente conhecido pelo pseudônimo de Allan Kardec, bem como anunciar sua ancoragem nos trópicos em meados do século XIX.

No terceiro discutiu-se a tropicalização do espiritismo no Brasil, revelando suas peculiaridades, bem como suas relações com movimentos políticos e religiosos existentes no país, ao longo de seu desenvolvimento e de sua estabilização. Ao mesmo tempo, buscou-se expor as resistências à doutrina espírita que ocorreram, quer no campo religioso, quer no profissional liberal (leia-se médico), que vieram a culminar em contendas de cunho jurídico que influenciaram até uma Constituição do Brasil. O capítulo, nesse sentido, abordou a questão da prática de se oferecerem consultas e se aviarem receitas para a cura de diferentes males.

O quarto capítulo abordou o significado e a importância do tratamento espiritual no processo de tropicalização e cristianização do espiritismo. No desfiar dos depoimentos, a palavra, adoecimento e a acolhida/encontro, esperança e fé serpentearam como fios condutores nas entrevistas realizadas com dirigentes da Casa de Caridade espírita Nosso Lar e da Casa de Caridade espírita Irmã Fabíola, ambas com os frequentadores⁵ assíduos e/ou transitórios.

E no quinto capítulo encontram-se as considerações finais.

⁵ Aquele (a) que procura tratamento nas casa espíritas pesquisadas, no decorrer do texto foi adjetivado de andarilho/peregrino religioso ou espiritual e a sua caminhada em busca do tratamento espiritual denominou-se peregrinação.

2 O ESPIRITISMO KARDECISTA

O presente capítulo propõe-se a oferecer uma visão histórica do kardecismo, apresentando sua concepção originária, sistematização e codificação na França por Hippolyte Léon Denizard Rivail, posteriormente conhecido pelo pseudônimo de Allan Kardec, bem como anunciar sua ancoragem nos trópicos em meados do século XIX.

A discussão, em uma interlocução com os estudos de Sanchis (2001), Vilhena (2008) e outros importantes teóricos (que aparecerão ao longo do texto), terá como objetivo em um primeiro momento caracterizar o kardecismo e, posteriormente, tentar compreender os motivos pelos quais as ideias e asserções, propostas/recebidas por Allan Kardec foram acolhidas de forma tão diferenciadas na sociedade brasileira.

O kardecismo foi concebido com a intenção de se consolidar como ciência, filosofia e religião, formando assim uma aliança doutrinária capaz de transcender um mundo materialista.

O espiritismo codificado por Kardec⁶ surgiu na França em 1857, sistematizado inicialmente no *Livro dos espíritos* e desenvolvido nas demais obras: *O livro dos mediuns* [1861]⁷ (1997b); *O evangelho segundo o espiritismo* [1864] (2005b); *Céu e inferno* [1865] (1979); *Gênese* [1868] (2005a) e *O que é o espiritismo* [1869] (2003).

Não se colocará em questão neste capítulo se o kardecismo é religião ou doutrina e, sim, criar-se-á uma base de conhecimento sobre a gênese do kardecismo genuíno, que possibilitará melhor compreensão a respeito do espiritismo tropicalizado.

⁶ Outro ponto de vista acerca da codificação e sistematização do espiritismo foi construído por Stoll: “O que singulariza o espiritismo no século XIX, portanto, é o modo como produziu a acomodação das informações “dos espíritos” a ideias, modelos e princípios que têm origem em outro campo - o da ciência. Essa articulação foi sendo construída por Kardec em meio ao processo de coleta de informações “dos espíritos” e ao desenrolar do embate entre correntes diversas do pensamento científico. Esse movimento, essa construtividade da doutrina, que aflora, não diríamos, portanto, como é do senso comum, que Kardec é apenas o codificador da doutrina. O estatuto de ciência que se atribui ao espiritismo é uma criação sua. Portanto, uma interpretação pessoal. Essa interpretação, porém, foi assumida como inerente à manifestação “dos espíritos” dando origem ao mito de que o espiritismo seria, na sua versão original, efetivamente científico” (STOLL, 2004, p. 53).

⁷ A data entre colchete, quando necessário, indica o ano de publicação original da obra; que só será indicada na primeira citação da obra no texto. Nas seguintes será registrada apenas a data da edição consultada pelo autor.

2.1 Um toque de memória: a gênese do kardecismo

É necessário salientar que não trazer à baila a discussão sobre o espiritismo como religião não exime conceituações e/ou reflexões referentes ao termo religião associado ao espiritismo.

Benveniste pensa o termo religião etimologicamente como *re-ligare*, religar, unir pessoas em torno de uma fé; o que une Deus, deuses ou qualquer outra entidade sobrenatural aos homens. Nesta perspectiva encontra-se Delumeau ao afirmar ser a religião o laço que liga o homem ao sagrado e o impede de se sentir perdido no meio de um mundo que nunca mais dominará totalmente. Eliade também compõe a trindade teórica que busca a conceituação ou concepção do que vem a ser religião. O romeno afirma que, para o mundo moderno, a religião, como forma de vida e concepção de mundo, confunde-se com o cristianismo. Vai além desta afirmação e ressalta que nem todas as religiões apresentam e têm em seu *ethos* a existência de Deus ou deuses, preceitos morais e comportamentais, mito de origem e principalmente relações com o sobrenatural (BENVENISTE; DELUMEAU; ELIADE apud RODRIGUES, 2007).

Na perspectiva da trindade teórica constituída por Benveniste, Delumeau e Eliade citado por Rodrigues (2007), os quais concebem a religião como laço que liga o homem ao sagrado e o impede de se perder no mundo, o espiritismo pode ser pensado como uma opção terapêutica religiosa.

Nas obras fundadoras, o kardecismo apoia-se, em sua estruturação, nos princípios da ciência, da filosofia e da religião. A doutrina, segundo Kardec (2003), na obra *O que é o espiritismo*, lança mão de alguns procedimentos para sua efetivação. Assim, o kardecismo apresenta-se, de maneira confortável, como uma opção religiosa, tendo em vista os depoimentos colhidos

Estudar o espiritismo e adjetivá-lo de tropicalizado advêm de o termo oferecer condições de, durante a tessitura do texto, explicitar as alterações pelas quais passou em meados do século XIX ao aportar em solo brasileiro. A propósito, ao contrário do que possa transparecer, colocar o espiritismo sob a adjetivação tropicalizado não significa situá-lo em uma condição inferior em relação ao espiritismo original, o kardecista. A intenção do estudo é mostrar que, ao entrar em

contato com o catolicismo brasileiro e sua diversidade de crenças africanas e indígenas, a doutrina francesa mimetiza-se, tendo em vista a porosidade do campo religioso no país.

Sanchis (2001) afirma que a porosidade existia - e ainda existe - no catolicismo brasileiro. Havia no século XIX um deslizamento para as crenças indígenas e africanas:

Duas (correntes dinâmicas) constituem o filão mais tradicional e quase substantivo da história religiosa do Brasil: O cristianismo - com destaque para o catolicismo - e o universo genericamente referido como “afro”, de experiências e tradições que acompanharam ritmicamente as levas de escravos, como seu único bem, seu tesouro até hoje inalienável (SANCHIS, 2001, p.15).

Do mesmo modo e sentido, Gonçalves e Silva⁸ (2003) lança mão do sintagma “africanidades brasileiras”⁹ para explicar as influências dos costumes afros na cultura brasileira e relata que “o termo traz em seu bojo as raízes da cultura brasileira que têm origem africana”. Por outro ponto de vista, ressalta:

É um modo de viver, de organizar dos negros brasileiros e de seus descendentes nos campos: político, econômico e principalmente religioso. A expressão refere-se às marcas de cultura africana, que independentemente da origem étnica de cada brasileiro fazem parte do seu cotidiano (GONÇALVES E SILVA, 2009, p. 2).

Em uma direção um pouco diferente, Vainfas (2010) aponta para algumas dificuldades ao interpretar os vestígios das religiões afros e seus desdobramentos. Em entrevista à Revista da Biblioteca Nacional, sobre o substrato religioso brasileiro, o pesquisador salienta que é extremamente difícil estudar as religiosidades africanas e suas influências no campo religioso brasileiro.

A ótica do historiador suscita o pensamento de que no Brasil conseguimos alcançar uma africanidade que se apresenta de fato. No entanto, é genérica com uma consistência antropológica muito frágil.

Oferecendo mais uma explicitação do termo, Stoll (2004), assegura que a discussão do espiritismo kardecista ganha os tons dos ritos e crenças das religiões

⁸ Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva é membro do Conselho Nacional de Educação.

⁹ Frase contida no encarte distribuído no sarau do curso de Letras em 2009 na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

africanas e indígenas ao desembarcar em solo tropical por volta do ano de 1865, oito anos após a publicação, na França, do livro fundador do espiritismo *O livro dos espíritos* (1857). Cabe ressaltar que, nessa mesma época, 1865, na cidade de Salvador/Bahia, foi criado o primeiro grupo espírita brasileiro¹⁰, sob a direção de Luis Olímpio Teles de Menezes: Grupo Familiar do Espiritismo¹¹.

Segundo Vilhena (2008), esse grupo espírita provocou uma série de reações: algumas favoráveis; outras não. As reações vinham, na maioria das vezes, dos artigos inflamados contra as práticas de um espiritismo receitista ou “receituário mediúnico”¹², que colocava a doutrina como algo menor e com certo tom de charlatanismo que, por sinal, aparecia com certa frequência.

Existia - e existe - algo muito forte dentro do espiritismo tropicalizado, que é a opção do tratamento espiritual e, principalmente, da alma por meio de preces, água fluidificada, leituras recomendadas (de obras espíritas), uso de medicamentos produzidos e manipulados durante as sessões de cura e desobsessão, cultos no lar e passes em situações diversas.

O Diário da Bahia publicou artigos de Déchambre¹³ citado por Vilhena (2008) traduzidos do francês, nos quais o autor faz duras críticas às práticas espíritas que

¹⁰ REVISTA GALILEU, São Paulo: Ed. Globo. Dez. 2009, p. 13-18.

¹¹ Primórdios do movimento espírita no Brasil: Os primeiros experimentadores da mediunidade no Brasil, saíram dos cultores da homeopatia, com os médicos Bento Mure, francês, e João Vicente Martins, português, aqui chegados em 1840., que aplicavam passes mediúnicos em seus clientes e falavam em Deus, Cristo e caridade. José Bonifácio, o patriarca da Independência, cultor da homeopatia, é também dos primeiros experimentadores do fenômeno espírita. Em 1844, o Marquês de Maricá publicou um livro com os primeiros ensinamentos de fundo espírita divulgados no Brasil. Há, no entanto registro de uma outra informação com relação ao primeiro grupo espírita, anterior ao criado em 1865, que era um pequeno grupo que se constituía no Rio de Janeiro, para cultivar o fenômeno espírita, coordenado por Melo Moraes, homeopata e historiador, por volta de 1853, conforme registrado em REFORMADOR de 1 de maio de 1833. As reuniões aconteciam na casa do homeopata onde se estudava fenômenos mediúnicos e ao final aplicava-se o passe. Frequentavam as reuniões o Marques de Olinda e o Visconde de Uberaba e outras pessoas ligadas ao Império. O fenômeno das mesas girantes são noticiados pela primeira vez no Brasil em 1853, pelo Jornal O Cearense. Em 1860 surgiram os dois primeiros livros espíritas em português: Os tempos chegados do prof. Cassimir Lieutaud, francês e o espiritismo na sua expressão mais simples tradução do prof. Alexandre Canu, cujo nome só aparece na terceira edição, em 1862. (SOUZA, 2001).

¹² A prática receitista consistia em um espírito prescrever um tratamento médico ao consulente. Em sua maioria, os medicamentos prescritos eram homeopáticos e a Federação Espírita Brasileira durante muito tempo despachava essas receitas. Por esse motivo, tal prática foi muito combatida na primeira metade do século XX, pois era vista como um exercício ilegal da Medicina. As atividades da Federação Espírita Brasileira podem ser lidas em: GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos:** uma história da condenação e legitimação do espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

¹³ Amédée Déchambre (1812-1886) foi um médico francês conhecido por ter sido editor do Dicionário enciclopédico de ciências médicas.

grassavam na França e ao conjunto da obra de Kardec:

Em 1866, Teles de Menezes publica o artigo “*Philosophia spiritualista*”.¹⁴ Neste artigo apresenta a defesa dos princípios kardecistas e a Bahia como tendo sido escolhida pela Providência Divina para ser sede e divulgadora do espiritismo no Brasil, a fim de facilitar pelos esclarecimentos dos espíritos superiores a inteligência e a prática da moral de Jesus Cristo, e o acompanhamento das novas descobertas científicas (DÉCHAMBRE apud VILHENA, 2008, p. 80-81).

O artigo em questão inaugura, de forma incisiva, uma discussão que vai ao extramuros do Grupo Familiar do Espiritismo, ultrapassando o domínio das reuniões. Houve intervenção severa diante desse processo de publicização. O bispo católico Dom Manuel Joaquim da Silveira¹⁵, tendo em vista alertar os diocesanos “contra os erros perniciosos do espiritismo”¹⁶, dando alta temperatura às palavras, afirma na citação cunhada por Vilhena (2008):

Nesta capital, publicou-se um pequeno livro com o título *Philosophia spiritualista*. O espiritismo cujas perniciosas doutrinas contra toda expectativa tem tomado incremento pondo-se em prática certas superstições perigosas e reprovadas, que estão no domínio do público; e no interesse de vossa salvação, amados filhos. Nós julgamos conveniente dirigir-vos esta Carta Pastoral para prevenir-vos contra os principais erros que contém esse pequeno livro, e contra as superstições que segundo as doutrinas neles contidas se estão praticando, como se nos tem informado, e dos que já não é possível duvidar (VILHENA, 2008, p. 82-83).

Neste momento, o espiritismo é visto como a síntese de todos os erros humanos, como uma prova maior da presença do mal. Várias foram as

¹⁴ Esse artigo anunciado para o público baiano no Diário da Bahia, muito provavelmente, chegou até Luiz Olympio que, discordando do francês e, talvez, inflamado com tais críticas, resolveu contra-atacar, lançando em Salvador, em fevereiro de 1866 - quase seis meses depois do artigo de Déchambre - *Philosophia spiritualista. o espiritismo*. introdução ao estudo d'a doutrina spirítica, extrahida d'o livro *D'os Espíritos*, publicado por Mr. Kardec, e traduzida d'o francez sobre a decima terceira edição por Luiz-Olympio-Telles-de-Menezes. Membro d'o instituto-historico da Bahia. Bahia typ. de Camillo de Lellis Masson & c., rua de Santa Barbara, 1866. (SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 2002).

¹⁵ Dom Manuel foi o primeiro e único Conde de São Salvador (Rio de Janeiro, 14 de abril de 1807 - Bahia, 23 de junho de 1875). Um sacerdote católico brasileiro, tendo sido Cônego da Capela Imperial e Capelão de Esquadra, chegando a se tornar o décimo oitavo Arcebispo da Diocese da Bahia, em 1861. Sobre Dom Manuel, verificar em: LIMA, Maurilio Cesar de. **Breve história da igreja no Brasil**. Rio de Janeiro: Loyola, 2001, p.194.

¹⁶ O século XIX foi marcado tanto por avanços como por continuidades no pensamento da Igreja Católica. D. Manoel Joaquim da Silveira, à época, provocou o debate sobre quais foram os limites das incorporações realizadas pela Igreja diante das grandes modificações do final do século XVIII e no século XIX.

manifestações, via artigos, em jornais, panfletos e discursos em púlpitos. Todas as manifestações, escritas e faladas, encaminhavam-se no sentido de condenar a prática, digamos “satânica e perniciosa”, do espiritismo. Tais tipos de observações podem ser encontradas nas revistas dos arquivos da União Espírita Mineira (UEM)¹⁷.

2.2 Codificação e sistematização do espiritismo kardecista

O espiritismo tem como sistematizador e codificador Hippolyte León Denizard Rivail, conhecido mais tarde pelo pseudônimo de Allan Kardec, nascido na França em 3 de abril de 1804. Filho de família tradicional formou-se em Direito, tornando-se posteriormente pedagogo e pesquisador. Dedicou-se, na fase adulta, à área educacional e exerceu significativa influência sobre o ensino na França e Alemanha, quando propôs novas metodologias com relação, principalmente, ao estudo das ciências consideradas “exatas”. Era um professor exemplar, criado em uma família com bases católicas rígidas, apesar de educado em um país de confissão protestante.

Allan Kardec era um pesquisador obstinado em provar, pelo fenômeno das mesas girantes, que suas pesquisas eram sérias. Para tanto, apoiou os princípios codificados e sistematizados (por meio dos espíritos) em um substrato no qual suas obras são interpretadas, tendo bem posicionadas as lentes da ciência, da filosofia e da religião que, se diga na oportunidade, será a ótica da qual a pesquisa lançará mão para análise dos dados coletados em campo, via depoimentos de pessoas que se aderiram ou se filiaram, por motivos vários, ao espiritismo tropicalizado.

Tecido pelo biógrafo francês Henri Sausse,¹⁸ em 1896, o texto sobre Allan Kardec [1859] (2003)¹⁹, intitulado *A pequena conferência espírita*²⁰, revela que há um

¹⁷ A União Espírita Mineira é a Federação do Estado de Minas Gerais, filiada à Federação Espírita Brasileira. Órgão máximo do Movimento Espírita em Minas Gerais.

¹⁸ Sausse (1896) Um dos biógrafos de Allan Kardec.

¹⁹ A data entre colchete, quando necessário, indica o ano de publicação original da obra; que só será indicada na primeira citação da obra no texto. Nas seguintes será registrada apenas a data da edição consultada pelo autor. KARDEC, Allan. **O que é o espiritismo**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2003.

desconhecimento sobre o kardecismo e que tal fato muitas vezes faz com que impressões erradas parem sobre a figura do sistematizador e codificador da doutrina:

Muitas pessoas que se interessam pelo espiritismo manifestam o pesar de não possuírem senão um imperfeito conhecimento da biografia de Allan Kardec e não saberem onde encontrar, sobre aquele a quem chamamos Mestre, as informações que desejariam conhecer sobre o seu codificador e a doutrina que trata da comunicação entre mortos e vivos. Em respeito ao decodificador e sistematizador da filosofia espírita, permiti-me, no intuito de tentar corresponder a tão legítimo desejo, que vos entretenha alguns momentos com esse Mestre Amado, cujos trabalhos estão universalmente conhecidos e apreciados, e cuja vida íntima e laboriosa existência são apenas conjeturadas (SAUSSE, 2003, p.5).

Esse texto foi lido no dia 31 de março de 1896, em Paris, por ocasião do 27º aniversário de decesso ou passamento de Kardec.

Segundo os arquivos da UEM, Sausse empenhou-se muito em publicar dados fidedignos a respeito de Kardec, pois sobre ele pairavam dúvidas quanto à seriedade das pesquisas que circulavam e, principalmente, sobre os “achados” com relação ao kardecismo.

Por muitas vezes, Kardec foi adjetivado na França de impostor, assim como ocorreu no Brasil com o médico espírita Adolfo Bezerra de Menezes e o maior medium brasileiro, Francisco Cândido Xavier.

Com base em pesquisas nos arquivos de periódicos da UEM, o pesquisador do espiritismo, Araújo Filho (1993), durante estudo na Casa Espírita Nosso Lar, em Santa Luzia/Minas Gerais, em outubro de 1998, informou que Kardec era inquieto com a ideia dos princípios rígidos do Protestantismo e do catolicismo:

Rivail tinha ideias avançadas, mas não podia torná-las públicas, pois faltavam-lhe elementos para provar a sua inquietação. Após concluir os seus estudos na Alemanha, voltou à sua pátria. Era um homem caridoso, ministrava aulas para os carentes, gratuitamente, junto com a sua mulher Amélie Gabrielle Boudet, que também era professora (ARAÚJO FILHO, 1993, p. 30).

Kardec (1995) dominava o alemão, o holandês, o latim, o grego, o gaulês, entre outros idiomas, e expressava-se com desenvoltura durante reuniões públicas. Publicou vários livros em áreas diversas: Matemática, Estatística, Desenho, Química

²⁰ Esta conferência aparece na íntegra como texto inicial em: KARDEC, Allan. **O que é o espiritismo**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2003.p. 51-121.

e Astronomia. O francês relata a seguinte situação:

Certo dia andando pelas ruas de Paris em maio de 1855, Rivail encontrou-se com um amigo de nome Carlotti, que lhe descreveu uma série de eventos extraordinários, presenciados por ele na casa da Sra. Plenemaison supostamente provocados pela ação direta dos espíritos. Curioso e descrente, mas muito tentado a entender estimulado pela sua inquietação e curiosidade, puramente científica, Rivail começou a frequentar algumas reuniões e teria visto o seu “ceticismo virar fumaça” ao observar mesas e outros objetos ganharem movimento sem a ajuda de qualquer pessoa ou mecanismo especial e disse: “ali, pela primeira vez fui testemunha do fenômeno das mesas que giravam e, saltavam. Vi, também, alguns ensaios, muito imperfeitos, da escrita mediúnica” (KARDEC, 1995, p. 56).

Kardec procurou dar às suas obras um movimento mais amplo que não só o religioso/espiritual. Com vistas a uma circulação maior da sua produção, entre diversas camadas sociais, literariamente o francês pensou como um editor ao descrever os ensinamentos dos espíritos. O conhecimento e as informações deveriam, segundo Kardec, ser acessíveis a um público mais diversificado.

Assim, o pesquisador francês envolve as informações que recebe dos espíritos em uma atmosfera em consonância com a atualidade. O tom não poderia ser somente religioso. Convoca, portanto, para compor as obras, os acordes científicos e filosóficos. Age como um padre, um repórter, um maestro, um escritor e, como não poderia deixar de ser, como um cientista. Kardec (1995) atribui uma linguagem múltipla ao transcrever as informações dos elevados espíritos que habitam o plano espiritual. Mas, o francês não foi o único a dialogar com os espíritos para a codificação da doutrina. Ele teve ajuda de uma equipe de médiuns que trabalhava na pesquisa do fenômeno das mesas girantes e no diálogo com os espíritos no plano espiritual. O diálogo do pesquisador e de sua equipe de medium com os espíritos inicia-se a partir de uma discussão sobre a conceituação dos termos espiritual, espiritualista e espiritualismo e alonga-se a uma conclusão que se ancora no viés filosófico ao ser amarrada a uma ideia de Agostinho (2004) sobre a bondade humana e o caminho indicado por Jesus para que se chegue até lá.

Camargo (1961) relata que a doutrina espírita foi psicografada e codificada a partir de um método sistêmico de autenticidade e de mensagens vindas de outro plano - o chamado plano espiritual. O pesquisador esquematiza em nove tópicos, com base no *Livro dos espíritos*, as principais teses do espiritismo, a saber:

- I. A possibilidade e convivência de comunicação com entidades espirituais desencarnadas;
- II. Crença na reencarnação;
- III. Crença na chamada “Lei de causa e efeito”, equivalente espírita da idéia racional do Karma indu. Nada é fortuito e não podemos escapar às consequências de nossos atos;
- IV. Crença na pluralidade dos mundos habitados. Cada mundo constituiria uma etapa geral do progresso espiritual. A Terra é considerada um planeta de expiação;
- V. Não há distinção entre o natural e o sobrenatural, nem entre religião e ciência. Não há graça. O progresso relativo dos indivíduos depende, exclusivamente, do mérito pessoal acumulado nesta e em encarnações anteriores;
- VI. A caridade é a virtude principal – talvez a única – e se aplica tanto aos vivos como aos mortos, ou desencarnados, como sempre preferem dizer;
- VII. Deus, embora existente, é por demais longínquo e se perde na distância incomensurável de um ponto espiritual que mal podemos vislumbrar;
- VIII. Mais próximos estão os “guias” importantes no culto espírita, e que nos ajudam por amor (também há os maus);
- IX. Jesus Cristo é visto como grande entidade encarnada - a maior que já veio ao mundo. O Evangelho foi reinterpretado segundo o espiritismo, em famoso livro de Allan Kardec (CAMARGO, 1961, p.7).

Assim, nem totalmente religião, nem totalmente filosofia ou ciência, o espiritismo foi interpretado pelos adeptos ou seguidores a partir das teses ou princípios descritos por Camargo (1961). Por meio desses princípios, o espiritismo ancorou-se no Brasil. No entanto, o espiritismo, conforme descrito nos nove princípios, carrega uma lógica e uma coerência. Kardec denominou o espiritismo como uma doutrina que ora se apresenta com o caráter filosófico, ora científico, ora religioso. O que interessa à pesquisa é o caráter religioso do espiritismo. Para tanto, as teses ou princípios que envolvem a doutrina merecem ser comentados.

A ousadia das afirmações de Kardec, segundo orientação dos espíritos, permitiu que o espiritismo atingisse classes sociais diferentes. Há aqueles que estudam o espiritismo como ciência, os que percebem o espiritismo como filosofia e os que creem no espiritismo como religião.

A caridade, a ausência de milagres, a evolução ou o progresso pessoal são princípios fundantes do espiritismo tropicalizado e posteriormente cristianizado. Fora da caridade não há salvação, não há graças a serem alcançadas. Milagre é algo inconcebível no espiritismo. A paz alcançada após um tratamento espiritual advém da busca pelo progresso, da capacidade de cada um de olhar, perceber a vida de maneira mais “cristã”. Tudo o que se alcança é fruto de merecimento. Evolução implica mudança de comportamento, de conduta e do livre-arbítrio.

Arribas (2010), sinaliza que cada tipo de camada social buscou enfatizar uma das possíveis vertentes do espiritismo, ora pendendo para o cientificismo, ora para as ideias puramente filosóficas e ora à face religiosa. A pesquisadora afirma que:

Se hoje conhecemos o espiritismo como uma religião minimamente sistematizada entre diversas outras religiões em oferta no mercado religioso brasileiro, é porque por detrás de todo esse processo de sua introdução e legitimação no Brasil um grupo frente aos demais conseguiu vencer a disputa e alcançar assim a posição estatutária de ditar o que seria (ou não) o espiritismo (ARRIBAS, 2010, p. 54).

Deborah ²¹, em depoimento sobre o caráter filosófico, científico e religioso do espiritismo, vai ao encontro das afirmações de Arribas (2010), sendo incisiva ao se posicionar:

O espiritismo ao ser codificado apresentou-se publicamente no Livro dos Espíritos de três maneiras ou em modalidades diferentes - é ciência, é filosofia e também religião. Eu me interesso pela parte da religiosidade, da espiritualidade. Procurei o Centro, pois fui assaltada por uma dor física e espiritual sem tamanho e precedentes. No centro que frequento não consigo perceber o espiritismo como ciência. A ciência não dá conta de me dizer o que lá escuto. É muito dicotômico. A relação ou a comunicação com os mortos não implica necessariamente uma interpretação ou manifestação científica. O espírito ao ser manifestar o faz sem que precise ou necessite de um método ou de um campo magnético como dizem alguns. Eu até entendo quando convocam o viés filosófico - há mais sentido. Há indagações, perguntas sobre a manifestação dos espíritos, do fenômeno no que tange ao aspecto espiritual. Acho que aí sim pode se assemelhar ou vincular à filosofia. No entanto, para mim não importa muito a modalidade - o que é ou porque é. Alguns percebem o espiritismo como ciência, filosofia, religião e penso que devemos respeitar a interpretação de cada um. Não quero afirmar que o espiritismo é religião. A concepção que temos de religião é um pouco diferente. Acho que é porque estamos num país que se apresenta plural em termos de religiosidade e que ainda é muito católico. Pelo que vivencio no Centro durante as reuniões e durante o tratamento é que os ensinamentos de Jesus estão presentes durante todo o tempo; mas daí afirmar que o espiritismo é uma religião eu precisaria de mais elementos e de estudar mais sobre o conceito de religião. O que interessa mesmo para mim é que procurei o espiritismo como uma opção espiritual ou poderia até dizer - religiosa. Fui à busca de paz e de um lenitivo para a minha dor. Quer saber? As idas ao Centro espíritas são terapêuticas. O espiritismo para mim tem sido como uma terapia. É isso mesmo: terapia espiritual.²²

²¹ Deborah, 35 anos, mestre, administradora de empresas, formada pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais em 2009. Entrevista realizada em Santa Luzia. 20 jun. 2011.

²² Entrevista realizada no dia 10 de janeiro de 2010.

Podemos inferir a partir do depoimento de Joana que as interpretações sobre o espiritismo são diversas. Há os que negam a comunicação com os mortos, há os que acreditam nela, há os que duvidam dela e mesmo assim procuram comprovação. Há os que procuram os centros espíritas temporariamente, há os que precisam ver para acreditar. Há os que pensam o espiritismo como uma quimera, uma loucura - coisa de gente atrasada. Uma utopia.

A iniciação de Rivail no espiritismo está descrita no livro *Obras póstumas* (KARDEC, 1995). Nesse mesmo documento, Kardec afirma que, por curiosidade científica, retornou ao local do fenômeno das mesas girantes por várias vezes. A partir das constantes idas e vindas notou que:

os assuntos tratados eram geralmente frívolos; ocupavam-se principalmente de coisas da vida material; nada verdadeiramente sério, sendo a curiosidade o passatempo principal móvel dos assistentes. O Espírito, que se manifestava, habitualmente, dava o nome de Zéfiro, de acordo com o seu caráter e com o da reunião; entretanto, era muito bom e tinha-se declarado protetor da família. Se quase sempre fazia rir, sabia, a propósito, dar bons conselhos e manejar, convenientemente, o epigrama mordaz e espirituoso. (KARDEC, 1995, p. 2002).

Kardec estava disposto a entender cientificamente os mecanismos de funcionamento das mesas girantes - comunicação com o mundo espiritual ou o mundo dos espíritos que vem a ser outra dimensão para além do plano físico. No plano espiritual habitam todos aqueles que desencarnam, segundo o kardecismo.

Ao mesmo tempo em que pretendia entender cientificamente o fenômeno, Kardec percebia que deveria abrir sua lente de compreensão. Assim, mergulha na pesquisa de várias correntes do misticismo, do hinduísmo e também nos estudos de Platão sobre a reencarnação. Começa a se debruçar no estudo minucioso sobre a comunicação com outros mundos²³ por meio de diálogos com espíritos que se manifestavam nas sessões das mesas girantes.

Em 1855, o pesquisador francês entrega-se totalmente às observações e estudo das “mesas que giravam e falavam” por intermédio de pancadas e os relata de maneira coloquial:

²³De acordo com Kardec (1995), há uma ordem crescente de evolução dos mundos: Mundos primitivos; Mundos de provas e expiações; Mundos dos regenerados; Mundos ditosos; Mundos felizes, celestes, divinos.

[...] o primeiro fato observado por mim foi o de objetos diversos colocados em movimento. Designaram-no vulgarmente sob o nome de mesas girantes ou danças das mesas. Esse fenômeno, que parecia ter sido observado primeiro na América se renovou nesse continente, porque a história prova que ele remonta à mais alta Antiguidade, e se produziu acompanhado de circunstâncias estranhas, tais como ruídos insólitos e pancadas sem causa ostensiva conhecida. De lá ela propagou-se rapidamente pela Europa e outras partes do mundo. Em princípio levantaram muita incredulidade, mas a multiplicidade das experiências logo não mais permitiu que se duvidasse da realidade (KARDEC, 1997a, p. 12).

Para alguns, aquele fenômeno das mesas girantes era somente um acontecimento comum. Para Rivail, não. Havia naquele fenômeno uma “manifestação inteligente” (KARDEC, 1974). Movido por uma mente inquieta, o pesquisador resolveu, então, estabelecer um criterioso método de perguntas para reconhecer o que havia por trás daquela “manifestação”. Assim, formula perguntas que sirvam de diálogo com aquelas “manifestações” ou “espíritos” como ele mesmo nomeia. A partir da convivência diária com sua pesquisa sobre a doutrina, Allan Kardec chegou à conclusão de que os espíritos são seres inteligentes da criação; são criados ignorantes e evoluem ao longo de várias vidas até alcançarem a perfeição. Dividem-se em espíritos puros ou superiores (perfeição máxima), bons espíritos (em que predomina o desejo do bem) e espíritos imperfeitos (caracterizados pelo desejo do mal) (KARDEC, 1974).

Tempos depois, em uma das sessões de codificação e sistematização, atendendo à solicitação dos espíritos superiores, aqueles considerados em estágio de perfeição máxima, Rivail assumiu o pseudônimo de Allan Kardec. Segundo seu mentor espiritual Zéfiro, Allan Kardec foi um nome que tivera em outra vida quando então era um Sacerdote Druida.²⁴ Após tal revelação, o pesquisador francês passou a dedicar-se inteiramente ao kardecismo/espiritismo, relata Vilhena (2008).

²⁴ O termo *druida* quer dizer consciência do carvalho, a árvore sagrada dos celtas. Os futuros sacerdotes, escolhidos na classe aristocrática, submetiam-se, desde crianças, a intenso aprendizado junto aos druidas mais velhos. Os druidas não se limitavam à religião, acumulando a função de juízes, professores, médicos, conselheiros militares e guardiões da cultura céltica. O cargo não era exclusivo dos homens, pois também existiam druidesas. Viviam integrados à comunidade e podiam se casar. Estimulavam os homens a combater o mal e a praticar bravuras, e as mulheres a serem o ponto de união entre o céu e a terra. Júlio César os perseguiu duramente porque insuflavam a resistência ao domínio romano. Segundo o próprio Imperador, foi na Gália em que ele viveu a mais árdua de suas campanhas. ELIADE, Mircea. **História das crenças e das ideias religiosas**: de Gautama Buda ao triunfo do cristianismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 129. 3v., v.1. (Espírito e matéria) v.2.

2.3 Os textos fundadores: o arcabouço teórico do espiritismo kardecista

O espiritismo original colhido pelas mãos de Allan Kardec floresceu em 1857 na França, quando é então sistematizado em forma de doutrina por meio do *O livro dos espíritos*, a primeira²⁵ das cinco obras que compõem os cânones da literatura deixada pelo pesquisador e pedagogo francês.

A primeira obra da codificação, *O livro dos espíritos*, possui esse nome por se tratar de um diálogo com os seres desencarnados - os espíritos (aqueles que Alma já não têm) que partiram para o plano espiritual, porém se fazem presentes no plano físico via manifestação dos mediuns.

É importante ressaltar também que para a doutrina dos espíritos todos os seres humanos que habitam o plano físico têm uma alma. Após o desencarne e partida para o plano espiritual, tais almas transmutam-se em espíritos.

A introdução de *O livro dos espíritos* sinaliza, com informações vindas do plano espiritual, que a divergência de opiniões quanto à palavra alma vem da aplicação que cada um faz da palavra.

Para alguns, a palavra alma é o princípio orgânico da vida. Sem ela não há energia - Ela é ânima - o que anima, o que coloca em movimento. Quando não está presente, a vida cessa. Faz-se presente uma ideia dos materialistas genuínos. Após a morte do corpo físico, nada há a fazer. O fim de tudo o que animou a vida. Outros levam a discussão para um caminho diferente.

A alma é o princípio da inteligência, agente universal do qual cada ser absorve uma porção. Depois da morte, cada um retorna à fonte comum da natureza e se confunde com o todo, como os riachos e os rios retornam ao mar de onde vieram. Outros pensam a alma como algo que tem um caráter universal que seria Deus, e cada um é parte dessa Divindade - seria uma variedade do Panteísmo.

Os espiritualistas, segundo *O livro dos espíritos*, pensam em alma como um ser moral, distinto, independente da matéria e que conserva sua individualidade e particularidades depois que falece, morre. A ideia de este ser (alma) que sobrevive ao corpo se encontra em estado de crença instintiva. A alma é causa e não efeito.

²⁵ Somente na França o livro teve 15 (quinze) reedições, segundo a "União Espírita Mineira".

Tais significados postos em *O livro dos espíritos* com relação ao pensamento dos materialistas e panteístas não colidem com o entendimento dos espiritualistas, segundo Kardec (1997a).

O que seria então alma para os kardecistas? Alma é o princípio vital e princípio da vida material e orgânica. É comum a todos os seres vivos desde as plantas até ao homem. A alma está ligada à vitalidade. O princípio vital é uma propriedade da matéria, um efeito que se produz quando a matéria se encontra em circunstâncias dadas. Existe também uma concepção de que a alma reside em um fluido especial e que cada corpo absorve e assimila uma parte durante a vida. Existe o fluido vital, que vem a ser o fluido elétrico animalizado, adjetivado também de fluido magnético e fluido nervoso. Cada ser vivo possui uma força íntima que produz o fenômeno da vida. A alma nos intervalos das encarnações é um espírito errante que aspira a novo destino. Esses intervalos podem variar de horas a alguns milhares de séculos. Esse tempo é uma consequência do livre-arbítrio²⁶.

Na pergunta 225²⁷ de *O livro dos espíritos*, a resposta para tal indagação sobre a (re) encarnação é esclarecedora:

Os espíritos sabem perfeitamente o que fazem, porém, para alguns não encarnar é uma punição imposta por Deus. Outros pedem para que ela (a reencarnação) seja prolongada, a fim de continuarem estudos que não podem ser feitos com proveito, senão no estado de espíritos (KARDEC, 1997a, p.131).

Esmiuçar os aspectos científico-filosóficos do espiritismo não será a espinha dorsal da pesquisa e, sim, parte dela. A razão pela qual tais fatores não serão sublinhados com todas as cores deve-se à escolha de ser o ponto fulcral as considerações do aspecto religioso. Esse é o ponto que interessa e que dialogará

²⁶ Livre-arbítrio é a liberdade que o homem tem de agir, de pensar. Sem o livre-arbítrio o homem seria uma máquina. Na doutrina espírita, o livre-arbítrio é de suma importância. O homem é fatalmente conduzido ao mal; aos que ele realiza. Não estão antecipadamente escritos; os crimes que ele comete não resultam de uma sentença do destino. Ele pode, como prova e expiação, escolher uma existência em que terá os arrastamentos do crime, seja pelo meio em que está colocado, seja pelas circunstâncias que o sobreviverão, mas está sempre livre para agir ou não agir. Assim, no estado de espírito, o livre-arbítrio existe na escolha da existência e das provas; e no estado corporal, na faculdade de ceder ou de resistir, aos arrastamentos aos quais estamos voluntariamente submetidos. Cabe à educação combater essas más tendências e o fará utilmente quando estiver baseada no estudo profundo da natureza moral do homem. Pelo conhecimento das leis que regem essa natureza moral, chegar-se-á a modificá-la, como se modifica a inteligência pela instrução e o temperamento pela higiene. (KARDEC, 1997a, p. 325).

²⁷ A erradicidade é, por si só, um sinal de inferioridade dos espíritos? (KARDEC, 1997a, p.131).

com os depoimentos colhidos e com os pressupostos teóricos adotados. Nesse sentido, caberá a este estudo o problema apresentado como título: explicar a busca de uma terapêutica religiosa no espiritismo tropicalizado ante uma situação de adoecimento.

Segundo Damazio (2005, p. 64), o espiritismo kardecista é uma doutrina de origem européia, que foi incorporada em meados do século XIX ao pensamento brasileiro e se apresentou como mais uma opção entre o catolicismo de uma elite e as formas religiosas populares, com a vantagem de conciliar o aspecto tradicional da religião ao aspecto moderno da ciência.

Kardec afirma que a doutrina espírita não apresenta ideias novas. Uma vez que “bebeu” nas fontes de Sócrates, Platão e no hinduísmo, o pesquisador e pedagogo francês salienta que os ensinamentos dos espíritos podem ser encontrados na filosofia da Índia e da Grécia - por meio da crença na reencarnação:

O espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que dimanam dessas mesmas relações. O espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal (KARDEC, 1997a, p. 50).

Há quem pense que os tons científico, filosófico e religioso tenham sido atribuídos à doutrina por indicação dos espíritos. Kardec (1997a) refuta essa crença e toma para si tal autoria. A maneira formal e objetiva do texto, escrito por meio de perguntas e respostas, não deixa dúvida quanto às marcas do modelo positivista nas postulações do francês. Formular perguntas e respostas remete também aos livros de catecismos da Igreja Católica, que usavam a técnica neste período.

No final do século XIX, várias tendências digladiam-se. Começa a circular outro gênero de leitura, sem laivos de confessionalidade, fazendo frente aos textos com caráter estritamente religioso. Tais textos não se extinguem, no entanto a procura e o foco começam a girar em outras direções; o registro começa a mudar. A literatura religiosa toma um novo formato a partir de novos grupos, movimentos e correntes religiosas que surgem. A tônica não é mais religião que catequiza e evangeliza. A produção de livros versa sobre outros assuntos, como ciência, saúde, espiritualidade. Os livros de Kardec são pensados nessa estrutura literária.

Cabe ressaltar que, a partir de minuciosa pesquisa em *O livro dos espíritos*, houve uma intencionalidade por parte de Kardec de envolver a doutrina nos tons da cientificidade e imbuí-la desses tons. Se não o fizesse, provavelmente, a doutrina antes de içar velas aos ventos franceses declinaria. Era vital acrescentar a uma doutrina que dava seus primeiros passos, em meados do século XIX, o caráter científico.

Assim, Kardec codificou a doutrina dentro de uma metodologia positivista - perguntava por meio de batidas nas mesas girantes e os espíritos respondiam. O pedagogo francês deu acordes metódicos à sua revelação. No entanto, Kardec não ignorou, como um cientista atento, que os tempos e as ideias sofrem alterações com a criação de novos espaços e novas temporalidades.

Na análise de Costa e Schwarcz (2000), o século XIX, do início até meados, foi eminentemente positivista com todos os tons possíveis. O positivismo, concebido por Auguste Comte (1789-1857) citado por Costa e Schwarcz (2000), consiste em considerar que o conhecimento humano é limitado exclusivamente aos fenômenos, e que esse próprio conhecimento é relativo, rejeitando como vã toda pesquisa sobre as causas principais e finais, opondo-se radicalmente ao que nasce da pura imaginação ou que resulta de um ato involuntário. Enfatizam ainda que o final do século XIX representa o momento de triunfo de certa modernidade que não podia esperar.

No entender desta pesquisa, *O livro dos espíritos* é o principal diálogo com o Plano Espiritual. O livro de 464 páginas está descrito em livros e capítulos.²⁸ Ao abrir *O livro dos espíritos*, o leitor depara-se com um comentário de Kardec sobre a escolha do termo espiritismo:

²⁸ Livro primeiro: As causas primeiras. Capítulo I: Deus; Capítulo II: Elementos gerais do universo; Capítulo III: Criação; Capítulo IV: Princípio vital. Vida espiritual; Capítulo V: Pluralidade da existência; Capítulo VI: Considerações sobre a pluralidade das existências; Capítulo VII: Retorno à vida corporal; Capítulo VIII: Emancipação da alma; Capítulo IX: Intervenção dos espíritos no mundo corporal; Capítulo X: Ocupações e missões dos espíritos, Capítulo XI: Os três reinos; Livro Segundo: O mundo espírita ou dos espíritos: Capítulo I: Dos espíritos; Capítulo II: Encarnação dos espíritos; Capítulo III: Retorno da vida espiritual para a Livro terceiro: Leis morais. Capítulo I: Lei divina ou natural; Capítulo II: Lei de adoração; Capítulo III: Lei do trabalho; Capítulo IV: Lei de reprodução; Capítulo V: Lei de conservação; Capítulo VI: Lei da destruição; Capítulo VII: Lei do progresso; Capítulo IX: Lei da igualdade; Capítulo X: Lei da liberdade; Capítulo XI: Lei da justiça, de amor e de caridade; Capítulo XII: Perfeição moral. Livro Quarto: Esperanças e consolações. Capítulo I: Penas e gozos terrestres; Capítulo II: Penas e gozos futuros. (KARDEC, 1997a).

Para as coisas novas necessitam-se palavras novas, assim o que quer a clareza da linguagem para evitar a confusão inseparável do sentido múltiplo dos mesmos vocábulos. As palavras espiritual, espiritualista e espiritualidade têm uma acepção bem definida [...]. O espiritualismo é o oposto do materialismo; quem quer que acredite haver em si alguma coisa além da matéria é essencialmente espiritualista; mas não segue daí que creia na existência dos espíritos ou em comunicações com o mundo visível. Diremos, pois, que a doutrina espírita ou o espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do espiritismo serão espíritas ou, se o quiserem, os spiritistas (KARDEC, 1997a, p. 9).

No livro *O que é o espiritismo*, no capítulo I: da Pequena conferência espírita - primeiro diálogo -, Kardec, mediante perguntas e respostas, trava um diálogo com um visitante sobre os princípios da doutrina. O visitante insiste para que Kardec demonstre o fenômeno das mesas girantes, o que o fará convencido e dissuadido sobre a fidelidade dos relatos do pesquisador e, obviamente, sobre os princípios da doutrina. Kardec responde ao visitante:

Lamento-o, caro senhor, porém não tenho o dom de fazer milagres. Julgais que uma ou duas sessões bastariam para adquirirdes convicções? Seria, realmente, um verdadeiro prodígio; eu precisei mais de um ano de trabalho para ficar convencido; o que prova que não cheguei a esse estado inconsideravelmente. Além disso, não realizo sessões públicas e parece-me que vos enganastes sobre o fim de nossas reuniões, visto não fazermos experiência com o fito de satisfazer a curiosidade de ninguém (KARDEC, 2003, p. 55).

Segundo Stoll (2004), o ato da fala de abertura do primeiro livro de Allan Kardec estabelece os termos de inserção do espiritismo no contexto religioso da atualidade quando escreve - como especialidade, *O livro dos espíritos* contém a doutrina espírita.

A obra sistematizada pelo codificador do espiritismo é extensa. Os livros de estudos da codificação são os seguintes: *O livro dos espíritos* (1997a); *O livro dos mediuns* (1997b); *O evangelho segundo o espiritismo* (2005b); *Céu e inferno* (1979); *Gênese* (2005a). Em 1869, publica *O que é o espiritismo* (2003). Nele, estão expostos os princípios da doutrina com uma discussão muito séria e apropriada sobre as objeções daqueles que desconhecem os seus cânones.

A obra *O livro dos espíritos*, publicada em abril de 1857, é considerada de fundamental importância como fonte de estudo para os adeptos do espiritismo. É dividida em quatro partes: *A imortalidade da alma*; *A natureza dos espíritos e suas relações com os homens*; *As leis morais* e *O porvir da humanidade*. Várias foram as

obras que se desdobraram dessa, surgindo outros livros de estudo da Codificação.

O *livro dos mediuns* (1861) é o desdobramento da segunda parte de *O livro dos espíritos*, e nele o autor discute os gêneros, as manifestações mediúnicas, os meios de comunicação com o mundo invisível da educação para a mediunidade e as dificuldades que se possam encontrar para sua prática.

A outra obra, *O evangelho segundo o espiritismo* (2005b), que corresponde à terceira parte do *O livro dos espíritos*, consiste em estudos sobre a parte moral dos ensinamentos de Jesus, o grande Mestre e Consolador da doutrina, analisados à luz dos princípios do espiritismo. É um estímulo à prática diária da doutrina. Versa sobre a caridade e o amor, princípios fundantes do espiritismo. Para a doutrina, não existe bem maior que a caridade. Caridade? Essa doutrina é sinônima de amor.

O livro de estudo que se segue é *Céu e inferno* (KARDEC, 1979), visto também como a Justiça Divina segundo o espiritismo. Nele, Kardec discute a quarta parte de *O livro dos espíritos*. Oferece um exame de todas as teorias sobre a vida pós-morte e analisa, criteriosamente, os princípios espíritas. Discute o céu e o inferno, os anjos, os demônios e, na segunda parte, apresenta depoimentos de espíritos em situações diversas, após a morte do corpo físico.

Em *Gênese* o Kardec (2005a), discorre sobre a primeira parte da obra. Descreve o desenvolvimento de temas: como Caracteres da revelação; A existência de Deus e seus atributos; a Origem do bem e do mal; a Evolução da vida na terra, a Gênese orgânica espiritual; a Encarnação e a reencarnação; a Gênese mosaica; os “milagres” do evangelho sob nova ótica; o Estudo da natureza dos fluidos; o perispírito; as Predições e o porvir da humanidade.

O espiritismo prova a existência de Deus por meio de uma lei da física segundo a qual “Não há efeito sem causa”. Esse axioma traz claramente - um efeito inteligente pressupõe uma causa inteligente.

Deus é uma forma Inteligente Suprema. Eterno, imutável, imaterial, justo, bom e onipotente, segundo Ângela Levy²⁹, pesquisadora da Torah, *o livro sagrado dos judeus*, e também das obras espíritas, em particular de *O livro dos espíritos*.

Para a doutrina espírita, existe a pluralidade dos mundos, isto é, vários são os mundos e diferentes são seus habitantes. Essa diversidade de mundos está em consonância com a necessidade evolutiva de seus habitantes. Segundo Ângela

²⁹ Integrante da diretoria do Instituto Israelita de Minas Gerais, em depoimento para a pesquisa.

Levy, em depoimento exclusivo para esta investigação, os mundos também evoluem, progridem, à medida que os que neles habitam, também, evoluem. Tudo na natureza é gradativo. Progride aos poucos, aprimora-se. Assim também é o ser humano na perspectiva da doutrina espírita.

De acordo com Allan Kardec, o codificador da doutrina, há uma ordem crescente de evolução dos mundos: Mundos primitivos; Mundos de provas e expiações; Mundos dos regenerados; Mundos ditosos; Mundos felizes, celestes e divinos.

A Terra já foi um mundo primitivo. Hoje é uma seara de provas e expiações. Está em constante renovação e transição, para ser um mundo melhor e de regenerações. Nos mundos mais evoluídos, encontram-se o bem e o livre-arbítrio bem desenvolvidos. Nos menos evoluídos, existem a maldade e o determinismo como princípio de vida.

Cabe lembrar que a ordem crescente e a divisão com relação à evolução dos mundos é ponto importante para o kardecismo/espiritismo tropicalizado. À medida que se evolui espiritualmente, principalmente o planeta, ascende-se à outra escala evolutiva. Hoje, vive-se em um mundo de provas e expiações. No entanto, a tendência é que haja a evolução e que todos alcancem outros mundos até que se tornem parte do Mundo Divino. O espírito André Luiz, no livro *Missionário da luz* (2004), discursa sobre as “emanações de natureza psíquica que envolvem a humanidade, proveniente de seres desencarnados que rodeiam a Terra”.

No livro *Espiritismo e ecologia*, Trigueiro (2009), discute a questão com muita seriedade. No capítulo sobre poluição e psicofera, brinda-nos com a afirmação do Emanuel Swedenborg³⁰ sobre a existência de uma densa nuvem que se havia formado em redor da terra, devido a uma grosseria psíquica praticada pela humanidade.

Nesse sentido, é fundamental marcar a importância das preces e orações para limpar este ambiente que, muitas vezes, fica carregado de vibração negativa.

³⁰ Emanuel Swedenborg foi catedrático de Matemática na Universidade de Uppsala, ao mesmo tempo em que pesquisava profundamente áreas tão distintas quanto Anatomia e Geologia, Astronomia e Hidráulica. Quando dominava o assunto, publicava obras sobre suas conclusões, obtendo o respeito de outros especialistas e autores das diversas áreas. Vários conceitos emitidos por Swedenborg, nesses estudos, são considerados como pioneiros. Em razão dessas realizações, Swedenborg passou a ser considerado um dos heróis nacionais na Suécia, razão por que seu retrato se encontra no *hall* da Academia de Ciências daquele país e seu túmulo entre os de reis suecos, em uma catedral de Estocolmo.

Os tratamentos nos centros espíritas são oferecidos como um dos principais serviços à comunidade devido ao seu caráter preventivo. Durante um tratamento espiritual, as preces que são feitas, as vibrações que são aspergidas nos diversos ambientes ajudam a purificar o planeta (o coletivo) e não só o indivíduo.

Os dirigentes dos dois centros pesquisados na cidade mineira de Santa Luzia, da Casa de caridade Nosso Lar e da casa de caridade Irmã Fabíola na cidade de posicionaram-se de forma muito parecida com relação ao tratamento espiritual. São enfáticos ao afirmar que a evolução espiritual individual e coletiva só acontece se os princípios cristãos (caridade e amor ao próximo) forem efetivamente exercidos.

3 O ESPIRITISMO TROPICALIZADO

O presente capítulo aponta, inicialmente, para a elaboração do conceito de espiritismo tropicalizado. Assim, busca fundamentar as bases da referida perspectiva na combinação, no sentido de acolhimento e acomodação do espiritismo europeu às práticas existentes no Brasil, oriundas da religiosidade popular que, por sua vez, já refletiam o mesmo fenômeno de inculturação das matrizes africanas, indígenas e lusitanas.

Discute o itinerário do espiritismo no Brasil, revelando as peculiaridades inerentes às propostas dos partidários da doutrina, bem como suas relações com movimentos políticos e religiosos existentes no país ao longo de seu desenvolvimento e estabilização. Aponta, do mesmo modo, para a ideia de sistematizá-lo como doutrina, ao querer trazer para si o “rótulo” de religião civil, o que o fez se confrontar diretamente com a religião institucional e majoritária (cristianismo católico).

O capítulo indica, também, a forma como foi a difusão das ideias do espiritismo tropicalizado. Se em um primeiro momento tais esquemas apareceram um tanto diversificados nos modos de apresentação e vivência, a própria manutenção do corpo de ideias como doutrinas aceitáveis por seus membros requeria uma unificação do movimento espírita no Brasil. A pesquisa discute essa passagem ao tratar do pacto de unificação da doutrina no país.

Prossegue analisando exemplos de mediuns da cepa de Chico Xavier, buscando ilustrar a ideia que subjaz ao conceito inicial do trabalho: espiritismo tropicalizado.

Ao mesmo tempo, busca expor as resistências que ocorreram, quer no campo religioso, quer no campo profissional liberal (leia-se campo médico), o que veio a culminar em contendas de cunho jurídico que influenciaram até uma Constituição do Brasil. O capítulo, nesse sentido, menciona a prática de se oferecer consultas e avariar receitas para a cura de diferentes males, o que acabou levando a doutrina espírita a ser designada como uma espécie de charlatanismo.

Nesse mesmo compasso, o referido capítulo aborda, na época nascente - e ainda por algum tempo - as práticas apresentadas como marcadamente anticatólicas

eram marginalizadas e tratadas como detestáveis. A pesquisa, por sua vez, demonstra que todo esse processo de busca por tisonar o espiritismo acabou levando, necessariamente, a um revide que se operou pela difusão das obras de cunho prático, colocadas sob o viés literário. Data dessa época a publicação do jornal Reformador³¹, cujo editor foi Bezerra de Menezes. Por veículos como esse, os espíritas enfatizavam os caracteres mais fulcrais de sua doutrina: o combate às enfermidades, a diminuição da miséria e a prática da caridade.

Cumprе ressaltar a importância do jornal Reformador como um instrumento de divulgação do espiritismo no sentido de doutrina que atendia - e atende - a todas as classes sociais, sem distinção.

À época, era impresso como um jornal, com quatro páginas, formato que conservou até dezembro de 1902. O periódico, então com modesta tiragem, vinha a público quinzenalmente. Uma boa quantidade de cada edição era despachada via marítima para Lisboa, onde cumpria idêntica função de divulgação da doutrina.

Nessa perspectiva, o capítulo vai ilustrando o percurso do espiritismo tropicalizado, com relatos colhidos durante a pesquisa de campo. Por esse fio, chega ao processo que desencadeia a associação do espiritismo com cultos afro-brasileiros umbanda. Por fim, revela traços de um grande expoente da doutrina espírita no Brasil: Chico Xavier.

³¹ O periódico foi lançado em 1883 com o nome de Reformador, por iniciativa do português radicado no Rio de Janeiro, Augusto Elias da Silva. As mensagens recebidas pelo médium Fernando de Lacerda, em **Do paiz da luz** causavam vivos debates. Note-se que a pequena tiragem sequer cobria as despesas de confecção, em vista de perfazerem os assinantes um número irrisório, de cem a duzentos, sendo o excedente de exemplares, geralmente o dobro, distribuído gratuitamente. O artigo de fundo do primeiro número afirmava as diretrizes de paz e progresso pelos quais se nortearia o "órgão evolucionista", definindo ainda os "alevantados" objetivos que tinha em vista alcançar. Apresentava-se como mais um "batalhador da paz", armado da tolerância e da fraternidade, e empunhando a bandeira de Ismael. Sob a direção do então Major Francisco Raimundo Ewerton Quadros, o periódico, em seus primórdios, bateu-se pela emancipação dos escravos e pela autonomia do Distrito Federal, afirmando, em diversas edições, não ser digno intitular-se espírita quem quer que possuísse criaturas humanas sob o regime de escravidão.(CORAL Espírita Vida e Luz..., 2007).

3.1 Espiritismo tropicalizado: uma doutrina dos espíritos ou uma religião dos espíritas?

Ao pesquisar a entrada das religiões mediúnicas no Brasil e descrevê-las, Camargo (1961), mostra, em seu livro *kardecismo e umbanda*, que a doutrina espírita cruzou o oceano vindo da França em meados do século XIX.

Ao cruzar o oceano e ancorar no Brasil, a doutrina espírita precisou se adequar às condições e costumes da sociedade brasileira. Para tanto, apoderou-se de algumas práticas e ritos afros e indígenas, assim como de algumas propedêuticas da Medicina Homeopática (passes magnéticos e farmacologia).

Outro ponto importante foi o amálgama com as práticas do cristianismo católico (evangelização de crianças, campanha do quilo, fluidificação de água, leitura/interpretação do Evangelho). Essa mistura de ritos afros e indígenas, procedimentos homeopáticos e práticas cristãs é o que caracteriza, na pesquisa, o termo tropicalização. O processo de tropicalização foi de fundamental importância para a consolidação da doutrina no campo religioso brasileiro:

Xangôs de hoje não são sucessores dos Xangôs do século XVI, a evolução se processou na linha descontínua, porém, pontilhada de criações, desaparecimentos e novas aparições de seitas [...] Em todo caso, desde o começo, a religião dos negros exerceu uma estranha sedução sobre as populações não negras e, dessa maneira, esse fenômeno perpetuou. (BASTIDE, 1989, p. 198).

Desde seu advento no Brasil, o espiritismo perdeu o caráter originalmente científico e experimentalista, uma vez que grande parte dos espíritas brasileiros preferia enfatizar o aspecto religioso em detrimento do pensamento racionalista de Kardec.

Aubree e Laplantine (2009, p. 184) corroboram essa ideia ao explicar que os ensinamentos de Allan Kardec adquiriram, no Brasil, um viés religioso, pois lhes foram incutidos ritos tipicamente cristãos, constituindo-se, dessarte, os centros espíritas brasileiros em uma espécie de igreja. Tal inclinação à religiosidade cristã, acrescida de crenças indígena e afro, propiciou o despontamento do fenômeno intitulado “cultura brasileira dos espíritos”, cuja intimidade com os santos, eguns e orixás é sua principal característica. Em relação ao sincretismo do espiritismo,

Berkenbrock (2007) esclarece que:

Essa forma de espiritismo, como religião dos pobres e sem ajuda, é que entrou em contato no Brasil com as religiões afro-brasileiras. Neste meio, o espiritismo foi reinterpretado e recebeu claramente uma conotação afro-brasileira. Esse espiritismo reinterpretado é chamado também, muitas vezes, “baixo espiritismo”. Os espíritos desencarnados são aqui interpretados e classificados dentro da lógica das religiões afro-brasileiras (BERKENBROCK, 2007, p.146).

O fato de ter se ancorado em solo brasileiro não quer dizer que tenha se tropicalizado de imediato. O processo não foi moroso, mas por vezes difícil. Além do forte tom católico, existiam (e ainda existem) as religiões de origem afro.

Ortiz (1991), em sua obra, *A morte branca do feiticeiro negro: umbanda; integração de uma religião numa sociedade de classes*, publicada em 1991³², sinaliza que:

[...] existe uma evidente fratura do universo religioso dos escravos e a assimilação de seus elementos pela tradição cristã. O resultado, no entanto, não foi a africanização do cristianismo nos trópicos, mas a cristianização das religiões africanas, que só assim puderam ser aceitas num ambiente dominado por uma elite que se pretendia européia, adepta de alguns modismos, principalmente os franceses (ORTIZ, 1991, p. 45).

O espiritismo chega como mais um desses modismos. Em pouco tempo, converteu-se em alternativa religiosa de vanguarda, cujo *élan* estava no *glamour* de se conjugar em uma doutrina o caráter científico e o caráter filosófico associado a um anticlericalismo que ia ao encontro dos anseios de um público de opositores ilustrados da Corte, tais como alguns abolicionistas, republicanos, dentre outros.

Vilhena (2008) chama a atenção para algumas influências francesas com relação aos estudos nos grupos que, até então, estavam constituindo-se:

Tal como havia ocorrido na França, os grupos espíritas brasileiros utilizavam-se da literatura como veículo para a divulgação da doutrina de Kardec. No (exercício diário da doutrina espírita no Brasil o estudo faz parte dos tratamentos e elevação espiritual). Do grupo sediado na Bahia, em 1865, vem à luz o primeiro periódico espírita - *Echos de além-túmulo*. Vale lembrar que nessa época Kardec ainda escreve algumas de suas principais obras (VILHENA, 2008, p. 44).

³² A primeira edição da obra foi publicada em 1978, pela Editora Vozes. A segunda em 1988 e em 1991 e 2010 foi reimpressa pela Editora Brasiliense. Para este estudo, foi utilizada a edição de 1991.

A doutrina aporta inicialmente no Brasil sem ares de religião e vai por uma necessidade premente de sobrevivência se cristianizando e derramando-se como água pelos diversos estados, principalmente no Rio de Janeiro, Bahia e São Paulo. Assim, a doutrina é inserida em um ambiente de maioria católica. Seu florescimento foi difícil. As relações entre o clero católico e o império viviam em um substrato de tensão.

A igreja católica se manifestava contra as ordens do governo civil quando o assunto era eclesiástico. A chamada questão religiosa,^{33 34} ocorrida de 1872 a 1875, foi uma delas. O catolicismo tinha a hegemonia e liderança em solo nacional. Era a religião oficial do país. Podia-se constatar tal hegemonia no que dispunha o artigo 5º da Constituição do Império de 1824: “A Religião Católica Apostólica Romana continuará a ser a religião do Império” (BRASIL, 1824).

No mesmo dispositivo constitucional aparece a garantia de um lugar privilegiado de oficialidade. Abria a possibilidade, contudo, de que outros credos se estabelecessem. Logicamente, os simpatizantes e/ou seguidores de outros credos teriam que praticá-lo com a maior discrição possível. Recomendava-se que as práticas das outras religiões acontecessem em lugares sem identificações externas, para que se evitasse a conversão de alguns e o incitamento a outros credos.

A proposta inicial dos grupos espíritas é de que a doutrina espírita/espiritismo se configurasse como uma religião civil, racional, sem cores de uma confessionalidade engessada por hierarquias. Seus textos oficiais deveriam ser as cinco obras escritas pelo codificador e sistematizador da doutrina, Allan Kardec.

Assim, inicia-se um amálgama importante para a fixação do espiritismo em solo brasileiro: a doutrina começa a despontar como uma pretensa religião que tem contato com os mortos via intervenção dos mediuns ou mediúnica.

Cabe lembrar que a figura do medium nos centros espíritas sempre foi de fundamental importância. Por meio deles, o plano espiritual se manifesta. É apropriado trazer para o texto o discurso do senso comum com relação ao

³³ O autoritarismo político, em uma época em que não se entendia uma sociedade organizada em base não religiosa, vai impor aos indivíduos a religião oficialmente adotada pelo Estado. Tal fato e o radicalismo das igrejas, cuja intolerância mútua será responsável por uma série de eventos da história europeia, deram origem às chamadas “guerras de religião” e a inúmeros movimentos de perseguição religiosa (GOMES, 19 -, p.15). (Ao ser publicado pela primeira vez em 1974, esse livro se denominava *História do Brasil*).

³⁴ Outras análises sobre a questão religiosa estão nos estudos de: VILLAÇA, Antônio Carlos. **História da questão religiosa no Brasil**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1974.

movimento de comunicação entre os planos físico e espiritual por intercessão da figura do medium.

Em depoimento a essa pesquisa João, medium psicógrafo, sinalizou a existência de uma máxima que circula nos centros espíritas com relação a tal intercâmbio (movimento de comunicação). O referido medium informou que:

O telefone só toca do plano espiritual para o plano físico. Nunca o contrário. Os espíritos é que se manifestam e só o fazem quando é dada a permissão por uma espiritualidade superior. Há que se ter condições adequadas para a comunicação entre os dois planos. (João)³⁵.

Em outras palavras, em uma linguagem popular: o espírito é que dá o ar da graça no plano físico. A comunicação não depende da vontade (só) do medium.

Nas reuniões mediúnicas, há uma preparação para a manifestação dos espíritos. O ambiente é devidamente harmonizado pelo medium que coordenará a reunião. Assentados em círculo, os mediuns entrelaçam as mãos como se formassem uma corrente e, em prece, aguardam as manifestações do plano espiritual. É fundamental lembrar que o “telefone só toca de lá para cá”. Geralmente, o medium coordenador da reunião coloca seu corpo à disposição, como se fosse um instrumento, para que algum espírito se manifeste. Pode acontecer de o espírito se manifestar em outro medium da mesa, que não seja o coordenador daquela sessão.

Existem recomendações e procedimentos que devem ser seguidos antes de uma sessão mediúnica - reunião dos mediuns do centro. Recomenda-se que no dia das reuniões não se coma carne, não faça uso de bebidas alcoólicas e condimentos picantes. Há centros que proíbem a relação sexual 24 horas antes (a liberação de energia em um ato sexual é muito grande).

Todas as recomendações se dão pelo fato do dispêndio de energia. Para que o intercâmbio aconteça com boa fluidez, faz-se necessário que o medium esteja sem toxinas ou com o mínimo delas circulando em seu corpo e que sua vibração encontre-se em equilíbrio.

Os mediuns que se encontram em tratamento espiritual ou físico, ou que estejam fazendo uso de algum medicamento controlado (tarja-preta) são afastados durante algum tempo até que recobrem a vibração adequada para voltar ao trabalho mediúnico.

³⁵ João. Superior completo, médico, entrevista realizada em Santa Luzia, 21 jun. 2010.

3.2 Legitimação e identidade: institucionalização e tropicalização do Espiritismo

As primeiras notícias de que se têm da formação de grupos espíritas no Brasil são da década de 1860. Na mesma época, são feitas as primeiras traduções das obras de Kardec, providenciadas pelo médico Joaquim João Travassos, nascido em 1839 e falecido em 1915.

Os espíritas brasileiros, que se iniciavam na doutrina, eram orientados pelos mediuns a lerem intensamente, para adquirir uma formação sólida com relação à cultura doutrinária. A conduta daquele que se dizia espírita deveria ser ilibada. A prática da caridade deveria ser uma constante no exercício diário - que para o espiritismo é de suma importância. Esse exercício da caridade no espiritismo tropicalizado vincula-se às práticas cristãs/católicas.

Os centros espíritas se comportavam de maneiras diferentes quanto à prática da doutrina, e isso começou a incomodar os adeptos que procuravam um rigor religioso ou uma institucionalização. As pessoas que aderiram à doutrina começaram a buscar homogeneidade no exercício da prática dos ritos com relação aos princípios postulados por Allan Kardec. Ao mesmo tempo em que ter uma unificação poderia parecer um bom caminho, havia aqueles dirigentes e adeptos que optavam por uma diversidade de atuação, com a alegação de que essa diversidade trazia vitalidade para o universo do espiritismo. Cada centro espírita começou a ter suas particularidades e a interpretar livremente *O evangelho segundo o espiritismo*, assim como as outras obras escritas/psicografadas pelo francês Allan Kardec.

À luz de Negrão (1996), verifica-se que não há uma anulação das práticas do catolicismo por parte dos adeptos e dos simpatizantes que se confessavam espíritas, conforme se observa no depoimento presente na obra *Entre a cruz e a encruzilhada*:

Todo mundo na minha família era católico, eu fui batizada, fiz primeira comunhão, me casei na igreja. Meus filhos também foram batizados na igreja católica. [...] A nossa fé no que nós acreditamos não muda porque você foi batizado na igreja católica, então eu batizo no espiritismo, mas eu acho que na religião católica é muito mais bem batizado (NEGRÃO, 1996, p. 303).

Podemos também constatar tal fenômeno descrito na obra *Uma carta de Bezerra de Menezes*, direcionada ao irmão do autor que, àquela época, recriminava-o por abraçar a doutrina espírita:

Se eu não fosse cristão - e cristão convencido, pensa você que haveria consideração mundana que me fizesse suportar as calúnias injuriosas de que tenho sido vítima?! Deus sabe quanta energia e tem sido precisa para conter os ímpetos de minha natureza fogosa, nessas dolorosas conjunturas em que tenho me visto. Só Jesus Cristo podia dar a mim a mais suave encantadora das virtudes humanas: a paciência e a caridade (MENEZES, 2008, p. 12).

Segundo Camargo (1961), a tendência institucional no espiritismo procurava dar aos seguidores da doutrina uma educação formal por meio das escolas de mediuns: aulas de passes, ensinamentos sobre a prática semanal do culto no lar e formação de evangelizadores, práticas inspiradas nos moldes católicos. Essa formação tinha tempo determinado. Demorava às vezes até quatro anos e era ministrada pela Federação Espírita de São Paulo.

A fluidificação das águas também era discutida nos cursos. As águas, no entanto, só podiam ser fluidificadas pelos espíritos em sessões mediúnicas ou cabines especiais. É importante demarcar como mais uma marca da tropicalização, com relação aos ritos no espiritismo, a fluidificação de águas, colhida do catolicismo. Assim, acredita-se que o espiritismo tenha sido, apesar de todas as resistências, acolhido pelos brasileiros, devido às afinidades com o catolicismo.

O livro *O evangelho segundo o espiritismo* é um exemplo para tal aceitação do espiritismo no Brasil. No mês de dezembro de 1971, o medium Chico Xavier atribuiu à grande aceitação da obra, devido ao fato de o francês Allan Kardec ter sistematizado as informações dos espíritos, como base no evangelho e os princípios cristãos. (PINGA FOGO..., 1971)³⁶.

Chico Xavier explicou, ao público que lotava o auditório da emissora TV Tupi, durante quatro horas e vinte minutos, no programa *Pinga Fogo*, ao ar em dezembro de 1971, que existem, sim, diferenças e aproximações entre a visão religiosa dos espíritas e a dos católicos. O que nos acontece após a morte foi uma delas. Os católicos acreditam na ressurreição e nós espíritas, na reencarnação.

³⁶ Pinga-Fogo foi um programa jornalístico de televisão veiculado pela extinta TV Tupi Canal 4 de São Paulo.

Camurça (2010) traz uma importante reflexão sobre o lugar da ressurreição católica e reencarnação espírita para a discussão em pauta - a tropicalização e cristianização do espiritismo:

Considero que as concepções da ressurreição católica e da reencarnação espírita estão balizadas pelas noções de Graça - a primeira - e Evolução - a segunda. Neste sentido, a configuração católica se expressa no que chamo de “religião de salvação”, regida pelo primado da “graça” e “misericórdia divina” como esferas constitutivas do processo de “salvação” do homem. A configuração espírita, por sua vez, se expressa no que denomino de “religião de aperfeiçoamento”, onde prevalece a iniciativa do ser em sucessiva evolução e autoaprendizado na direção da plena realização no “amor de Deus”. Embora ambas as configurações contemplem na sua cosmologia teleológica as dimensões do “amor e da misericórdia” do Criador na remissão e no resgate de suas criaturas, aliada à liberdade de escolha entre o bem e o mal, a configuração da “salvação” enfatiza a iniciativa divina na redenção da falibilidade dos seres e a do “aperfeiçoamento” acentua a iniciativa dos seres, balizada pela lei de Deus, no seu processo de caminho de integração no divino. Portanto, as duas formas ou instrumentais com que as realidades humanas “agarram” o sentido último (o modelo da “salvação” e da “evolução”) diferem entre si enquanto modalidades, manifestações de se acercar do transcendente, cada uma com suas argumentações, coerência interna e questões de plausibilidade. Na modalidade católica temos um percurso salvífico condensado e na espírita, dilatado, que, a despeito de suas diferenças profundas no terreno das coerências e plausibilidades (e seria ingenuidade passar por cima destas diferenças, que merecem, ao invés disto, serem tomadas para um plano de diálogo), desembocam na mesma “realidade última”. (CAMURÇA, 2010).

Para Xavier, em entrevista ao jornal: o Espírita Mineiro (1992), essa questão não deve ser discutida já que há a diferença de crenças (dogmatismo) e as mesmas devem ser respeitadas em suas particularidades. O importante, segundo o medium espírita, perante milhares de expectadores:

Nosso Senhor Jesus Cristo é o expoente do Espiritismo, assim como no catolicismo, e luz para todos os nossos caminhos. Os espíritas “se confessam” cristãos e têm como finalidade maior a caridade, o amor ao próximo, prática cunhada do catolicismo. Quanto a isso não pairam dúvidas [...] (JORNAL O ESPÍRITA MINEIRO, 1992, p. 6).

O medium chama atenção para a prática da caridade, que não é algo exclusivo do cristianismo católico ou do espiritismo cristão. Tal prática deve ser uma constante na vida de toda e qualquer pessoa independentemente da sua confessionalidade.

As marcas da tropicalização assumem tonalidades fortes ao compartilhar ritos e valores, presentes nas crenças do campo religioso brasileiro, principalmente nas

aproximações mencionadas acima.

O programa Pinga Fogo, segundo Santos (1997), teve reconhecimento extraordinário e desdobramentos inesperados. Em 1991, por exemplo, ocorreu que Chico Xavier psicografou uma carta, de uma mulher assassinada, com dizeres que inocentavam a pessoa incriminada - seu próprio marido. A carta foi aceita como prova para ser anexada ao processo. O fato foi de tal importância que o jornal francês *Libération* deu destaque ao ocorrido.

Tais condições, no início do século XX, foram ao encontro dos anseios de muitos brasileiros que viam no exercício diário da caridade e da assistência ao próximo uma maneira de tratar-se espiritualmente de alguns males, como depressão, angústias e solidão.

O exercício da caridade, segundo o medium Chico Xavier, é um dos principais lenitivos para a evolução espiritual no plano físico e para cura de muitas doenças do corpo físico. Existe dentro do espiritismo uma prática denominada Campanha do quilo, que é o recolhimento de alimentos em lugares diversos e que, posteriormente, são doados aos mais carentes. As pessoas que frequentam os centros espíritas e que estão em tratamento espiritual costumam participar de tais campanhas.

Segundo os dirigentes dos centros, esse é um exercício que influencia diretamente no corpo físico e na evolução espiritual. Sarah³⁷ espírita convicta que trabalha semanalmente no centro espírita Nosso Lar, na cidade de Santa Luzia/Minas Gerais, esclarece que “exercer a caridade é cuidar da própria evolução. É trazer um lenitivo para a alma”. A espírita se viu curada de um início de depressão após adesão à equipe da Campanha do quilo no centro espírita Nosso Lar. A entrada de Sarah na Campanha do quilo foi recomendada durante um tratamento espiritual, iniciado em abril de 2010.

O espiritismo ganha espaço no campo religioso brasileiro e toma corpo. No entanto, encontra obstáculos de diversas ordens, que se iniciam ao sofrer um combate ostensivo por alguns grupos formados por leigos e religiosos católicos. Alguns padres bradavam nos púlpitos: “o espiritismo é um abismo encantador; foge ou de lá nunca mais sairás” (RIO, 2006, p. 268).

³⁷ Escriturária, 53 anos, entrevista realizada em abril de 2010.

Nesse momento, o espiritismo é visto como a síntese de todos os erros humanos, como a prova maior da presença do mal na história, alerta Isaia (2001), pesquisador do espiritismo no Brasil.

A partir do Pacto Áureo,³⁸ os grupos espíritas começam a ter sistematização mais coesa; pois, segundo Negrão (1996), a concorrência religiosa começa a se acirrar à medida que a “clientela” disputada é potencialmente a mesma. Nesse momento, o espiritismo começa a oferecer práticas de “serviços”, tais como o curandeirismo, para conquistar simpatizantes e/ou adeptos. Apresenta-se, portanto, um grande trunfo do espiritismo tropicalizado, que é compartilhar dos princípios cristãos e das práticas católicas, para se firmar de forma legitimada.

Isaia (2001), Rio (2006) e Negrão (2006) convocam a uma reflexão importante: a disputa pelos adeptos via demarcação de territórios começa a preocupar. O rebanho começa a se movimentar e parte em busca de espaços que ofereçam “serviços”, como o tratamento espiritual e uma possível cura, que significavam uma assistência clínica e espiritual gratuita. A terapêutica religiosa - nas igrejas (confissões, conversas informais com os sacerdotes), nos centros (o atendimento fraterno e outras tantas escutas) - é gratuita.

Várias foram as obras direcionadas ao combate ao espiritismo, na primeira metade do século XX. Ressalta-se a obra do padre Lombaerde (1938), *Os segredos do espiritismo desvendados e explicados*³⁹, que foi para o domínio público em 1930. A obra do polêmico padre ganhou as ruas, carregando nas tintas a luta contra a

³⁸ O chamado Pacto Áureo foi um acordo celebrado entre a Federação Espírita Brasileira e algumas uniões estaduais visando a unificar o movimento espírita em âmbito nacional. Foi assinado na sede FEB, na cidade do Rio de Janeiro, em 05 de outubro de 1949. A expressão é atribuída a Artur Lins de Vasconcelos Lopes, um de seus signatários à época. Como consequência, em 01 de janeiro do ano seguinte (1950), foi instituído o Conselho Federativo Nacional (CFN), com a posse dos onze membros pelo presidente da FEB. Em 08 de março desse mesmo ano, o CFN lançou a Proclamação aos Espíritas. Desde então, o CFN exerce a função de dirimir dúvidas, orientando o movimento espírita e recomendando normas e diretrizes para os centros espíritas. A assinatura do Pacto Áureo foi a base para um entendimento entre as Instituições Espíritas no país, possibilitando uma nova fase de difusão da doutrina espírita, viabilizando a convivência entre as mesmas, sem prejuízo da liberdade de pensamento e da ação individuais. Por outro lado, os seus críticos, à época questionaram o modo pelo qual ele foi apresentado e aprovado - em reunião de dirigentes, “*ad referendum*” das entidades federativas, sem que tivesse havido maior discussão e aprovação pelas bases -, na ocasião em que um Congresso Panamericano reunia as lideranças do movimento espírita na então Capital Federal (Entrevista realizada no Centro Espírita Nosso lar - Santa Luzia/Minas Gerais, fevereiro de 2010).

³⁹ Lombaerde, no livro *Os segredos do espiritismo desvendados e explicados*, vai buscar explicação para os fenômenos mediúnicos na hipnose e na predisposição à histeria. O padre considerava o hipnotismo como o “pai do espiritismo” e a histeria como uma doença que levava as pessoas a serem hipnotizadas (LOMBAERDE, 1938).

prática da mediunidade, salientando que a nova prática religiosa tirava adeptos do catolicismo.

Essa obra aparece em um momento em que o espiritismo começava a ganhar chão e a se estruturar, principalmente em Minas Gerais, em 1927, com a figura emblemática de Chico Xavier, que inicia sua trajetória como medium psicógrafo.

A sociedade brasileira começa a ter um comportamento permeável com relação às práticas mediúnicas. Contudo, a igreja católica movimenta-se internamente de maneira muito peculiar. No estudo que organiza Isaia (2006) salienta:

A Igreja Católica passa de um discurso assentado única e exclusivamente na autoridade da Igreja, na sua tradição, nas Sagradas Escrituras, para buscar outros entendimentos. É assim que o discurso católico chega ao chamamento do saber médico-psiquiátrico. É assim que a demonização das práticas mediúnicas cede lugar à construção discursiva da “loucura espírita”- cada vez mais incrustada no saber médico-psiquiátrico (ISAIA, 2006, p. 305).

Em termos gerais, pode-se pensar na elaboração de uma concepção de que o espiritismo era “fabricação” de loucos mansos. Alguns católicos de classes mais abastadas e privilegiadas referiam-se aos seguidores do espiritismo como possessos, dementes e alucinados. Atribuíam tais desequilíbrios às práticas mediúnicas (curandeirismo).

Para os defensores da moderna medicina acadêmica, a “mediunidade receitista” era mais um exemplo de curandeirismo arcaico e anticientífico, do qual a sociedade deveria se proteger. Essa resistência foi de tal forma que o Código Penal, de 1890, em seu artigo 156, punia a prática da Medicina por indivíduos desprovidos de título acadêmico.

No artigo 157, do referido Código Penal, configura-se como crime a prática do espiritismo, da magia e de seus sortilégios, bem como o uso de talismãs e cartomancias, para despertar os sentimentos de ódio ou amor, inculcar a cura de moléstias acuráveis ou incuráveis. Enfim, fascinar e subjugar a credulidade pública, sendo ainda proibido, no artigo 158, o exercício do "ofício denominado de curandeiro" (BRASIL, 1890).

Segundo Giumbelli, a análise dos dispositivos apresentados no Código Penal é de grande importância à compreensão dos obstáculos enfrentados nas travessias

do kardecismo para o espiritismo tropicalizado, “transformando o que era apenas uma infração sanitária em um crime comum, sujeito à repressão policial” (GIUMBELLI, 1997).

Isaia (2001) enfatiza que o final do século XIX e início do século XX, em geral, revelam uma hierarquia extremamente voltada para o magistério católico, para o reforço da autoridade eclesiástica, como meio de coibir a proliferação não só das religiões mediúnicas (espiritismo e Umbanda), mas também do Protestantismo.

A perda de território e de fiéis católicos incomodava muito, o que representou um dos grandes desafios enfrentados pelo espiritismo em processo de tropicalização, nessa época. A doutrina espírita aproxima-se cada vez mais das práticas cristãs, em busca de legitimação religiosa, pois a necessidade da cristianização do espiritismo era premente. A tradição católica não lhe confere uma imensa credibilidade. A aproximação era mais do que um ato de “trazer e pastorear ovelhas para o rebanho”. Fez-se necessário o amálgama pela importância dos princípios de Jesus associados à prática do espiritismo. A cristianização do espiritismo e a terapêutica religiosa são duas marcas fulcrais da tropicalização.

Por outro lado, a umbanda procurava se constituir vinculada à identidade nacional, tendo seu tom maior ou sua harmonia nos cultos. Com isso, privilegiava (e privilegia até hoje) dois tipos de entidades espirituais: os Caboclos e os Preto-Velhos, os quais têm como referência os índios e os negros.

Mesmo congregando elementos católicos, africanos e ocultismo, a umbanda se firma e se consolida como uma modalidade do espiritismo. Mais tarde acontece a desvinculação. Espiritismo e umbanda seguem caminhos diferentes após o primeiro Congresso de espiritismo de umbanda, realizado em 1941⁴⁰, informa Droogers (2007), em sua publicação: *E a umbanda?*

⁴⁰ Uma discussão importante no Primeiro Congresso Brasileiro do espiritismo de umbanda foi suscitada no que diz respeito à diferença das práticas entre o espiritismo e a umbanda: o conceito alcançado entre nós pelo espiritismo de umbanda nestes últimos vinte anos de sua prática, (sic) deu motivo à fundação nesta capital de elevado número de associações destinadas especialmente a esta modalidade de trabalhos, cada qual procurando desempenhar-se a seu modo, para atender a um número sempre crescente de adeptos. Sua prática variava, entretanto, segundo os conhecimentos de cada núcleo, não havendo, assim, a necessária homogeneidade de práticas, o que dava motivo à confusão por parte de algumas pessoas menos esclarecidas, com outras práticas inferiores de espiritismo. Fundada a Federação Espírita de Umbanda há cerca de dois anos, o seu primeiro trabalho consistiu na preparação deste Congresso, precisamente para nele se estudar esta empolgante modalidade de trabalho espiritual, debater sobre ela e codificá-la, a fim de varrer de uma vez o que por aí se praticava com o nome de espiritismo de umbanda, e que no nível de civilização a que atingimos não tem mais razão de ser. (DROOGERS, 2007).

3.3 O Espiritismo tropicalizado e suas práticas internas

É importante esclarecer que a concepção do termo espiritismo tropicalizado está associada e colada aos/nos depoimentos colhidos durante a pesquisa. A adjetivação tropicalizado, associado ao substantivo espiritismo, não pode se estender a todas as casas espíritas brasileiras nem aos países tropicais.

A concepção trabalhada aqui está restrita ao universo pesquisado. Trata-se de um estudo de caso em duas casas espíritas numa cidade de 350 mil habitantes, cujo universo espírita, em particular, não está definido pelo último Censo.

Os depoimentos colhidos nas duas casas espíritas pesquisadas apontam na direção de uma tropicalização que se deu pelo fato de o espiritismo ter se amalgamado à religiosidade presente no solo brasileiro (religiões afros e indígenas) aos rituais da religião católica e paulatinamente ter se cristianizado, ou seja, as idéias do Cristo como caridade, amor ao próximo, fizeram com que o exercício diário do espiritismo adquirisse marcas fortes advindas desse amálgama - religiosidade e território geográfico.

Segundo a dirigente da Casa de caridade espírita Nosso Lar, a professora Agar:

Para Kardec há em Jesus uma dualidade de pessoas que exclui o princípio da igualdade consubstancial entre Deus e o Filho, Jesus Cristo. O espiritismo entende-se como cristão, não porque admite a crença na divindade de Jesus, mas na medida em que o considera modelo moral e perfeição de aspirar e ser atingida por toda a humanidade. As crenças nos princípios cristãos se fizeram fortes aqui no Brasil, quando a doutrina chega e espalha as idéias de Jesus. Pode-se observar tal fato na obra psicografada por Chico Xavier, Coração do mundo, pátria do evangelho citada mais adiante. Estes princípios vêm sublinhar as marcas da tropicalização e cristianização da doutrina codificada por Kardec em meados do século XIX na França.

Do ponto de vista teórico, a formação do espiritismo mostrou-se emoldurada pela lógica de um campo religioso brasileiro, também ele em processo de formação e em vias de automatização como âmbito de disputas entre forças religiosas múltiplas. E foi essa a maneira vitoriosa de percebê-lo no

Brasil como prática coletiva desenvolvida em uma forma, também de um agrupamento religioso comunitário. A marca da tropicalização do espiritismo via cristianização, são claras quando sinalizam que não há fórmulas mágicas na evolução espiritual de cada um. Cada um segundo as suas obras e livre arbítrio.

Segundo Camurça (2009), há amplo consenso nas ciências da religião (especialmente na sociologia e na antropologia) sobre certo declínio na hegemonia católica no Brasil e da gradativa - e concomitante - constituição de um *pluralismo* no universo religioso brasileiro⁴¹. No entanto, não há consenso formado sobre quais seriam os traços principais desse cenário *plural* em construção das religiões no Brasil, o que torna a questão sobre eles carente de investigação mais profunda. Haveria ainda, segundo Camurça, outras questões imediatamente decorrentes dessa, como, por exemplo, aquela sobre a natureza das relações que as diversas religiões, de acordo com o seu peso e sua inserção nos segmentos da população, estabelecem entre si e diante da sociedade. Um acesso possível a essa questão se dá pela averiguação das linhas de força que marcam as interações e interseções entre as religiões e seus adeptos no Brasil, avaliando seus respectivos movimentos de atração, indiferença e de repulsão. Sobre isso, Camurça afirma que:

Podemos apresentar como característica matricial das crenças e práticas religiosas no Brasil a constituição de uma *linguagem comum* que se forjou a partir da combinação das crenças das *religiões tradicionais*: a dominante, católica, com as subalternas, indígenas e africanas (configurando um *molde* que em seguida conformava outras religiões emergentes e recém-chegadas). (CAMURÇA, 2009).

Nesse processo, constata-se o surgimento daquilo que alguns autores procuraram designar com terminologias específicas: Droogers citado por Camurça (2009), por exemplo, fala de uma “religiosidade mínima brasileira”; Bittencourt Filho citado por Camurça (2009) designa o fenômeno como “matriz religiosa brasileira”. No sentido de melhor compreender essas especificidades, é oportuno explicitar o que camurça entende pela supramencionada *linguagem comum*: para ele, essa se constitui numa crença compartilhada de que o nosso mundo está envolvido por outra dimensão - “encantada” -, na qual se produz uma constante comunicação nossa com seus seres “sobrenaturais”: “almas”, “espíritos”, “santos”, “anjos”, “demônios”,

⁴¹ Camurça (2009) respalda suas afirmações em autores como Giumbelli (1996), Machado & Mariz (1998), Sanchis (1997), Steil (2001) e Teixeira & Menezes (2006).

“orixás”, “aparições da Virgem”, “posse do Espírito Santo” etc. O papel desempenhado por esse outro plano e seus seres no destino dos homens pode adquirir conotações *benéficas* e/ou *maléficas*, estabelecendo-se uma relação causal próxima para com tudo que ocorre na realidade terrena a partir de uma interferência proveniente desses seres sobrenaturais (BRANDÃO; SANCHIS apud CAMURÇA, 2009).

Na interpretação de Sanchis citado por Camurça (2009), a tendência à hibridização entre as religiões no Brasil se encontra irrevogavelmente marcada pela “sociogênese” da nação. Essa teria se dado no (desigual) encontro de três povos desenraizados no território brasileiro ainda no momento de sua formação – um encontro caracterizado pela dominação da cultura europeia/portuguesa sobre as duas outras participantes – primeiramente da do nativo e depois da do africano. De acordo com Sanchis, “no avesso ou no interstício” desse desenvolvimento ocorreram “microprocessos do jogo das identidades”, assim como “porosidades e contaminações mútuas” que teriam impedido uma compartimentação e uma distinção irrevogável entre as culturas que participaram desse processo. Exemplos eloquentes dessa “co-presença” entre essas culturas/religiões teriam sido as situações de permeabilidade ocorrida nas bandeiras e também aquelas entre a casa grande e a senzala.

Para caracterizar esse domínio sincrético, encontramos, ainda em Sanchis o conceito de “pré-moderno”, que, segundo ele, “um universo religioso fundamentalmente ritual (‘mágico-religioso’) em consequência dominado pela ‘obrigação’, e imperfeitamente ético, para nosso olhar contemporâneo” (SANCHIS apud CAMURÇA, 2009).

A situação descrita acima, poderia, a nosso ver, ser caracterizada proveitosamente também com o termo “tropicalização”, sugerindo a territorialização geográfica como um elemento importante na constituição da supramencionada permeabilidade entre as culturas/religiões participantes do processo formador da sociedade brasileira. É claro que definir “tropicalização” não é tarefa simples, mas, já que ela se refere a uma metáfora geográfica, pode começar definindo “trópico”. Nesse sentido, Mussalém (1996), afirma que

não seria difícil se aplicássemos os conceitos de coordenadas geográficas, notadamente o de latitude. Assim, a latitude ou paralelo que definem os

trópicos estão centrados entre o Trópico de Câncer e o Trópico de Capricórnio. Logo, os trópicos, do ponto de vista geográfico, estariam situados entre esses dois círculos paralelos dispostos em 23° 27' norte e sul do equador. Dessa forma nos parece fácil definir os espaços geográficos do trópico.

No entanto, tal definição não seria ainda suficiente para definir os “espaços tropicais”, com suas inevitáveis ressonâncias em termos de mentalidades fundadas em pressupostos de característica zonal, sendo que um conceito ecológico-geográfico de “tropicalidade” teria, segundo Andrade citado por Mussalém (1996), de se valer de tipos de correlação muito mais complicados, implicando em características sociais e culturais. Talvez seja por isso que Gilberto Freyre citado por Mussalém (1996) insista tanto na importância dos aspectos socioculturais, admitindo também certa variação no grau de “tropicalidade”:

Não há acordo oficialmente estabelecido por qualquer academia em torno do que se deva considerar precisamente espaço tropical, Trópico ou conjunto de trópicos. Há o apenas físico e sobre o aspecto físico, por vezes transbordando dele, o sociocultural com manifestações de vivência e de cultura paratropicais e quase-tropicais que se vêm incorporando, no plano sociocultural, às tropicais, sob novas perspectivas, quer do futuro, do Homem, de sociedades e de culturas condicionadas principalmente por ambientes tropicais que, por sua vez, são diversos, vários diferentes. (FREYRE apud MUSSALÉM, 1996)⁴².

A partir dessa noção, ainda que preliminar, de “tropicalização”, retornemos à análise do fenômenos religiosos brasileiros, tal como descritos acima. Segundo Bittencourt, há, de fato, uma matriz brasileira no que diz respeito à cultura deste país que é formada pelas diversas culturas que aqui chegaram com a colonização, sendo que a *matriz religiosa brasileira* está, naturalmente, inserida na *matriz cultural brasileira*. Aquela, ao contrário do que pode parecer, não é um simples sincretismo do branco-negro-índio, tendo se constituído tardiamente, pois além destas três culturas seu ultimo elemento formador aportou no Brasil apenas no século XIX, a saber, o “Espiritismo kardecista”.

⁴² Fugiria a nosso escopo neste trabalho prosseguir na descrição do que Fonseca citado por Mussalém (1996), chamou de “tropicologia”, disciplina tributária da obra de Gilberto Freyre. Para ele, a frase inicial do primeiro capítulo de *Casa-Grande & Senzala*, é um nítido manifesto luso-tropicológico: “Quando em 1532 se organizou econômica e civilmente a sociedade brasileira já foi depois de um século inteiro de contato do português com os trópicos, de demonstrada na Índia e na África sua aptidão para a vida tropical”. Segundo o mesmo Fonseca citado por Mussalém (1996), não se poderia esquecer o reconhecimento do luso-tropicalismo como ciência pelo grande sociólogo francês Roger Bastide num dos capítulos do seu livro, *Antropologie Appliquée*, capítulo que se intitula significativamente, de *Le luso-tropicalisme*.”

Do ponto de vista conceitual, essa Matriz se constitui do seguinte modo, conforme Bitencourt citado por Refkalefsky (2006):

[...] formas, condutas religiosas, estilos de espiritualidade, e condutas religiosas uniformes evidenciam a presença influente de um substrato religioso-cultural que denominamos Matriz Religiosa Brasileira. Esta expressão deve ser apreendida em seu sentido lato, isto é, como algo que busca traduzir uma complexa interação de idéias e símbolos religiosos que se amalgamaram num decurso multissecular, portanto, não se trata stricto sensu de uma categoria de definição, mas de um objeto de estudo. Esse processo multissecular teve, como desdobramento principal, a gestão de uma mentalidade religiosa média dos brasileiros, uma representação coletiva que ultrapassa mesmo a situação de classe em que se encontrem. [...] essa mentalidade expandiu sua base social por meio de injunções incontroláveis [...] para num determinado momento histórico, ser incorporada definitivamente ao inconsciente coletivo nacional, uma vez que já se incorporara, através de séculos, à prática religiosa.

Tendo em vista as características dessa matriz, anteriormente caracterizada também por “religiosidade mínima brasileira” (DROOGERS apud ZWETSCH, 2011), acreditamos fazer sentido falar, no caso supramencionado do Kardecismo, num “espiritismo tropicalizado”, já que, ao encontrar o ambiente de porosidade cultural típico da formação social brasileira, ele tendeu a se libertar de sua pseudo-esclarecida atmosfera original europeia para se incorporar num ambiente religioso tal como o descrito acima.

Ao longo das primeiras décadas do século XX, ganha crítica científica a associação entre espiritismo e loucura. Com respaldo do código penal (BRASIL, 1890), surgem diversas iniciativas de combate ao espiritismo. Autoridades policiais e sanitárias protagonizam muitos episódios de perseguição. Mas a repressão concentra-se, como era de se esperar, nas práticas religiosas populares que exibiam referência africana.

Em 1938, segundo a União Espírita Mineira, vem a público uma obra de relevância para a doutrina psicografada por Chico Xavier - *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho* (CAMPOS, 2004). O livro narra a formação do Brasil sob a perspectiva espírita: os principais acontecimentos da nossa história a partir de entidades espirituais, com o propósito de passar em revista alguns dos fatos marcantes de nossa nacionalidade.

Baseando-se principalmente em obras mediúnicas como a *caminho da luz*, de Emmanuel (EMMANUEL, 2005); e *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*

(CAMPOS, 2004), Berni (1994) em sua obra intitulada *Brasil, mais além*, mostra a ligação da história de nossa pátria à de Portugal. Procura o autor evidenciar a missão do Brasil, no progresso moral de todas as raças, exóticas e autóctones, brancas, negras e amarelas, com vistas à sua regeneração.

Em 1941, acontece o já mencionado Congresso Brasileiro de espiritismo de umbanda⁴³. Kardec, codificador e sistematizador do espiritismo, não aparecem como protagonista, mas consta obrigatoriamente dos debates. A figura de Kardec estava associada ao espiritismo e, não, à umbanda.

O espiritismo começa a aparecer envolto em uma atmosfera de uma doutrina que estabelecia contato com o mundo dos espíritos, mas que também dialogava com os ensinamentos de Jesus Cristo. No entanto, no imaginário social estava atado à umbanda. Tal discussão foi tão incisiva que a dissolução se apresenta. O espiritismo passa a ter vida própria, independentemente dos ritos e figuras da umbanda. Era muito comum a figura do Preto-Velho nas sessões, promovendo curas e outras benemerências em centros espíritas. Muitos adeptos insurgiram contra tal prática.

Segundo Giumbelli (2003), a grande difusão da crença na reencarnação e comunicação entre vivos e mortos em um país de maioria católica é prova disso:

Na segunda metade do século XX, o Espiritismo tinha os caminhos abertos para se tornar uma das religiões mais populares do Brasil. Se em França, berço de Allan Kardec, perdeu vitalidade já no início daquele século, para o cotidiano dos brasileiros a crença permanece com uma influência marcante (GIUMBELLI, 2003, p. 57).

⁴³ “As práticas espíritas no Brasil vêm se desenvolvendo há mais de meio século, contando hoje com um ativo assas numeroso de bons serviços prestados às classes menos favorecidas, quer na parte doutrinária propriamente dita, quer na parte moral, educativa e na experimentação fenomênica. Introduzido neste país poucos anos após o aparecimento das obras de Kardec, no último quartel do século passado, o maior desenvolvimento do espiritismo operou-se principalmente na parte religiosa, que é o trabalho dos dirigentes dos centros espíritas com a finalidade de implantar a fé no coração das massas, despertando nelas o sentimento de fraternidade e amor ao próximo. Neste sentido, a codificação realizada por Allan Kardec ainda constitui a obra fundamental sobre a qual se baseiam os espíritas do Brasil, desconhecendo a maioria dos adeptos desta corrente de pensamento filosófico a grande bibliografia oriental, de cuja fonte multimilenar emanaram todas as seitas, crenças e filosofias, o espiritismo, inclusive. A reunião do 1º Congresso Brasileiro do espiritismo de umbanda, em outubro último 2010, veio trazer uma nova luz ao estudo do espiritismo entre nós, com a investigação criteriosa a que se entregaram os seus organizadores, em torno desta modalidade de práticas espíritas, cujo número de adeptos cresce de modo notável por toda parte. Pode-se, mesmo, dizer, que o espiritismo no Brasil acaba de transpor os umbrais de uma nova era com a realização deste primeiro Congresso, cujo êxito excedeu a todas as expectativas, tanto no número e qualidade dos estudos apresentados, quanto no volume da assistência que ali compareceu durante as oito noites consecutivas de suas reuniões. (FEDERAÇÃO ESPÍRITA, 1942, p. 4, p.4).

A Federação Espírita Brasileira (FEB), não se posicionava contrária a tais práticas. Tratava o assunto com neutralidade. A pressão dos grupos espíritas foi de tal forma que a FEB se viu pressionada a se posicionar. Foi uma tarefa difícil para a FEB tentar unificar o movimento sem criar hierarquias. O movimento de unificação e independência começa a ganhar chão nos estados nos quais o espiritismo se fazia presente com centros espíritas e grupos organizados. De um lado estava o grupo dos místicos; de outro, os científicos. No dizer Pires⁴⁴, espírita atuante, a Federação silenciou-se quanto aos interesses diversos. Deixou nas mãos dos grupos a decisão da prática e das leituras.

Segundo a União Espírita Mineira, no Congresso realizado em 1941 houve uma investigação criteriosa, por parte de seus organizadores, em torno da modalidade práticas espíritas. Durante o Congresso, alguns discursos se encaminharam no sentido de que o espiritismo estaria transpondo os umbrais para uma nova etapa. Alguns participantes defendiam a retirada do termo espiritismo do nome de religião de umbanda. (FEDERAÇÃO ESPÍRITA, 1942).

As exposições tinham o intuito de descriminalizar da prática os rituais de umbanda. Durante uma das conferências uma exposição encaminhava-se em defesa dos rituais de umbanda. Assim, Madruga (1987) esclarece:

No minucioso estudo que realizei nas Constituições até hoje colocadas em vigor no Brasil e em buscas feitas também em projetos como os da Constituição Farroupilha e nos Códigos penais até então vigentes, os argumentos se encaminhavam no sentido de que os caminhos da umbanda

⁴⁴ José Herculano Pires nasceu na cidade de Avaré, no estado de São Paulo em 25/09/1914, e desencarnou nesta capital em 09/03/1979. Sua vida intelectual incluiu a autoria de 81 livros de Filosofia, ensaios, histórias, Psicologia, Pedagogia, Parapsicologia, romances e espiritismo, vários em parceria com Chico Xavier. A maioria inteiramente dedicada ao estudo e divulgação da doutrina espírita. Lançou a série de ensaios “Pensamento da Era Cósmica” e a série de romances e novelas de “Ficção Científica Paranormal”. Espírita desde a idade de 22 anos não poupou esforço na divulgação falada e escrita da doutrina codificada por Allan Kardec, tarefa essa à qual dedicou a maior parte da sua vida. Durante 20 anos manteve uma coluna diária de espiritismo nos diários associados com o pseudônimo de Irmão Saulo. Durante quatro anos manteve no mesmo jornal uma coluna em parceria com Chico Xavier sob o título *Chico Xavier pede Licença*. Foi diretor fundador da revista “Educação Espírita”, publicada pela Edicel. Em 1954 publicou Barrabás, que recebeu um prêmio do Departamento Municipal de Cultura de São Paulo, constituindo o primeiro volume da Trilogia caminhos do espírito. Publicou, em 1975, Lázaro e, com o romance Madalena, concluiu a Trilogia. Traduziu cuidadosamente as obras da codificação kardecista, enriquecendo-as com notas explicativas nos rodapés. Essas traduções foram doadas a diversas editoras espíritas no Brasil, Portugal, Argentina e Espanha. Colaborou com o Dr. Júlio Abreu Filho na tradução da Revista Espírita. Ao desencarnar, deixou vários originais, os quais vêm sendo publicados pela Editora Paidéia. (CENTRO Espírita..., 2010).

começavam a se mostrar abertos e que caberia aos Umbandistas buscar acelerar o processo com declarações e resoluções partindo daquele congresso em prol da descriminalização da prática da umbanda. Em 1944 um grupo composto por inúmeros umbandistas ilustres, entre eles militares, intelectuais e jornalistas, apresenta ao então Presidente Getúlio Vargas um documento intitulado "O culto da umbanda em face da lei" e consegue daquela autoridade a descriminalização da umbanda. Este fato foi extremamente positivo. Trouxe como subproduto uma perda de identidade muito grande por parte de nossa religião, uma vez que nos terreiros, das mais variadas seitas, incluíram em seus nomes a palavra umbanda como forma de fugir à repressão. Como a nossa religião, naquela época, não tinha rito definido e nem formação de sacerdotes o que gerava hierarquia, a umbanda ficou à mercê dessa deturpação. Outro fato que fortaleceu essa descaracterização foi que, sendo um período de crescimento, não se buscava qualidade dos terreiros que filiavam à Federação, à união que lhe sucedeu, finalmente, ao CONU - Conselho Nacional Deliberativo de umbanda, criado em 12 de setembro de 1971 na cidade do Rio de Janeiro (MADRUGA, 1987, p. 15).

A crença trazida da França, mostrava-se capaz de articular, à sua maneira, o caráter erudito e popular, elite e povo, via prática da mediunidade receitista e crença na reencarnação e comunicação entre vivos e mortos. Do mesmo modo, as práticas pouco diferiam de outras formas populares de busca de cura, mas sua explicação apelava para termos cultos e teorias sofisticadas. Por isso, não havia contradição na adesão de setores da classe média à religião espírita como engenheiros, advogados, professores, oficiais militares, administradores públicos, parlamentares, entre tantos outros.

A França exportava pesquisas no campo do saber-médico para o Brasil. Não à toa no início do século XX, vários seguidores do espiritismo se engajaram em campanhas pela manutenção das práticas espíritas com relação às curas e tratamentos espirituais. A doutrina crescia em uma proporção que surpreendia e preocupava alguns religiosos católicos, e os novos adeptos ressaltavam afinidades entre a codificação de Kardec e os princípios científicos e liberais em voga naquele fim de século.

Neste sentido, o espiritismo anunciava-se como uma religião natural, o que originou tensa e não resolvida relação entre demonstração experimental e revelação e significou seu prestígio ser dependente da simpatia da comunidade intelectual pelo fenômeno.

3.4 Cura, caridade e mediunidade no Espiritismo tropicalizado

Em meados do século XX, a doutrina espírita começa a ter boa aceitação entre os brasileiros. Dois foram os fatores para tal procedimento. O primeiro deles foi a possibilidade de intercâmbio com o mundo dos mortos (plano espiritual) por meio da figura do medium. Aqueles que haviam perdido seus parentes encontravam, naquele intercâmbio, a possibilidade de uma aproximação e de notícias. No livro de autoria de Rio (2006), *Religiões do Rio*, há um capítulo dedicado ao espiritismo, no qual o pesquisador relata que as sessões mediúnicas dos centros espíritas no Rio de Janeiro recebiam número considerável de pessoas em busca de notícias daqueles que já haviam partido para o plano espiritual.

Já o segundo fator centrava-se no tratamento espiritual como um caminho para cura dos males do corpo físico e espiritual. Vale ressaltar que a assistência médica pública era precária, o que impulsionava à aderência ao tratamento espiritual, marca relevante na/da tropicalização.

O espiritismo se posiciona com mais firmeza e toma para si alguns conhecimentos e procedimentos, aliando-se à homeopatia. Muitos médicos espíritas lançavam mão dos medicamentos homeopáticos e dos passes nas sessões de cura, como foi o caso do médico sergipano Dr. Sabino Olegário Ludgero Pinho⁴⁵, um dos maiores propagadores da homeopatia e da doutrina espírita (SOCIEDADE BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA MEDICINA, 2010).

Os médicos homeopatas, que trabalhavam em centros espíritas, começam a

⁴⁵ Nasceu em 11 de julho de 1820 em São Cristóvão/Sergipe. Formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia em 21 de novembro de 1845, defendendo a tese “Considerações acerca da música e suas influências sobre o organismo”. Seguidor da doutrina homeopática desde 1847. Notável cantor e exímio violinista. Escreveu: “A homeopatia e a cólera”, “Diário de um médico”, “Apontamentos para a História da Homeopatia”. Colaborou para o “Correio Sergipense”. Redigiu: “O médico do povo” (1850-51). Clinicou em várias províncias do Norte, fixando-se em Recife. Foi o fundador e Diretor da Escola Homeopática de Pernambuco, fundador das Sociedades Homeopatas da Paraíba e do Maranhão, Membro do Instituto Homeopático do Brasil. O doutor Sabino Pinho foi deputado provincial por Pernambuco, nas legislaturas de 1856 e 1863. Autor de vários trabalhos sobre a homeopatia: “*vademecum* do homeopata”, “Propaganda homeopática em Pernambuco”, “A homeopatia e a *Cholera*”, “Apontamento para a história da homeopatia”, entre outros. O doutor Sabino Pinho teve sua biografia escrita pelo irmão, bacharel Themistocles Belino de Pinho, publicada no “Jornal de Recife” entre os anos de 1860 e 1863. Foi o criador da famosa “Farmácia Sabino” em Recife, cidade na qual veio a falecer em 17 de novembro de 1869, aos 59 anos. (SOCIEDADE BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA MEDICINA, 2010).

se interessar pelas curas magnéticas e sonambúlicas que seguiam as ideias do médico austríaco Franz Anton Mesmer (1733 -1815)⁴⁶.

O espiritismo, associado à prática da homeopatia e aos tratamentos espirituais, incluindo os passes, fazia muito sucesso, devido à carência da assistência médica pública de qualidade, conforme já mencionado. O medium Xavier (1977), informou que o médico conhecido como Bezerra de Menezes destacou-se no espiritismo no Brasil pela sua mediunidade de cura e pelas grandes obras ligadas à caridade.

Adolfo Bezerra de Menezes nasceu em 1830 e faleceu em 1900. Criou-se dentro dos princípios da religião católica. Ao aportar no Rio de Janeiro, o infante nordestino encontra na cidade maravilhosa um lugar evoluído onde o conhecimento pululava pelas paredes da Escola de Anatomia, cirurgia e medicina (hoje a atual Universidade Federal do Rio de Janeiro)⁴⁷, nas reuniões fechadas dos políticos, nos encontros de professores, nas távolas dos bacharéis. Aquele era um mundo diferente para um rapaz sem parentes importantes, vindo do interior do Brasil, católico convicto e praticante. (ASSOCIAÇÃO MÉDICO ESPÍRITA DO BRASIL, 2007).

Durante o exercício da prática médica, recebe de presente de um amigo, também médico e parlamentar, *O livro dos espíritos*, versão em francês. Muito desconfiado e ao mesmo tempo tentado à leitura, joga-se naquelas páginas e a partir de então não para mais. Sua iniciação na doutrina estava marcada por uma fé inabalável na vida após a morte.

Bezerra de Menezes participava de reuniões de estudos em centros espíritas

⁴⁶ Franz Anton Mesmer, médico alemão, foi quem estudou os mistérios científicos até então mantidos ocultos pelos seus predecessores e deu publicidade a eles. Formado em Medicina, em Viena (1766), defendeu a tese, segundo a qual um fluído magnético misterioso emanaria das estrelas enchendo todo o universo, influenciando todos os organismos vivos. A má distribuição desse fluído causaria as doenças. Mesmer inicialmente empregava magnetos, passando-os sobre o corpo dos pacientes para produzir um estado semelhante ao sono. Posteriormente, ele mesmo verificou que a simples imposição das mãos produzia o mesmo efeito. (FRATERNIDADE Rosa Cruz, 2010).

⁴⁷ A primeira escola de ensino superior do país foi inaugurada no dia 18 de fevereiro de 1808, oito dias antes da partida da família real para o Rio de Janeiro. Ela foi instalada no Hospital Real Militar, que ocupava as dependências do Colégio dos Jesuítas, no Largo do Terreno de Jesus, em Salvador (BA), a Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB) que hoje pertence à Universidade Federal da Bahia (UFBA). Depois de fundar a Fameb, Dom João fez o mesmo no Rio de Janeiro no dia 5 de novembro daquele mesmo ano. Nascia a Escola de Anatomia, Cirurgia e Medicina, a atual Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). (FENELON, 2011; FREIRE SOBRINHO, 2008).

e exercia com um coração generoso a prática gratuita da Medicina Homeopática (apesar de ter formação e prática alopática) para aqueles que não podiam arcar com o ônus do tratamento (ASSOCIAÇÃO MÉDICO ESPÍRITA DO BRASIL, 2007). Possuía um coração, além de generoso, corajoso, assim como o de Riobaldo, personagem de Rosa (2005) da saga *Grande sertão: veredas*⁴⁸. Estava sempre pronto para os enfrentamentos e posto nas trincheiras quando se tratava de defender e praticar a doutrina espírita. Sobre o espiritismo, desfiava elogios e fazia ecoar a quatro ventos, às vezes brandos e às vezes tempestuosos, que fora da caridade não há salvação.

Para Giumbelle (2006) Bezerra foi um dos primeiros dirigentes da Federação Espírita Brasileira:

Um acontecimento significativo foi a Fundação da Federação Espírita Brasileira (FEB), em 1884, que incorpora, como órgão de difusão o jornal criado um ano antes, o *Reformador*. A Federação e o *Reformador* - transformado em revista - existem até hoje, e o Brasil despontou como um dos países em que o espiritismo conquistou muitos adeptos, consolidou instituições, erigiu figuras públicas, e se estabeleceu como matriz importante para a configuração de outras vertentes religiosas no campo mediúnico (GIUMBELLE, 2006, p. 283).

A doutrina espírita cumpre o que Bastide (1989, p. 50) chama de tríplice função na sociedade do Brasil: combater doenças, diminuir a miséria e utilizar da prática de uma moral da caridade.

Com relação à máxima “fora da caridade não há salvação”, associada à conduta médica, o incansável defensor da caridade bradava:

O médico verdadeiro não tem o direito de acabar a refeição, de escolher a hora, de inquirir se é longe ou perto. O que não atende por estar com visitas, por ter trabalhado muito e achar-se fatigado, ou por ser alta noite, mau o caminho ou tempo, ficar longe, ou no morro; o que, sobretudo pede um carro a quem não tem como pagar a receita, ou diz a quem chora à

⁴⁸ Explicação da expressão **um coração além de generoso, corajoso**, na aproximação de Menezes e Riobaldo (personagem ficcional): O personagem Riobaldo é o narrador-protagonista do livro *Grande Sertão: Veredas* e chefe de um bando de jagunços, que tece a história de sua vida num discurso de descoberta e autoconhecimento, revelando o sertão-mundo, como se dissesse o sertão sou eu para reconhecer-se. A saga do grande sertão é a constatação de que viver é negócio muito perigoso, é uma proposta de se viver de forma transcendente à limitada condição humana. Já Bezerra de Menezes numa luta incansável, ao tentar dar um lugar de destaque ao espiritismo, com determinação posiciona-se relativamente como Riobaldo. Ao se confessar espírita afirma: “meu coração finalmente encontrou onde pousar”. As expressões “o sertão sou eu” e “finalmente meu coração encontrou onde pousar” aproxima-os, além do fato de que ambos, ao invés de viver para contar sua saga pessoal, contarão para vivê-la.

porta que procure outro - esse não é médico, é negociante de negociante de medicina, que trabalha para recolher capital e juros os gastos da formatura. Esse é um desgraçado, que manda, para outro, o anjo da caridade que lhe veio fazer uma visita e lhe trazia a única espórtula que podia saciar a sede de riqueza do seu espírito, a única que jamais se perderá nos vaivens da vida (MENEZES, 2008, p.54)

Bezerra de Menezes tinha princípios espíritas baseados em Roustaing (1971) espiritualista cuja obra tornara-se conhecida no Brasil ao mesmo tempo em que as de Kardec. Sueli Bittencourt Oliveira⁴⁹, fez alusão ao livro de Roustaing (1971), intitulado: *Os quatro evangelhos: espiritismo cristão, ou, revelação da revelação: seguidos dos mandamentos explicados em espírito e em verdade.*⁵⁰ A discussão que se faz nas várias páginas versa sobre os mandamentos explicados em espírito e verdade pelos evangelistas assistidos por Moisés e pelos apóstolos. A obra ficou conhecida como *Os quatro evangelhos*.

No espiritismo, Bezerra de Menezes foi um dos maiores mediuns de cura física e espiritual, assim como foi Chico Xavier o maior medium psicógrafo. No *Livro dos mediuns*, há um capítulo que versa sobre os mediuns curadores.

É relevante salientar que, na doutrina genuína, o quesito cura não tem muita expressividade. Esse “serviço” de cura e tratamento espiritual é decorrente da tropicalização do espiritismo:

Uma das dimensões cruciais da existência do espiritismo no Brasil são suas práticas terapêuticas. Muitos observadores já notaram que o principal apelo

⁴⁹ Palestra proferida no centro de caridade Nosso Lar, em Santa Luzia/Minas Gerais, em outubro de 2008.

⁵⁰ Obra psicografada por Belga Émilie Collignon que, conforme os originais franceses, é de autoria dos espíritos dos quatro evangelistas, assistidos pelos apóstolos e por Moisés, tendo sido coordenada pelo jurisconsulto francês Jean-Baptiste Roustaing. Foi publicada originalmente em Paris, em 1866, em três volumes, sob o título *Les quatre évangiles - spiritisme chrétien ou révélation de la révélation*, pela editora Imprimerie Lavertujon. O tomo primeiro possuía 494 páginas; o tomo segundo tinha 703 páginas; e o tomo terceiro, 654 páginas. Segundo afirmação de Allan Kardec (Revue Spirite de junho de 1866, transcrita abaixo), a obra “é um trabalho considerável e que tem, para os espíritas, o mérito de não estar, em nenhum ponto, em contradição com a doutrina ensinada pelo *O livro dos espíritos* e o *Livro dos mediuns*”. *Os quatro evangelhos* aborda aspectos sobre a utilização e o envolvimento do magnetismo humano e espiritual em diversos episódios em que Jesus e os apóstolos os empregaram no tratamento de diferentes enfermidades. A obra explica, segundo os autores espirituais que assinaram os originais franceses, os dez mandamentos de Moisés, e todos os eventos e parábolas oriundos da pregação de Jesus Cristo. Também, segundo os autores espirituais que assinaram os originais franceses, explica a origem e a evolução do espírito, bem como a necessidade da encarnação em planetas primitivos ou de expiação como consequência da chamada “queda espiritual”. Aborda, ainda, a origem e as leis naturais que regem a formação de um corpo perispiritual no caso específico de Jesus, e todos os atributos desse corpo chamado “fluidico” no planeta Terra.

àqueles que procuram médiuns e centros espíritas estão em atividades que respondem a problemas de saúde. Assim, um paralelo pode ser sugerido: o lugar que há “prosperidade” ocupa entre os pentecostais da atualidade é equivalente ao lugar que a “cura” ocupa no espiritismo de várias épocas. Com efeito, não há momento em que o espiritismo deixe de fascinar por suas dimensões terapêuticas, às vezes espetaculares, bizarras até e sempre interessantes (GIUMBELLE, 2006, p. 284).

Kardec (1997b) introduz, em capítulo com poucas linhas do *Livro dos mediuns*, composto de 487 páginas sobre mediunidade, a seguinte consideração:

Unicamente para não deixar de mencioná-la falaremos aqui de uma espécie de médium curadores. Diremos somente que esse tipo de mediunidade consiste em certas pessoas terem o dom de curar pelo simples toque, pelo simples olhar (KARDEC, 1997b, p. 213).

Portanto ao se tropicalizar, o espiritismo trazia (traz) a cura como um dos principais exercícios da prática em centros espíritas.

Em todos os centros espíritas ouvidos por esta pesquisa, há sessões dedicadas à terapêutica espiritual⁵¹. Tal procedimento aproxima-se do cotidiano de um catolicismo que também promove a cura. Na religião católica, vários fiéis tomam água benta de determinado santo (a) que jorra de algum lugar sagrado para a cura de uma moléstia qualquer.

Muitos fiéis em procissões ou dias consagrados, em sinal de devoção, beijam a fita atada a um (a) santo (a) para a cura de enfermidades visuais ou de outra ordem. A necessidade do toque das mãos de um religioso sobre a cabeça dos fiéis para que a bênção seja (guar) dada é uma constante após as celebrações.

Há relatos para esta pesquisa de fiéis cristão-católicos que se disseram

⁵¹ O medium (receitista) era um indivíduo que, inspirado pelo “espírito” de um médico já falecido, diagnosticava doenças e prescrevia um tratamento baseado em medicamentos. Os medium (receitistas), pelo menos antes de 1890, atuavam individualmente (era raro atuarem em grupo mesmo quando pertenciam a alguns dos grupos espíritas), dando consultas e receitas, na maioria das vezes em sua própria residência. Em 1899, a Federação Espírita montou um “gabinete clínico” onde atendiam cinco ou seis medium receitistas; no ano seguinte, uma pequena farmácia, que passou a oferecer aos frequentadores a possibilidade de aviar lá mesmo as receitas. As instalações foram visitadas em 1900 pelo jornalista João do Rio, como parte de uma famosa série de reportagens para a Gazeta de Notícias; e ele fica espantado com a multidão de doentes que lá se encontra, “figuras dolorosas com laivo de esperança no olhar”. João do Rio transcreve vários casos de cura relatados por pessoas com quem conversou na FEB. Essa, por sua vez, mantinha estatísticas sobre o serviço de consultas e aiamento de receitas que eram publicados em seus relatórios anuais (GIUMBELLE, 2006, p.287).

curados pelo simples toque em algumas figuras religiosas. Podemos lembrar os casos de cura promovidos por Padre Eustáquio, Minas Gerais; por Frei Damião e Padre Cícero no Nordeste.

É evidente que não vamos tecer comparações entre a figura dos santos e a dos médiuns. Para o espiritismo, Padre Eustáquio, Frei Damião e Padre Cícero são espíritos da mais alta elevação (espiritual). Tereza dirigente emérita do centro espírita Nosso Lar, Santa Luzia/Minas Gerais, ao ser indagada sobre as curas dos três religiosos, sinalizou: “certamente eram médiuns curadores como foi nosso Divino Mestre Jesus Cristo”. A dirigente lembra-nos das curas dos cegos, aleijados, leprosos, deficientes, promovidas por Jesus.

O que se constata a partir da leitura do fragmento do referido depoimento é que dentro da religião católica e na doutrina espírita o espaço da possibilidade de cura ou de uma terapêutica religiosa sempre foi bem demarcado por linhas muito fortes. Há, portanto, mais uma demonstração da tropicalização do espiritismo, o que Lewgoy (2008) denomina de *brasilianização* e Stoll (2004) denomina de *espiritismo à brasileira*.

No entanto, há também um fenômeno paralelo à tropicalização, aventado por Lewgoy (2008), que é *transnacionalização do espiritismo kardecista brasileiro*. Neste cenário de participação hegemônica do kardecismo brasileiro na organização internacional do movimento espírita, discute-se: a difusão deste modelo para o mundo ibérico e latino; o papel adaptador do kardecismo; seu papel como organizador simbólico de cosmologias familiares de imigrantes brasileiros já estabelecidos nos Estados Unidos e na Europa.

3.5 Reflexões sobre a vitalidade do Espiritismo no Brasil atual

Segundo Pierucci (2006), no artigo "Cadê nossa diversidade religiosa", comentários ao texto de Marcelo Camurça, com base na tabulação avançada do censo demográfico de 2000, divulgado em maio de 2002, nosso pluralismo religioso aparece bem desmilinguido: quase binário.

O sociólogo analisa os índices dos adeptos do catolicismo, dos Evangélicos e

dos sem religião. Com relação aos espíritas, aponta um universo de adeptos com apenas 2.337.432, ou seja, 1,38% da população brasileira. Enfatiza que estão crescendo, segundo o censo. Ao contrário dos kardecistas, Pierucci (2000) salienta que as religiões afro-brasileiras, no ano de 2000, sofreram uma diminuição.

De acordo com o último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2000, o Brasil possui 2,3 milhões de espíritas. Com efeito, o IBGE trata os termos kardecismo e espiritismo como equivalentes em sua classificação censitária (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2000).

Terceiro maior grupo religioso no país, os espíritas constituem, também, o segmento social que possui maior renda e escolaridade, segundo os dados do censo (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2000). Ainda, conforme os dados do IBGE (2000), o espiritismo enquadra-se na categoria religião em considerável ascensão de adeptos. É importante chamar a atenção para tal procedimento. O IBGE classifica o espiritismo, para fins estatísticos, como religião. Em 1950, o Brasil tinha 824.553 espíritas. Em 2000, o Brasil concentrava 2,3 milhões de espíritas.

Em 2005, estimava-se a existência de 10 milhões de espíritas no mundo inteiro. Desse total, aproximadamente 3 milhões vivem no Brasil, fazendo dessa a maior nação espírita. Estima-se, porém, que o número de simpatizantes do espiritismo no Brasil gire em torno de 20 milhões, segundo dados colhidos nos arquivos da União Espírita Mineira.

Um fator decisivo para a consolidação do espiritismo no Brasil, segundo Isaia (2006), foi o aparecimento da carismática figura de Francisco Cândido Xavier, nascido em 1910 e desencarnado em 2002. Chico Xavier eclodiu primeiramente como fenômeno literário, com o apoio da FEB, que desde o começo do século dedicava-se à edição de livros - a Instituição publicou milhares de exemplares de títulos espíritas.

3.6 Entra em cena a alma cândida de Chico Xavier

Depois da permanência no plano físico do médico Adolfo Bezerra de Menezes (símbolo de benevolência e caridade, segundo depoimentos de número significativo de espíritas), surge, em meio pobre e sem qualquer recurso material, Francisco Cândido Xavier -, considerado, pela doutrina, um espírito de luz irradiante e plena. Mineiríssimo do interior trouxe para a doutrina, assim como Bezerra de Menezes, a firmeza que necessitava conforme alguns dirigentes de centros espíritas e pesquisadores do espiritismo como, por exemplo, o psicógrafo Celso de Almeida Afonso, de Uberaba. Certa feita, conta-nos Souto Maior (2004, p. 31), em sua obra *Por trás do véu de Ísis*, foi perguntado ao psicógrafo Afonso sobre sua mediunidade e a de Chico Xavier. Afonso, sem maiores delongas, respondeu de forma incisiva: “Sou um radinho de pilha. O Chico era a Embratel”. Para Afonso, Chico Xavier foi e será o maior medium do Brasil. É a grande referência do Brasil internacionalmente.

Chico Xavier nascido em 1910, Pedro Leopoldo/Minas Gerais, e falecido em 2002, é o modelo de liderança espírita. Teve uma infância pobre. Perdeu a mãe ainda muito cedo. O pai casou-se novamente e praticamente deixou a educação sob os cuidados da então madrinha que o maltratava muito. Seu sofrimento era além do que podia suportar (AGUIAR, 2006). Segundo o maior medium brasileiro, em entrevista ao programa Pinga Fogo (1971), sua história com o espiritismo ali começava.

A vida de Chico Xavier foi casta e de dedicação exclusiva à doação à causa daqueles que sofrem e buscam o lenitivo para a dor na religião. Sempre se dedicou à caridade. É importante lembrar que durante toda sua vida o medium teve como mentor espiritual Emmanuel que, segundo o próprio medium, foi em vidas passadas o jesuíta Antônio Manuel da Nóbrega, fundador da cidade de São Paulo.

Lewgoy (2004), na obra *O grande mediador*, avança em uma interpretação da obra do medium. Para o autor, o mineiro de Pedro Leopoldo, carente e pobre, é a maior referência do espiritismo no Brasil, pelo número de obras psicografadas depositadas nas bibliotecas de todo o país, traduzidas para diversas línguas e lidas por aqueles que são adeptos do espiritismo e também pelos curiosos. A atuação religiosa do medium é alvo de vários estudos.

Lewgoy (2004), ao fazer uma leitura minuciosa da obra de Chico Xavier, comenta:

Chico é o líder religioso que abriu novas passagens para o Espiritismo e o catolicismo, como mediador cultural que reinterpretou a mensagem espírita para o encontro entre uma religiosidade de letrados e os valores cultivados pelas classes populares [...] estou afirmando, que ele mais do que um médium influente, desempenhou um papel decisivo na fabricação de costuras entre os sistemas éticos e cosmológicos opostos do carma e da graça, assim aproximou “por baixo” o catolicismo e o Espiritismo (LEWGOY, 2004, p. 43).

A obra do medium psicógrafo é extensa, com aproximadamente 400 títulos e uma vendagem que supera qualquer escritor brasileiro. Apesar de vendagem absoluta, o medium nunca figurou nas listas dos mais lidos e vendidos. O estilo da psicografia de Chico Xavier é bem versátil, varia da prosa à poesia de grande estilo. Não pairavam dúvidas sobre a psicografia no meio espírita. Durante o tempo em que esteve no plano físico, psicografou Castro Alves, Humberto de Campos, Arthur Azevedo, Guerra Junqueira, entre tantos outros.

Alguns críticos literários, por volta de 1927, ano do início da psicografia de Chico Xavier, não aceitavam a autoria atribuída aos textos. Era impossível pensar que alguém com quarta série primária fosse capaz de escrever sob a influência de autores, poetas tão ilustres. O grupo de críticos se dividia, e as críticas contrárias à psicografia eram inúmeras e pesadas. O problema maior para os críticos é que por mais que quisessem não conseguiam provar cientificamente que os textos não eram de autoria dos ilustres poetas e escritores. Chico Xavier, para alguns críticos, não passava de uma grande e bem montada farsa.

A mediunidade de Chico Xavier passou por momentos muito delicados. A família do Humberto de Campos barrou a psicografia assinada pelo medium e quis processá-lo, além disso, exigia direitos autorais sobre as obras. A maneira que encontraram para acabar com a polêmica foi substituindo o nome de Humberto de Campos por Irmão “X”. Algumas questões polêmicas envolvendo o sobrinho do medium fizeram com que Chico Xavier se mudasse para Uberaba/Minas Gerais, definitivamente. Com residência fixa na cidade, envolve-se com as obras de caridade e fundação de um centro espírita que trabalhava com processos de materialização. Recruta alguns mediuns - entre eles sua amiga Otília Diogo -, as sessões começam a ganhar adeptos e o tempo do medium fica comprometido com

os trabalhos.

Nesta época, Chico Xavier resolve atender alguns convites da imprensa para entrevistas e reportagens. O medium se vê envolvido em um episódio muito desagradável. Depara-se com uma denuncia de fraude. O fato tem repercussão nacional e provoca alguns estragos que imediatamente são recuperados pela integridade da figura de Chico Xavier. O medium era muito respeitado no meio espírita e fora dele. Emanuel, mentor espiritual, intercede e impõe a Chico Xavier disciplina rígida de trabalho psicográfico.

Assim, Chico Xavier passa a concentrar todas suas energias e refaz o caminho trabalhando em prol da caridade, no exercício da psicografia sem temor e, com máxima bravura, lança-se na tarefa de cada vez mais aproximar a doutrina espírita/espiritismo dos princípios cristãos. É importante ressaltar que Chico Xavier simboliza a comunhão na doutrina espírita com os princípios mais sublimes do cristianismo - caridade e amor ao próximo. A era Chico Xavier inaugura um espiritismo cristão e, não, uma religião civil como se pensava em meados do século XIX.

Cento e trinta e cinco anos após a ancoragem nos trópicos, a doutrina espírita vive dias mais tranquilos. Os chamados *establishments* religiosos já não percebem o espiritismo como uma religião vinculada a ritos satânicos. No entanto, as resistências ainda pululam por parte de alguns grupos religiosos. Segundo estatísticas do IBGE, o Brasil tem 191,5 milhões de pessoas, e os espíritas somam 3% dessa população. A crença na doutrina dos espíritos está mais consolidada. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2000).

Atualmente, os centros espíritas são filiados à Federação Espírita Brasileira e também às Unidades Estaduais (União Mineira, União Paulista etc.) A Federação e as Unidades Estaduais têm por objetivo unificar o movimento espírita no sentido de não deixá-lo dispersar-se, promover reuniões periódicas entre as unidades de cada estado, organizar congressos, seminários, encontros que discutam a doutrina. O espiritismo raramente se envolve em questões políticas e nunca lança candidatos para o Executivo e Legislativo. Dentro do movimento existe uma autonomia e independência muito grande dos centros e de seus dirigentes. Cada centro tem seu estatuto de funcionamento, seus conselhos e sua diretoria. Essa independência

dentro do movimento permite que cada centro organize seus ritos de maneira particularizada. Em alguns centros, realizam-se sessões de cura, sessões de estudos das obras escritas por Kardec ou psicografadas, campanhas do quilo, reuniões para evangelização, fluidificação de águas. Em outros, há sessões mediúnicas de trabalhos com reiki, cura pelos cristais, cromoterapia (cura pelas cores), fitoterapia, acupuntura. Ao serem fundados/abertos, os centros passam a funcionar sob a proteção de uma espiritualidade (espírito protetor), o chamado mentor (a) espiritual. A espiritualidade ou mentor (a) espiritual é aquele (a) que, do plano espiritual, dá os acordes, nas sessões mediúnicas, às ações do cotidiano no plano físico.

Pierucci (2000, p. 291) não hesita em colocar o espiritismo apartado do campo cristão como “posto avançado da cosmovisão hindu, apesar de territorializá-lo na América Latina”. Já Camurça (2000) traz um novo elemento e inova ao inserir o espiritismo como uma “religião neocristã”.

A análise de Pierucci (2000) e Camurça (2000) caminham em direções opostas, vez que Pierucci (2000) desloca as influências da tropicalização para a cosmovisão hindu, apesar de demarcá-la na América Latina. Já Camurça (2000, p. 47) traz para dentro do espiritismo o que Chico Xavier semeou, “dando outros tons, pois introduz a prefixação neo à palavra cristã” demonstrando sua adoção ao entendimento de que os espíritas veem-se como uma renovação do cristianismo.

Para Camurça (2010) o que corrobora para que o espiritismo tenha uma roupagem neocristã são reinterpretações que o estágio anterior não era capaz de fazer. Com relação ao lugar do espiritismo na atualidade salienta alguns elementos que foram fundamentais para as ressignificações:

Para o espiritismo, Jesus Cristo é um “espírito superior”, o “governador” do planeta Terra, responsável pela evolução dos seres que por essa instância passam em direção a outros mundos espirituais mais evoluídos, e muitos dos seus “milagres” teriam uma explicação científica na chave dos padrões energéticos, vibratórios e mediúnicos. Por isso, seguindo a linha de Wulffhorst e Dahmman e seu conceito de “movimentos neoreligiosos” como de “caráter reinterpretaivo, inovador, completo e atualizante da religião clássica”, classifico o espiritismo como um “Neocristianismo” pela sua capacidade de ressignificar um “veterocristianismo” (católico, ortodoxo, protestante), introduzindo nele conteúdos do léxico cientificista e evolucionista (energias, padrões vibratórios; a “alma” como “perispírito” etc.). É sobre a religião cristã pré-existente que o espiritismo vai empreender sua reinterpretação, compreendendo-se como uma revelação que esclarece o cerne da mensagem do Cristo, o que o estágio anterior não era capaz de fazer. Através desse movimento reinterpretaivo, a história

sagrada e as figuras santas do catolicismo, como São Luís, Santo Agostinho, etc., ou, no caso do Brasil, o padre Manuel da Nóbrega, são reapropriados pelo espiritismo como “espíritos mentores” que se manifestam do plano espiritual revelando a cosmologia evolucionista da doutrina espírita. (CAMURÇA, 2010).

O espiritismo tropicalizado traz também, em seu bojo, segundo os dirigentes espíritas entrevistados para a pesquisa, que a codificação de Kardec apresenta-se como a terceira revelação - o Consolador Prometido.⁵²

No capítulo que se segue, a pesquisa abrirá um espaço para discutir a importância do tratamento espiritual na tropicalização e cristianização do espiritismo, em dois centros espíritas localizados na cidade mineira de Santa Luzia. A discussão percorrerá o significado dos termos adoecimento, acolhida, tratamento espiritual no espiritismo tropicalizado, com o objetivo de investigar o adoecimento de pessoas devido ao excesso de trabalho, da fragilidade nos laços humanos nas relações, e a busca desesperada pela felicidade e por um tempo de delicadeza(s).

⁵² Dentre esses emissários, destacou-se Moisés, incumbido de dirigir o povo hebreu nos primórdios de sua organização social e política, preparando o terreno, para que, mais tarde, ele mesmo, Jesus, viesse trazer sua mensagem. Moisés consolidou a crença no Deus único (1ª revelação), base sobre a qual Jesus edificaria seu ensino de que esse Deus é Pai de todas as criaturas, ama-nos a todos igualmente e nos reserva futuro glorioso de plenitude e paz (2ª revelação). Seria um grande erro, pois, pensarmos que a tarefa do Mestre se limitasse àqueles tempos da Palestina. Ele esteve atento aos destinos humanos desde o princípio e sabia que não seria fácil para os homens o caminho da evolução espiritual. Por isso prometeu que enviaria mais tarde um Consolador (João, cap. XIV, vv. 15 a 17 e 26), para lembrar o que Ele dissera e nos ensinar todas as coisas que não poderiam ser entendidas naquele tempo. O Consolador Prometido por ele seria, pois, a 3ª revelação (Padre Danil, 45 anos, Pároco da cidade de Santa Luzia/Minas Gerais, entrevista realizada em março de 2011).

4 À ESCUTA DO OUTRO: DO SILÊNCIO E DOR À PALAVRA

Neste capítulo, objetivou-se discutir o significado e a importância do tratamento espiritual no processo de tropicalização do espiritismo. No desfiar dos depoimentos, as palavras adoecimento e acolhida serpentearam como fios condutores nas entrevistas realizadas com dirigentes da Casa de Caridade espírita Nosso Lar e da Casa de Caridade espírita Irmã Fabíola (ambas localizadas na cidade mineira de Santa Luzia) e com quatorze frequentadores (assíduos e transitórios) dessas duas casas.

Em alguns momentos da escrita deste texto, aconteceu como o fio de Ariadne⁵³ - o entretecimento precisou ser desfeito, vez por outra, pois em todo texto há um movimento interno. No entanto, o sentido lido é também atribuído pelo leitor, processo de construção para o qual o escritor precisou estar sempre atento.

Foram entrevistados para a pesquisa sujeitos que, em algum momento, nos dois últimos anos, viram-se tomados pelas dificuldades cotidianas como desesperanças, angústias, crises de ansiedade, fragilidades nos laços familiares e profissionais, sobrecarga de trabalho, que culminaram em adoecimento(s) tanto físico (s) quanto espiritual (ais), as quais os levaram a procurar tratamento espiritual em uma das referidas casas espíritas.

Esta pesquisa também não ficou restrita ao acervo científico, mas abrangeu, também, a literatura espírita que alicerçou a construção do texto, já que a intenção foi abordar o tema no sentido ensinado por Le Goff (1998, p. 78), quando elucida que não se deve estudar apenas por meio de veículos oficiais, pois: “a história tradicional é uma história vista de cima, enquanto a nova história é a história vista de baixo”. A primeira se ocupa apenas dos grandes feitos dos grandes homens. A segunda procura ouvir outras vozes, assumindo o estudo das pessoas comuns, de seus modos de viver e pensar. (LE GOFF, 1998).

⁵³ O Fio de Ariadne, assim chamado devido à lenda de Ariadne, é o termo usado para se descrever a resolução de um problema, que pode proceder de diversas maneiras óbvias (como exemplo: um labirinto físico, um quebra-cabeça de lógica ou um dilema ético), através de uma aplicação exaustiva da lógica por todos os meios disponíveis. É o método singular utilizado, que permite seguir completamente pelos vestígios das pistas ou assimilar gradativa e seguidamente uma série de verdades encontradas em um evento inesperado, ordenando a pesquisa, até que se atinja um ponto de vista final desejado. Este processo pode assumir o método de um registro mental, uma marcação física ou mesmo um debate filosófico. (CONCEITOS filosóficos, 2011).

Ao invés de se ater ao automatismo da história tradicional, pretendeu-se, através da nova história, levantar hipóteses, correlacionar dados, fornecer elementos para a compreensão das realidades complexas contidas no tema da pesquisa, necessários ao aprofundamento da análise da tropicalização do espiritismo (LE GOFF, 1998).

Não houve pretensão de esgotar definições, forçar aproximações ou dessemelhanças com relação às expressões que foram denominadas fios condutores. O tratamento espiritual, na pesquisa, concentrou-se em atender às necessidades prementes e imediatas narradas pelas pessoas adoecidos, e responder ao seu sofrimento e produzir recursos de enfrentamento para essas adversidades pela via religiosa.⁵⁴

Três momentos foram analisados nos depoimentos por serem de fundamental importância para a essência da discussão sobre a terapêutica ou tratamento espiritual - o momento da acolhida/encontro, o da fé e o da esperança.

O tratamento espiritual como metonímia de uma terapia religiosa acolheu esses momentos circunscritos no dizer dos entrevistados. A procura pelo alívio, e muitas vezes pela cura, passa na maioria das vezes, pelo caminho de uma queixa inicial de dor e sofrimento, durante a triagem para o início do tratamento espiritual. Os sujeitos adoecidos e/ou desesperançosos batem nas diversas portas sagradas, para que suas necessidades imediatas sejam atendidas. Ao procurar um espaço sagrado envolto em religiosidade, o andarilho ou o buscador⁵⁵ espiritual, convoca por meio da fé, a possibilidade de transformar sua dor em esperança. A fé aqui pensada não é, necessariamente, a da fidelidade de pertencimento exclusivo mas, sim, de um movimento em direção ao que pode estar presente na atmosfera que envolve o sagrado. A fé se apresenta como um sentimento que emerge nesse momento em que a dor e o sofrimento tornam-se epidérmicos, que veem à superfície do corpo e deflagram os vários tipos de adoecimentos espiritual, mental e físico. O corpo e a alma começam, via desarmonia e desequilíbrio, a clamarem por

⁵⁴ De acordo com Durkheim: “Uma noção que geralmente é considerada característica de tudo aquilo que é religioso é a de sobrenatural com esse termo entende-se toda ordem de coisas que vai além do nosso entendimento; o sobrenatural é o mundo do mistério, do incognoscível do incompreensível”. (DURKHEIM, 1989, p. 54).

⁵⁵ A palavra buscador foi usada pelo místico Mawlānā Jalāl ad-Dīn Muhammad Rūmī (1207-1273), nasceu na região de Balkh, atual Afeganistão. Considerado um dos maiores místicos e poetas do Islã, a UNESCO dedicou a ele o ano de 2007. (RŪMÍ..., 2007).

ajuda e acabam por revelar um sofrimento, na maioria das vezes, insuportável. A peregrinação aos médicos, aos hospitais, aos postos de saúde, às clínicas começa a não fazer efeito. Os sintomas estão presentes e o adoecimento não se dissipa.

Como os procedimentos da medicina tradicional, às vezes, não são suficientes e eficazes para aquela situação, para exorcizar os sintomas do(s) sofrimento(s), o tratamento espiritual, ou a terapêutica religiosa, entra nesse espaço também sagrado que é o corpo, para tentar transformar desespero, angústia e adoecimento em esperança de viver. E, é nesse momento, que a atmosfera cristã das casas espíritas entra em ação. A escuta atenta do médium envolta em palavras seminais como esperança, coragem, desenraiza das entranhas desse buscador um sentimento de pertença e a fé se faz presente. O andarilho religioso, então, converte-se e curva-se momentaneamente ou definitivamente à terapêutica religiosa.

Durante o tratamento o legado do Cristo será o principal lenitivo para o sofrimento inicial. Na medida em que o tratamento for ministrado, os ensinamentos do Cristo são derramados simultaneamente. Após o adoecimento, os sintomas poderão ou não desaparecer. Tudo dependerá do envolvimento e da evolução de cada um. Tais posturas implicam coragem, esperança, caridade e o encontro silencioso com as mazelas interiores e anteriores.

Emanuel, quando perguntado sobre qual a sua religião, respondeu que é o espiritismo. No entanto, teceu as seguintes considerações:

O espiritismo não parece ser uma religião, pois, pelo que entendo de religião, é algo bem diferente. Na religião tem santos, obrigações, imposição de condutas, mas ao mesmo tempo fico em dúvida, pois aqui no centro aplicam-se os ensinamentos de Jesus Cristo, só que relacionados aos princípios kardequianos. Então há uma confusão ainda na minha cabeça: se o espiritismo é uma doutrina ou uma religião. Para falar a verdade, quando cheguei aqui achei mais parecido com uma terapia, pois vim trazido pela minha mãe para fazer um tratamento espiritual. Será que existe uma terapia que pode ser pensada dentro de uma religião ou doutrina ou seria mais ligado a espiritualidade? O kardecismo ou o espiritismo, que também não sei dizer ao certo, se apresenta como um tratamento para o espírito camuflado de religião? Pois é isso que parece ser.⁵⁶

O depoimento de Emanuel aponta para a indagação, objeto desta pesquisa, ou seja, ao narrar sobre o espiritismo suscitou o questionamento sobre a categoria

⁵⁶ Emanuel, 25 anos, especialista, educador físico, entrevista realizada em Santa Luzia, 8 abr. 2011.

em que se enquadraria o espiritismo. Há indícios, pelo seu depoimento, de que o espiritismo é considerado uma terapia religiosa.

Para que não parem dúvidas no que tange aos significados e a interpretação não fique contaminada por uma leitura que privilegie a história única, é fulcral esclarecer que trabalhou-se com os termos medicina cartesiana e medicina alternativa, sem qualquer parcialidade ou intenção anárquica de desconstruir a relevância da medicina cartesiana.

Aliás, cumpre salientar que, mesmo tendo abordagens teórica e geográfica, diferenciadas, as duas categorias - medicina cartesiana e alternativa - têm importâncias equivalentes. Tais concepções foram demarcadas em bojos diferentes para que se pudesse analisar o tratamento espiritual no espiritismo tropicalizado, amalgamado à medicina alternativa.

Explica Odoul (2003) algumas dessas diferenças:

Na medicina ocidental, o equilíbrio e a desarmonia do corpo predisõem certamente a instalação de determinada doença. Esta predisposição pode ser congênita ou causada por fatores externos - perdas de pessoas queridas, excesso de contrariedades, sobrecarga de trabalho, conflitos familiares, desilusões amorosas, entre outros. No Oriente, a doença é testemunha de um obstáculo ligado à energia e a situações que geram doenças ou entraves ao pleno desenvolvimento do corpo físico. (ODOUL, 2003, p.50).

As adjetivações cartesiana e alternativa surgem, devido ao fato de o tratamento espiritual, ministrado pelos mediuns nas duas casas espíritas pesquisadas, ser enquadrado como uma propedêutica reconhecida na medicina alternativa e, por vezes, recomendada pelos profissionais que por meio dela atuam.

Os médicos/mediuns que trabalham nas casas espíritas pesquisadas são homeopatas e recomendam, em consultório, o tratamento espiritual aos seus pacientes.

João, dirigente da reunião de tratamento espiritual na casa espírita Irmã Fabíola, foi criterioso e contundente ao explicar que o tratamento espiritual é uma “terapia de apoio”. Não se deve, em hipótese alguma, abandonar os medicamentos aviados pelo médico alopatas/cartesiano e seguir somente o que prescreve o tratamento espiritual, como sinaliza o responsável pelo tratamento espiritual na casa

de caridade Irmã Fabíola⁵⁷:

Gostaria de lembrar que normalmente quando recebemos a palavra do mentor sempre nos é sugerido que o paciente visite ao seu médico, paralelamente ao trabalho, pois, só assim poderá haver eficácia no tratamento sempre à individualidade de cada irmã. Se ele já está em tratamento e fazendo uso de medicamentos alopáticos, deverá continuar. A medicação recomendada pelo médico não deve ser suspensa. Seria uma irresponsabilidade pedir que alguém deixe de tomar uma medicação e fique somente com os remédios “prescritos” pelo mentor da reunião de cura. Muitos irmãos e irmãs nos procuram como terapeutas (João).

Desse modo, percebe-se que a adesão a um tratamento espiritual não afasta ou desqualifica a procura e/ou manutenção do tratamento ministrado por profissional adepto da medicina cartesiana. O ideal é que se possa transitar nos dois territórios, tratando corpo, mente e espírito com as propedêuticas adequadas.

Para dar continuidade ao estudo realizado, foi necessário esclarecer algumas aproximações e/ou distanciamentos na abordagem das concepções de medicina cartesiana e alternativa, convocadas para a pesquisa.

O termo medicina alternativa é comumente usado para descrever práticas médicas diversas da alopatia, ou medicina ocidental. Existem estudiosos do assunto que apontam que esta é uma definição inadequada, pois se deve considerar a medicina como constituída por métodos cientificamente validados de diagnóstico e tratamento, independente do fato de ser aplicada no oriente ou ocidente. Ainda, o termo alopatia foi criado pelo inventor da homeopatia como uma oposição ao princípio de "cura pelo semelhante" da homeopatia. Assim, o que estiver validado, mesmo que não convencional no meio, como fitoterapia, faz parte do arsenal de diagnose e terapia. Estes mesmos estudiosos indicam que uma definição mais adequada para a medicina alternativa seria o conjunto de práticas de diagnose e terapia sem a apropriada validação científica, ou que sejam consideradas inacessíveis ao método científico experimental, o que neste último caso pode ocorrer nas práticas de cura via métodos metafísicos e espirituais, diferentemente das práticas médicas convencionais. (PELIZZOLI, 2010, p.56).

Assim, como por efeito de contraste, alguns pontos ou demarcações importantes foram evidenciados para que o agir nas falas das entrevistas não privilegiasse a medicina alternativa em detrimento da cartesiana, dando a impressão de que a medicina cartesiana deveria ser desconsiderada em suas práticas e

⁵⁷ Na casa de caridade irmã Fabíola, durante os tratamentos espirituais, são utilizados vários tipos de terapias, como cromoterapia, reiki, cinesiologia. Lá, trabalha-se com entidades ligadas à natureza e às religiões afro, como caboclo e preto-velho, considerados espíritos de alta elevação, que se manifestam nas sessões de curas mediúnicas.

propedêuticas.

Observa-se no depoimento que se segue que, na medicina cartesiana, há determinados profissionais alopatas que se utilizam de uma abordagem diferente: separam, ao ministrar qualquer tratamento, a conexão mente, corpo e espírito, considerando o sujeito de maneira fragmentada e, a partir do fragmento doente, estabelece seu procedimento de cura, que consiste em curar o fragmento ferido:

Estou me tratando com um médico há mais ou menos um ano. Tenho enxaquecas - crises terríveis. O médico me falou que a enxaqueca é devido a um problema físico e que se agrava pelo stress que vivo diariamente. Segundo o médico não há muito que fazer - tenho que tomar remédio para ansiedade que é controlado (que compro com a receita azul) e um fortíssimo para dor de cabeça. Lá no centro no tratamento é diferente. Eles conversam comigo sobre o meu problema, parece até uma terapia. Após iniciado o tratamento espiritual, as minhas crises estão vindo diferentes. Bebo água fluidificada, tomo passes e uso a pomada Vovô Pedro na nuca e na testa (como recomendado quando vem a dor). Estou também lendo um livro do médium que chama Aspectos psiquiátricos e espirituais nos transtornos emocionais. É difícil a leitura, mas estou começando a entender mais as coisas. Uma coisa interessante: eu disse para o médico que trata de mim, que eu estava fazendo tratamento no centro e ele me disse: você não vai morrer devido à sua enxaqueca, mas vai morrer com ela. A sua enxaqueca não tem cura.⁵⁸

Essa postura limitadora, inerente à medicina cartesiana, vai de encontro ao objetivo da pesquisa: investigar e apontar os benefícios do tratamento espiritual, como os oferecidos nas duas casas espíritas pesquisadas.

Ao refutar outras formas de tratar o corpo, o profissional cartesiano mostra-se reticente a entender e curar as enfermidades mais cruciais da atualidade mencionadas anteriormente, vez que não abarca as particularidades e complexidades do ser humano, ao se recusar a admitir a possibilidade de um tratamento espiritual, como um caminho para aliviar alguns males e dores humanas, focando a lente tão-somente no fragmento doente.

Martins (2009, p. 23) corrobora essa opinião, ao elucidar que na medicina cartesiana a leitura do todo não aparece, pois, o agir da relação saúde-enfermidade e ser humano apresenta-se mecanicista e reducionista.⁵⁹

⁵⁸ Sarah, 53 anos, segundo grau, escriturária, entrevista realizada em Santa Luzia, 21 jun. 2010.

⁵⁹ Morin (2003) fala da inteireza do ser humano, ou seja, a parte não sobrevive sem o todo e o todo é formado das partes e sem elas também não sobreviveria; são partes autônoma e dependentes.

Em matéria de pesquisa não se pode raciocinar como se tratasse de uniformizar pesos e medidas, ideias e postulados. As ideias de Martins (2009) vão ao encontro do pensamento do neurocirurgião Niemeyer (2011), que, ao ser perguntado, em entrevista, se existe alguma coisa que se possa fazer para o cérebro funcionar melhor, sem grandes arroubos respondeu:

Você tem de tratar o espírito. Precisa estar feliz, de bem com a vida. Se estiver deprimido, com a auto-estima baixa, a primeira coisa que acontece é a memória ir embora. 90% das queixas da falta de memória são por depressão, desencanto, desestímulo. Para o cérebro funcionar melhor você tem de ter motivação. Acordar de manhã e ter desejo de fazer alguma coisa, ter prazer no que está fazendo e procurar alternativas de tratamento, sejam elas quais forem. Eu acho que a alma está na cabeça. Quando um doente está com morte cerebral você tem a impressão de que ele já está sem alma. Isso não dá para explicar, o coração está batendo, mas ele não está mais vivo. Há pessoas que procuram outros caminhos diferentes da medicina convencional. Há muita coisa que não dá para explicar. O comportamento de cada um depende muito da influência do meio e de outras causas que a gente nunca vai desvendar totalmente. (NIEMEYER, 2011).

Quando a pessoa em tratamento espiritual vence uma etapa, resolve um problema, é como se conseguisse retirar um novo passaporte para a vida, como nos afirmou Niemeyer (2011) ao dizer da importância das buscas individuais.

O tratamento espiritual mostra-se importante também, segundo a fala dos entrevistados, justamente pelo fato de englobar na ação/tratamento voltado para a mente e o espírito sem rejeitar o tratamento fisiológico. É sempre uma oportunidade de aprendizado, como ressalta Berenice:

[...] O tratamento sempre melhora minha condição geral (tanto orgânica quanto emocional). Neste último tratamento que concluí há pouco estava doente fisicamente (urticária gigante e suposto processo de edema de glote) e também emocionalmente. Estava nervosa, agressiva e descrente das pessoas a minha volta. Tive muitas ideias pessimistas e chorei muito, além de estarem tendo insônia quase todas as noites. Antes do término do tratamento já pude perceber uma melhora geral do meu estado físico e emocional. O tratamento consistiu em assistir reuniões de desobsessão, reuniões de tratamento da saúde além de utilizar em abundância água fluida e ler um livro espírita de orientações sobre condutas para viver melhor. Tanto na leitura como nas reuniões sinto que as palavras, orientações me fazem refletir sobre aspectos que eu não vinha atentando antes e que eram justamente os que me causavam desajuste ou problemas. Conversar com Jesus por meio das preces é um preenchimento e um esvaziamento. Fico plena de coragem e vazia de medos, temores, ansiedades. O tratamento espiritual é como se fosse uma terapia dentro de um lugar sagrado que invade meu ser, diria até, quem sabe, um território religioso.⁶⁰

⁶⁰ Berenice, 51 anos, superior completo, psicóloga, entrevista realizada em Santa Luzia, 6 mar. 2011.

Berenice experencia, no tratamento espiritual, um dos momentos descritos no início do capítulo - o da esperança -, quando deixa vir à tona em seu depoimento que para se atingir um estado de equilíbrio diante do seu desgaste que é físico e espiritual, a conversa com Jesus é o medicamento, é o lenitivo adequado, pois, traz a coragem e exorciza, afasta seus medos e preenche o vazio instalado pelo estado de desequilíbrio. Daí pensar-se no tratamento espiritual como uma terapêutica religiosa. O diálogo com Cristo traz, segundo alusão feita, evidências das marcas da cristianização e, também, de que a terapêutica espiritual passa pelo viés religioso no espiritismo tropicalizado. Não há como desconsiderar tal hipótese, quando, do depoimento de Berenice, transbordam tais demarcações.

O uso adequado das palavras é que nos ensina e sinaliza sua significação. Com efeito, tais significados ou significações migraram para lugares diversos demarcados pelos depoimentos, que deram os acordes adequados à análise. A coerência de um texto depende, essencialmente, do êxito do ouvinte e do leitor em conseguir montar seu quebra-cabeça, agrupando significados e conceitos ao ouvir e escrever algumas palavras.

4.1 A inserção do tratamento espiritual na medicina alternativa

O tema tratamento espiritual vem sendo discutido com mais ênfase pelos teóricos⁶¹ que defendem a vertente ou o movimento de uma medicina alternativa, emancipada - aquela que trabalha com a concepção de que a saúde caminha numa integração corpo - mente-espírito como preconiza o documento da Organização Mundial de Saúde (OMS), adotado na quarta Conferência Internacional sobre promoção da saúde:

A promoção da saúde é um investimento valioso.

A saúde é um direito humano fundamental e essencial para o desenvolvimento social e econômico.

A promoção da saúde está sendo reconhecida cada vez mais como um

⁶¹ Odoul (2003), Capra (2009), Pelizzoli (2010), Martins (2009), Greenfield (1999), Miranda (2004), Moreira (2010), ASSOCIAÇÃO MÉDICO-ESPÍRITA DE MINAS GERAIS - AMEMG, (2011), ASSOCIAÇÃO MÉDICO ESPÍRITA DO BRASIL - AME, (2007); NÚCLEO DE PESQUISA EM ESPIRITUALIDADE E SAÚDE DA UNIVERSIDADE DE JUIZ - NUPES, (2011).

elemento essencial para o desenvolvimento da saúde. É um processo para permitir que as pessoas tenham maior controle sobre sua saúde e para melhorá-la. A promoção da saúde, mediante investimentos e ações, atua sobre os determinantes da saúde para criar o maior benefício para os povos, para contribuir de maneira significativa para a redução das iniquidades em questão de saúde, para assegurar os direitos humanos e para a formação do capital social. Sua meta primordial é aumentar as expectativas de saúde e reduzir a brecha quanto à expectativa de saúde entre países e grupos. (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 1997).

Esclarecemos que, desta discussão, participam a homeopatia⁶² e a antroposofia⁶³, pensadas pela medicina cartesiana como medicinas “alternativas”, devido à maneira holística como abordam, via medicamentos e outras propedêuticas o sujeito face ao adoecimento.

A homeopatia estabeleceu-se no século XIX e permanece até hoje como uma parceria perfeita da terapêutica espírita. Tanto a ação da homeopatia quanto a da terapêutica espírita estimulam o organismo a agir contra a própria enfermidade. Assim, a ação não se limita à do medicamento. O medicamento homeopático gera uma espécie de energia, de fluido, segundo a bioquímica Sônia Almeida da *pharmácia* Mater Maria, localizada em Santa Luzia.

Os médicos, que são mediuns e trabalham em casas espíritas, explicam que os medicamentos associados aos outros procedimentos da terapêutica espírita (citadas anteriormente) fazem com que o sujeito tenha disposição para sair do estado de adoecimento no qual se encontra. Divaldo, afirma que:

Como médico não posso ignorar procedimentos que têm sido usados há séculos e tem beneficiado várias pessoas somente porque eles não são metódicos, ou seja, estão fora do estatuto da ciência cartesiana (da qual me formei e estou filiado) ou porque existe o charlatanismo. As medicinas espirituais são práticas sérias e que exigem daqueles que com ela trabalham muito estudo e responsabilidade. O curso de medicina deveria incluir em seus currículos estudos sobre espiritualidade, sob pena de

⁶² Método terapêutico criado pelo médico alemão Christian Friedrich Samuel Hahnemann (1755-1834) cujo princípio está baseado na *similia similibus curantur* (“os semelhantes curam os semelhantes”).

⁶³ Também chamada de “ciência espiritual”, significa “conhecimento do ser humano”. É uma filosofia e uma prática que foi erigida por Steiner citado por Cruz (2010). Ele a apresenta como um caminho para se trilhar em busca da verdade que preenche o abismo historicamente criado, desde a escolástica entre fé e ciência. Na visão de Steiner, a realidade surge no encontro dos mundos da ideia e da percepção. Steiner coloca que, ao se pensar sobre o pensar começamos a fazer acesso a uma consciência diferente da cotidiana. A primeira experiência que podemos ter de um conceito que não encontra correspondente nas percepções do mundo é a vivência do próprio Eu. É a primeira instância de uma experiência no puro pensar. A partir daí, muito mais pode ser vivenciado no puro pensar, nos vários conceitos que não encontram correspondentes em percepções físicas, mas, para isso Steiner diz ser necessário ampliar a capacidade de nossa consciência e apresentar exercícios para tal.

perder-se no mecanicismo e tecnocentrismo. Tais ações tendem a enriquecer as indústrias da doença. Precisamos como médicos usar a sabedoria contra um saber acadêmico reducionista, com a finalidade de abrir espaços em prol do bem social e humano. Sinto que essa luta está centrada num substrato político. Há que se ter uma gigantesca coragem e uma ética amorosa para trazer a discussão de tratamentos naturais e alternativos para dentro da academia.

Por ser médico homeopata, o depoimento de Divaldo corrobora a discussão que acontece no núcleo da pesquisa: o profissional que se perde na prática mecanicista e tecnocentrista da medicina contribui para a expansão da indústria da doença e manutenção dos adoecimentos humanos. O saber acadêmico recebido nos meios científicos, e a que alude o entrevistado, está associado a uma sabedora que resiste à mercantilização da medicina e às suas propedêuticas.

Qual seria, então a conexão entre a mercantilização da medicina, a fabricação da indústria da doença, com a questão do tratamento espiritual no espiritismo?

A resposta se postaria na oferta dos serviços e em sua qualidade. Pode-se aqui, também, remeter à conduta clínica dos profissionais nos postos de saúde, nos hospitais, nos ambulatórios, principalmente os da rede pública. Não há como negar que o país vive uma falência múltipla nos serviços públicos de saúde. É evidente que existem profissionais competentes nesses lugares. No entanto, o que se deduz dos depoimentos de Cândida, Madalena e Adolfo é que eles não encontraram na medicina cartesiana o que buscavam:

Me cansei dos médicos e dos hospitais. Não quero ficar tomando remédios fortes por toda vida. Não tenho nada contra a medicina, mas estou cansada de não ser escutada. Quando chego no médico eu só sou um corpo. Não há uma acolhida. As minhas angústias não são escutadas. No centro não. É diferente. Lá parece o paraíso. Estou meio que rodeada de Anjos humanos e espirituais. Estou pertinho de Jesus. (Cândida).

Acredito na medicina como algo importantíssimo. Não sei o que seria de mim, em determinados momentos da minha vida, se não fossem os remédios. Acontece que os médicos nos hospitais, nos ambulatórios tratam a doença e se esquecem que aquele corpo tem uma alma ou um espírito. Nesse centro que frequento agora, atualmente, eu encontro uma acolhida de todo tamanho. Diferente de alguns outros que já passei. A concepção de espiritismo é a mesma. As conversas são ótima e me acalmo com depois que converso com alguém de lá. Tomo água fluída, passes e tenho sempre esperança de que as coisas vão melhorar. Isso não é interessantíssimo? (Madalena).

A medicina tradicional, essa praticada nos hospitais e nos consultórios onde as consultas duram não mais que 30 minutos, quando duram, não dá conta das minhas questões e minha dor. É engraçado um homem ficar assim falando de dor, não é? Pois é isso mesmo. Tenho uma depressão e os

remédios são pesados e apesar de fazerem efeito, existe o efeito colateral. O tratamento lá no centro complementa o meu tratamento com o médico que tenho fora de lá. Lá no centro sou ouvido e falo das minhas dificuldades financeiras, familiares, pessoais. Faço preces, tomo meus remédios somente com água fluidificada. Quer saber: eu gosto muito de lá. Infelizmente ainda não poso deixar de tomar os meus tarjas-preta senão o bicho pega! Quero só dizer que se não fosse o centro eu já teria pirado. Então fico assim: com os remédios da farmácia. Agora, eu gosto mesmo é do que escuto lá no centro. É um lugar muito acolhedor. Saio de lá cheio de esperanças. (Adolfo).

Os peregrinos não foram em busca somente dos medicamentos milagrosos, mas de algo para além deles. A busca nos três depoimentos aponta para uma caminhada rumo à esperança de trazer ao corpo físico o bem-estar, o equilíbrio. É inegável que a função dos medicamentos (alopáticos e homeopáticos) é a de trazer alívio para as diversas dores e, em muitos casos, a cura para o corpo físico.

Então, o que faltaria nestes territórios profanos, que faz com que os espaços sagrado/religiosos ganhem adeptos, quando se trata da oferta e possibilidade de dar esperança àquele ou aquela que está em sofrimento, que está adoecido (a)?

Segundo os entrevistados, falta tolerância e disponibilidade de tempo para uma escuta para além do adoecimento do corpo; falta a acolhida, o envolvimento dos afetos. Falta o momento ou os momentos aventados pela pesquisa no início deste capítulo: os momentos de acolhida, de encontro, de esperança que suscitarão o sentimento de pertença e culminará na fé, não somente no sagrado, mas sim como selo de fidelidade, a crença de que sairá daquele lugar sacralizado, mais confiante pela esperança, e menos adoecido.

Os tratamentos espirituais ou a terapêutica religiosa estão se apresentando como um espaço de cura para os diversos adoecimentos. Hoje existem espaços profanos, que tratam dos adoecimentos do corpo, físico, e os espaços sagrados que via terapêuticas religiosas tratam dos males do corpo e da alma. Os hospitais, os postos, as clínicas não perdem seus clientes para os lugares sagrados; no entanto esses espaços que trabalham com a terapêutica da esperança, da acolhida estão sendo cada vez mais procurados como uma alternativa para minimizar os sofrimentos. Não se trata de trocar um hospital por um centro espírita, mas sim de complementar as carências, as falhas ou de minimizar ou conter os excessos.

Trazer a espiritualidade para a universidade, segundo os estudantes de medicina Souza, Oliveira e Barbosa Junior citado por Diniz (2008, p. 5), foi uma proposta que culminou na criação da disciplina optativa “saúde e espiritualidade” no

currículo do curso de medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 2006, referendada por abaixo assinado de 714 alunos e apoio de mais 40 professores. A disciplina, com carga horária de 30 horas/aula é oferecida uma vez por semestre e pontua dois créditos curriculares.

Essa trajetória precursora dentro do ambiente acadêmico gerou uma semente: o livro *Saúde e espiritualidade: uma nova visão da medicina*, organizado por Mauro Ivan e Gilson Freire, médicos com especialização em homeopatia e professores da Associação Médica Homeopática. O livro conta também com a participação do teólogo e frei Cláudio Van Balen. Aponta que sem a espiritualidade, a medicina se limita à mágica taumatúrgica. O efeito-placebo confirma que a medicina é mais do que simples intervenção técnica. (DINIZ, 2008, p. 5).

É conveniente ressaltar a importância dos trabalhos desenvolvidos pelo Núcleo de Pesquisa em espiritualidade e saúde da Universidade de Juiz de Fora (NUPES) coordenado pelo professor de psiquiatria Alexander Moreira Almeida, que desenvolve, atualmente, uma pesquisa na qual investiga a relação entre loucura e mediunidade.

Segundo Almeida, citado por Beghini (2010), os médiuns pesquisados apresentam baixa prevalência de problemas psiquiátricos e bom ajustamento social, com alto nível de escolaridade e baixo índice de desemprego.

Aos domingos, circula no jornal Estado Minas, o caderno intitulado Bem Viver, que trata das propedêuticas da medicina alternativa e cartesiana, atribuindo a devida seriedade às duas correntes, sem entre elas fazer distinção. Interessante observar que tais modalidades são muito procuradas como terapêutica espiritual.

No caso de outras modalidades, ou terapêuticas alternativas como a acupuntura, o reiki, os florais, a terapia com cristais e das cores, a cinesiologia, os tratamentos espirituais, as opiniões dos cartesianos são mais rigorosas, e o problema é ainda mais sério. Estas terapêuticas, mesmo que exercidas por médicos, são diariamente bombardeadas pelos profissionais de saúde que trabalham sob a abordagem cartesiana.

A postura cartesiana que muitos médicos adotam desumaniza a medicina. Como sou terapeuta reiki percebo a pessoa holisticamente. Trato não só a doença e sim o ser humano em suas particularidades e complexidades. Uso uma máxima com os meus pacientes: não há medicamento químico que traga saúde se esta não é desenvolvida nas condições necessárias. Faça

de teu alimento um remédio.⁶⁴

Patrícia, 25 anos de profissão, relata para a pesquisa que encontra problemas com os próprios colegas, quando discute nos hospitais e nas escolas de medicina a importância da acupuntura na prática das cirurgias, no alívio de dores insuportáveis, como no caso das fibromialgias, nevralgias e até em situações de pós-operatórios. Muitos lhe viram as costas e dizem que aquilo não faz o menor sentido. Nas palavras da médica:

O avanço maior é promover a cura dentro da ordem dos processos naturais com o mínimo de impactos e efeitos colaterais indo à raiz dos sintomas. O tratamento espiritual oferecido fora e nas casas espíritas tem um caráter preventivo, pois implica na busca da harmonia e do equilíbrio pessoal. Não podemos desconsiderar a importância da farmacologia alopática, no entanto, devemos respeitar as buscas pessoais na direção da cura.⁶⁵

Diante das palavras de Patrícia, entende-se que não se pode nem excluir nem mascarar esse movimento que considera o tratamento espiritual como um veio importante da terapêutica e da busca pela cura. A medicina alternativa, segundo análise do depoimento da médica, carrega uma concepção desgarrada e livre de dogmatizações. A seriedade com que devem ser encaradas a medicina cartesiana e a alternativa é a mesma. A questão maior posta-se na abordagem e aceitação da prática terapêutica alternativa. O próprio adjetivo “alternativo” para alguns profissionais da área médica transmite a ideia de falta de seriedade dessa propedêutica.

Pelizzoli (2010), ao discutir os excessos dos efeitos colaterais da medicina moderna, deixa escapar sem temores:

Este é o sentido original de algumas medicinas antigas - seguir a ordem da natureza - caminhar com seus fluxos. Mas também aceitar os limites. A medicina cartesiana é, ao lado de suas conquistas, um grande depósito de efeitos colaterais, doenças crônicas, dilacerações, agressões ao corpo pela busca de um conserto bioquímico e antibiótico, de um sistema complexo chamado corpo humano biopsicossocial, pessoa. Seus resultados são plausíveis e inimagináveis, porém, com um custo assustador, não apenas econômico, mas erros, atropelos, fragmentações, cronicidade, intoxicações, agressões ao ser humano, perda de valores. É um modelo que vem sendo superados a cada dia pela busca da população por medicamentos naturais,

⁶⁴ Dulce, 53 anos, superior completo, terapeuta reiki, entrevista realizada em Santa Luzia, 16 jan. 2011.

⁶⁵ Patrícia, 56 anos, superior completo, médica, entrevista realizada em Belo Horizonte, 8 abr. 2011.

tratamentos alternativos, dietas preventivas e curadoras, por práticas chamadas “alternativas” por terapêuticas espirituais, por médicos humanizados, por abordagens psicossomáticas, enfim, pela saúde integral e não por aspectos reducionistas das doenças. (PELIZZOLI, 2010, p.39).⁶⁶

O termo adoecimento aparece como primeiro fio condutor a ser analisado. Foram convocados pensadores e não somente teóricos da área da saúde para a análise da importância do tratamento espiritual. Martins (2009) sinaliza e assevera:

É necessária uma re-significação da emancipação dos paradigmas da saúde. De certo modo podemos dizer acompanhando Michel Foucault, que as inovações na área da saúde tiveram e devem sempre ter papel destacado para inspirar sobre o ato de viver e também para o desenvolvimento das ciências humanas ou ciências do humano (MARTINS, 2009, p.14).

Não se pode furtar da evidência de que as terapêuticas oferecidas nas casas espíritas são como um bálsamo para aquele que está doente. O tratamento espiritual oferecido em ambientes religiosos traz, muitas vezes, alívio para as dores da alma e os desesperos humanos, o que se identifica com facilidade nas falas de Adolfo:

[...]
Após cada tratamento, aliás, já durante o mesmo, eu já me sentia revigorado e com disposição para dar andamento a minha vida e meus compromissos, inclusive os que assumi dentro da casa espírita. Conforme aprendi, atribuo as mudanças ao esforço que fazemos em transformar nossa conduta de vida após escutar os ensinamentos deixados por Jesus. À medida que vamos fazendo o tratamento com passes, escutamos à luz da doutrina espírita todo um código de conduta ética que se desdobra como opção a nossa frente.⁶⁷

A ciência e o senso comum tentaram ajustar o diálogo e deram os acordes e o tom adequados, sem que fosse necessário digladiar. Kuhn (2003), na medida certa, propôs a coexistência paradigmática.

O intuito da pesquisa foi se movimentar no sentido de estabelecer um diálogo, uma (co)existência e não uma imposição de paradigmas, no caso do diálogo da medicina cartesiana como alternativa, e no caso das obras científicas e não

⁶⁶ A bioética é uma área de reflexão, onde pessoas que pensam e que sentem, discutem, trocam ideias e chegam ou não a um consenso sobre determinados temas da vida humana e nos inúmeros saberes científicos (VIEIRA, 2006).

⁶⁷ Adolfo, 38 anos, especialista, engenheiro sanitário. Entrevistado em Santa Luzia, 6 mar. 2011.

científicas (obras espíritas).

Pelizzoli (2010) foi um importante interlocutor na discussão da concepção dos termos adoecimento e tratamento espiritual. O fragmento abaixo nos aponta para o perfil e as escolhas dos pesquisadores:

Um pesquisador em saúde que não investiga as chamadas curas milagrosas naturais, as reversões de doenças e adoecimentos chamadas incuráveis, as práticas milenares de saúde, não pode ser chamado de cientista no sentido do termo – aberto ao diálogo de saberes e aos choques de par, quando aparecem como paradigmas, no processo de evolução de uma ciência digna do nome, como mostrou o historiador e epistemólogo Thomas Kuhn em “As estruturas das revoluções científicas”. (PELIZZOLI, 2010, p.33).

Ao pensar a (co) existência de paradigmas, está-se também aludindo ao diálogo entre as diversas terapêuticas referidas que transitam no cotidiano, no ir e vir no campo da saúde física, mental e espiritual. O diálogo entre as terapêuticas cartesianas e alternativas deve ser sempre reforçado positivamente. A coexistência e o diálogo são palavras de ordem, quando se trata de religiosidade ou medicina. A coexistência e o diálogo possibilitam o espaço para as manobras, as buscas e escolhas de cada sujeito.

Neste capítulo, é fundamental deixar demarcada a indagação central da pesquisa: qual é o lugar e a importância do tratamento espiritual no espiritismo tropicalizado e cristianizado, diante da busca pelo alívio e pela cura e paz para as tantas dores da alma?

A *priori*, entende-se o tratamento espiritual como um importante serviço oferecido, peculiar ao espiritismo tropicalizado e cristianizado, que funciona como uma terapêutica espiritual religiosa trazendo, mesmo que momentaneamente, o alívio para as dores da alma.

Após andarilhagens⁶⁸ por consultórios médicos, ingestão de altas dosagens de medicamentos controlados, o que, para a entrevistada redundou em medidas paliativas no processo de depressão profunda, Madalena confidencia:

Frequentei três casas espíritas durante as crises de depressão que sofri. Na verdade 2 casas e 1 hospital. Recebia passes enquanto estava lá. Sentia-me como se estivesse em processo terapêutico. Isso era novidade e a água fluidificada também. Penso que o espiritismo é um veio do cristianismo, pois

⁶⁸ Neologismo criado pelo educador Paulo Freire (2007).

recebi muitos ensinamentos do Cristo que foram muito importantes durante o tratamento.

[...]

Já concluí três tratamentos. Obtive êxito em todos. Mas segundo a orientações dos dirigentes, as possessões podem voltar, temos que ficar alertas. Durante os tratamentos (no hospital), meu médico ministrou doses grandes de medicamento e durante 30 dias eu recebia passes e tomava água fluidificada. O tratamento alopático continuará por mais dois anos, mas a parte espiritual já foi curada. Sinto-me melhor em relação à depressão.⁶⁹.

O depoimento de Madalena nos traz as marcas da tropicalização e cristianização do espiritismo, quando ela salienta que, durante o tratamento espiritual, recebeu como “medicamento” os ensinamentos do Cristo, presença constante em reuniões e estudos das casas pesquisadas.

O espiritismo tropicalizado, e posteriormente cristianizado, capitaneado por Chico Xavier, absorveu do catolicismo popular ao tropicalizar-se, os tons das graças que são obtidas pela intercessão dos santos e do expoente maior - Jesus.

Os dirigentes espíritas reforçaram que no espiritismo não há aqueles tons de graças dos santos e muito menos milagres. A evolução de cada sujeito, e o merecimento de uma vida sem grandes arroubos, atropelos e surpresas desagradáveis, se dá pelos atos e pelas obras - caridade, perdão, despojamentos, desapegos, amor ao próximo, dentre outros. É como se houvesse uma relação na seguinte ordem: toda pessoa que reencarna tem dívidas e compromissos a saldar, caso contrário, já não mais estaria nesse plano ou nesse mundo de provas e expiações.

Os compromissos assumidos deverão ser cumpridos. Se há o rompimento desse compromisso, ou desse pacto reencarnatório, a dívida contraída nas encarnações passadas, pelo exercício indevido do livre arbítrio, não é quitada; no entanto, em algum momento deverá ser paga. Esse compromisso é primordial na lógica da reencarnação.

Reside aí uma discussão importante da lei do carma - a destinação, ou determinação, do que é a vida de cada um. Posta-se, então uma pergunta: aquilo que está estabelecido para a vida de cada pessoa pode ser mudado?

Chico Xavier, com base na codificação e nos princípios cristãos, respondeu que sim. Pode-se anular uma prova ou expiação, fazendo o bem ao próximo e

⁶⁹ Madalena, 51 anos, mestre em filosofia da informação, instrutora de Ensino à distancia, entrevista realizada em Belo Horizonte, 8 abr. 2011.

exercendo diariamente a caridade.

Em 1992, ao ser entrevistado pelo jornal Espírita Mineiro, Chico Xavier explicou da seguinte maneira o processo de destinação e compromissos reencarnatórios:

Vamos supor que uma criatura está doente precisa de uma intervenção cirúrgica. É o caso de perguntarmos: ela deve ou não submeter-se à intervenção cirúrgica? Ela deve sim, deve preservar o seu próprio corpo, é um dever procurar a medicina e se valer do socorro de um bom médico para a reabilitação do seu próprio organismo. O médico como aquele que antigamente ia até as casas, sem fazer distinção, como no caso de Bezerra de Menezes, deverá levar em conta também que aquele corpo que ali está – adoecido, enfermo, deverá ser tratado de uma maneira especial pois há ali também um espírito adoecido. A misericórdia de Deus sempre nos proporciona recursos para pagar ou reformar os nossos títulos e débitos, conforme o nosso merecimento. Está presente aí um dos ensinamentos do Nosso Mestre maior - “faça a tua parte que eu te ajudarei”. (JORNAL O ESPÍRITA MINEIRO, 1992)⁷⁰.

O tipo de médico ao qual o medium se reporta - aquele que tratava dos adoecimentos de forma holística -, já quase não se encontra mais. Os profissionais disponíveis no mercado, que se ocupam de tratar o ser humano na sua integralidade, levando em conta a trindade - corpo, alma e mente, cobram caro e, na maioria das vezes, não estão disponíveis nos postos de saúde ou em outras unidades de atendimento do SUS.⁷¹

Segundo Agar, dirigente da casa de caridade espírita Nosso Lar, o tratamento espiritual implica:

O tratamento espiritual implica na participação em reuniões públicas e fechadas, leituras e estudos de obras espíritas, uso da água fluidificada como medicamento, a retirada dos excessos na alimentação - o uso de carne, do café e dos temperos excitantes - a realização do culto do evangelho (culto no lar), atendimento fraterno, sessões de passes mediúnicos e, principalmente, a conscientização da necessidade de mudança de comportamento no sentido da busca de uma reforma íntima que implica no uso adequado do livre-arbítrio para que a felicidade e a alegria apareçam na minha vida.⁷²

⁷⁰ JORNAL O ESPÍRITA MINEIRO. Entrevista: o Chico Responde: **Chico Xavier** diálogos e recordações. Uberaba, MG, 11 maio, 1992. Anuário Espírita.

⁷¹ O século XX trouxe vários complicadores para a já desigual relação médico-paciente. Antes, tinha-se respeito reverencial pelo médico, mas subsistia contato humano. Havia a figura do médico de família, que frequentava até seu círculo de amizades. O respeito e a humildade do paciente foram, aos poucos, sofrendo incrementos que distanciaram o médico. A tecnologia inseriu o tecnicismo em detrimento do humanismo. A medicina assumiu a função de prolongar a vida. A morte era comprovação de derrota. (NAVES; FREIRE DE SÁ, 2003, p. 1).

⁷² Agar, 38 anos, especialista em educação especial, professora, entrevista realizada em Santa Luzia,

Pelo depoimento, pode-se inferir que existem estágios ou etapas de saúde que condizem com o processo evolutivo de cada um. A saúde é um conceito a se confundir com felicidade. Se o corpo, a mente e o espírito estão alinhados, em harmonia, a vida fica mais leve. Esperança fica ali pulsando como um coração em compasso alinhado, sem arritmias.

Para muitos dos entrevistados, as confissões com padres, pastores, rabinos são como uma sessão de terapia. Na triagem para início do tratamento espiritual. Nesse sentido, Joana, responsável pela triagem para o tratamento espiritual da casa de caridade espírita Nosso Lar afirma: “a escuta tem uma importância fundamental; carrega a ideia de “estar perto”, de acolhimento. Muitas entrevistas ou anamneses no início do tratamento duram até duas horas. Tudo vai depender da queixa inicial.”⁷³

O tratamento espiritual é um “serviço” oferecido pelo espiritismo tropicalizado. No original, - no kardecismo - isso não seria possível. O original francês codificado por Kardec no século XIX trazia como protagonistas as abordagens científica e filosófica. O caráter religioso ganha espaço maior, quando a doutrina se ancora nos trópicos. Segundo Souto Maior (2002):

A história do espiritismo no Brasil ainda está por ser escrita, de acordo com modernos critérios de sistematização historiográfica e metodologia científica. O historiador que se dedicar a esse importante trabalho terá que através de severa crítica histórica, escoimar os exageros e enaltecimentos de determinados “*dramatis personae*” de atuação mais reverenciada e adjetivada do que referenciada. Kardec não era um sociólogo profissional, mas, ao abordar esse problema, deu o que nos parece a melhor solução ao problema definindo-o como uma filosofia de consequências religiosas. (SOUTO MAIOR, 2002, p.23).

Com relação ao espiritismo, a adjetivação tropicalização, que tem como pontos importantes a prática receitista e mediúnica, hoje denominada terapêutica espiritual, e adjetivada pela pesquisa também como religiosa, alude os elementos imersos numa atmosfera religiosa assambrada pela porosidade e pelos movimentos de um deslizamento para outras crenças religiosas. Daí, Souto Maior afirmar que a história do espiritismo ainda está sendo escrita, forjada.

8 abr. 2011.

⁷³Joana, 65 anos, doutora, professora de microbiologia médica e oral aposentada. Entrevista realizada em Santa Luzia, 8 abr. 2011.

A terapêutica espiritual atualmente é um “serviço” relevante nas casas espíritas pesquisadas. O espiritismo tem um modo de pensar o tratamento das doenças de maneira bem peculiar: ele é um momento de doação e recebimento de energia. Essa doação incorpora a caridade ao espiritismo tropicalizado.

Vêm ocorrendo diversas mudanças, ainda lentas, mas já percebidas, principalmente na maneira de ver o mundo, de entender as pessoas e a mim mesma e a exercer a prática da caridade. Por diversas vezes fico em silêncio ou meço palavras em situações onde anteriormente perdia o controle; e me pego tendo atitudes como: fazendo prece diante de um acidente; agradecendo pelas alegrias colhidas; identificando sentimentos que não são meus, ou seja, percebendo companheiros do plano espiritual que me influenciam positiva e negativamente. Enfim, hoje sinto-me mais amparada, mais perto do meu anjo protetor e da espiritualidade trabalhadora na seara do Cristo.

Essas mudanças se devem principalmente ao estudo do Evangelho e dos princípios da doutrina espírita e no esforço de colocá-lo em prática (Deborah).

Por volta do seu desembarque no Brasil, Arribas (2010) faz colocações importantes em relação ao exercício da mediunidade e prática receitista do espiritismo, assim como quanto à sua maneira de conceber as doenças:

O exercício da caridade é prestado pelo Espiritismo, em forma de atendimento tanto à saúde do espírito quanto à saúde do corpo. Os médicos médiuns diplomados prescreviam remédios homeopáticos, águas fluidificadas e tratamentos de passe. Os médiuns, indivíduos geralmente sem diploma de medicina, denominados precisamente como médicos receitistas ou curadores receitavam através da ajuda de seus espíritos-guias, medicamentos homeopáticos para os doentes, fossem do corpo, fossem do espírito. (ARRIBAS, 2010, p. 250).

Hoje, longe das amarras da lei, a prática da terapêutica espiritual no espiritismo é livre. É muito comum, ao final do tratamento espiritual, o dirigente da casa escutar de algumas pessoas que frequentam as casas espíritas, que alcançaram suas graças, mas, em alguns casos, não pretendem filiar-se à doutrina. Todavia, voltariam à casa espírita se necessário fosse, e não descartaram a possibilidade de procurarem o tratamento espiritual em outros lugares. Emanuel, por exemplo, ao ser perguntado na entrevista da pesquisa, se continuaria a frequentar a casa espírita após o tratamento, afirmou:

[...] quando eu me sentir novamente despedaçado, volto aqui ou vou para outro lugar que me dê o alívio necessário. Confesso que foi muito bom tudo o que aconteceu aqui. Nada impede que eu continue tomando água

fluidificada, passes mediúnicos sem se assíduo a casa.⁷⁴

Hervieu-Léger (2008) endossando o depoimento de Emanuel afirmou que os indivíduos hoje fazem valer sua liberdade de escolha, cada qual retendo para si as práticas e as crenças que lhe convém.

Além disso, tais andarilhagens, ou seja, os diversos pousos realizados em busca da cura e do sentido, reforçam o caráter terapêutico religioso, identificado pela pesquisa no espiritismo tropicalizado.

4.1.1 Desesperadamente em busca do sentido

A sociedade moderna liquefeita vive uma desumana crise dos sentidos. Os sujeitos rumam desesperadamente em busca de um bem-estar que, muitas vezes, não encontram em lugar algum. Os desejos se mostram pulverizados e recheados de vazio pela exacerbada compulsão pelo hedonismo, pela longevidade, pela juventude eterna permeada pela beleza. O sujeito é invadido por um sentimento interessante - deseja e espera sem gozar.

Bauman (2004, p.20) para iluminar esta fala tão significativa alerta: “nas sociedades líquidas, próprias da atualidade, há uma imensa fragilidade dos laços humanos e uma busca incessante, a qualquer preço, pelo bem-estar”.

Alude Comte-Sponville (2001, p.36), que “esperar é desejar sem gozar”. O sujeito almeja, deseja e, diante de tal fenômeno, entra numa circularidade que lembra o, ou remete ao, símbolo do infinito - não há início nem fim dos sentimentos e dos desejos.

Com base na análise de alguns depoimentos, como de Madalena, Cândida Deborah, entre outros, colhidos para a pesquisa, pode-se pensar que a terapêutica espiritual entra e serpentea nessa vacuidade, nesse espaço vazio, nesse desejar incessante aludidos por Bauman (2006) e Comte-Sponville (2001). Com base nos depoimentos, tudo indica que a terapêutica - no caso a espiritual - é convocada para recheiar os desejos que estão soltos ao vento, pulverizados. O recheio pode

⁷⁴ Emanuel, 25 anos, especialista, educador físico, entrevista realizada em Santa Luzia, 8 abr. 2011.

acontecer e depois esvaziar-se novamente, nos diz Emanuel em seu depoimento. É apropriado, então, aqui, pensar no símbolo do infinito juntamente com o Fio de Ariadne - um fazer e desfazer constantes, não há fim.

Caminhando em sentido contrário à estrada do vazio e da desesperança, pleno de vontade e encharcado pelo exercício diário da benevolência, Chico Xavier, figura emblemática do espiritismo, encarna o perfil da caridade que lutou, incansavelmente, contra o hedonismo e a desumanização do homem. Juntamente com o médico Bezerra de Menezes, trouxe para o cerne da doutrina os sublimes princípios de Jesus. O Chico Xavier imprimiu, no século XX, mais uma marca ao espiritismo tropicalizado - a de um espiritismo cristão. (SOUTO MAIOR, 1999).

O espiritismo tropicalizado carregava as marcas, na época, “necessárias” para a sua sobrevivência, de um catolicismo forte, rigoroso e dogmático. A era do espiritismo cristão é inaugurada e consolidada com a filiação de Chico Xavier em meados do século XX. O espiritismo cristão traz as ideias de Jesus cravadas em seus ensinamentos e obras. Desta maneira, o espiritismo tropicalizado passa também a ser pensado e vivenciado pelos seus adeptos como doutrina cristã.

Essa hipótese pode ser confirmada pela análise da entrevista concedida por Tereza, fundadora da casa de caridade espírita Nosso Lar que, ao ser indagada sobre sua religião de origem, respondeu sem titubear: “espiritismo cristão que prega a paz, o amor e a união”⁷⁵. Informa ela, ainda, que espera que todas as religiões da terra sejam unidas no cristianismo redivivo por Jesus.

4.1.2 Adoecimento e acolhimento

A Organização Mundial de Saúde (2001), ao discutir o conceito de saúde como a antítese da doença, preconiza que para se considerar uma pessoa como saudável, deve haver harmonia e equilíbrio entre os campos - físico e mental -; e sinaliza que eles são indissociáveis, quando se pensa no bem-estar geral.

⁷⁵ Tereza, 71 anos, ensino fundamental, do lar, Entrevista realizada em Santa Luzia, 8 abr. 2011.

Diante da importância do acesso à saúde, a Constituição Federal, em seus artigos 6º e 196º (BRASIL, 1988), assegura a todos o acesso aos serviços destinados à promoção, proteção e recuperação da saúde de todos os cidadãos.⁷⁶ Nesse aspecto, é indispensável a inclusão do tratamento espiritual de forma a possibilitar o restabelecimento da saúde do sujeito adoecido.

A OMS também apregoa em seus documentos e suas recomendações uma assistência a uma saúde mais humanizada e nos quais, então, inclui a espiritualidade no conceito fundamental de saúde. Esse ato, vindo de uma organização de alta relevância como é o caso da OMS, rompeu barreiras educacionais no mundo inteiro e abriu uma janela de esperança para a verdadeira integração saúde e espiritualidade.

Medeiros (2011) explica o adoecimento pela lente kardequiana. No entanto, reafirma o que avança a pesquisa com relação às marcas da cristianização do espiritismo, ao convocar a máxima do amor ao próximo:

O adoecimento do corpo guarda a relação com as vibrações da alma, do perispírito e do físico. Contudo, não se pode pensar em ponderações sobre o adoecimento do corpo sem o alinhamento a uma discussão séria sobre Perispírito. O corpo se apresenta como a lixeira da alma. O perispírito é um importante arquivo que guarda os registros e lesões de todas as existências. Para a doutrina espírita só se tem uma vida - após o primeiro desencarne (morte do corpo físico) iniciam-se as sucessivas existências (reencarnações). Em cada existência o corpo físico e o perispírito vivenciam momentos de alegria, de dor, de angústias, de adoecimentos, de prazer. A memória e as marcas dessas vivências são cerzidas existência por existência no perispírito – que é único. O perispírito acompanha o corpo físico em todas as suas encarnações e vivências, e vai adquirindo as tais marcas conforme a evolução espiritual. A chamada evolução espiritual é individual e intransferível. Para a doutrina o primeiro passo para a evolução é amar ao próximo como a si mesmo - que, diga-se de passagem, é o ensinamento maior postulado pelo Cristo.⁷⁷

Kardec (2005b) percebia e entendia como homem “encarnado” aquele composto de três elementos: o espírito, o corpo (matéria) e o perispírito (que é o

⁷⁶ Deve-se salientar que, segundo preleciona a lei nº 8.080/90 em seu artigo 3º, “A saúde tem como fatores determinantes e condicionantes, entre outros, a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio ambiente, o trabalho, a renda, a educação, o transporte, o lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais; os níveis de saúde da população expressam a organização social e econômica do país. Parágrafo único. “Dizem respeito também à saúde as ações que, por força do disposto no artigo anterior, se destinam a garantir às pessoas e à coletividade condições de bem-estar físico, mental e social.” (BRASIL, 1990).

⁷⁷ Vicente de Paula Medeiros, 55 anos, superior completo, serventuário. Entrevista realizada em Santa Luzia. 12 fev. 2011.

corpo espiritual). Após a morte, para os espíritas, o que passa a revestir o espírito é o perispírito, definido como um corpo fluídico magnético que pode ser pensado também como uma energia que envolve o desencarnado.

Fonseca (2010) relata que entrevistou vários médicos, muitos deles em postos de saúde. O jornalista, com o seu depoimento exclusivo, ajudou a pesquisa a pensar sobre a busca de alívio para as diversas formas de adoecimentos:

Os postos de saúde (nas grandes e principalmente pequenas cidades) formam filas quilométricas para atendimento. As queixas, em sua maioria, segundo os médicos são: angústia, cansaços, tristezas se desdobram em pressão alta, falta de recursos financeiros o que repica no excesso de trabalho. Segundo os médicos os sujeitos têm adoecido muito e a medicina tradicional ou cartesiana não tem dado conta sozinha de tratar, harmonizar e cuidar sistematicamente destes sujeitos. Os médicos aviam medicamentos tarja preta o que também na maioria das vezes é uma medida emergencial e paliativa. O adoecimento exige cuidados diários e uma mudança de postura e concepção de vida. Um médico homeopata, profissional raríssimo nos postos de saúde pública, me relatou que ele via como uma medida muito interessante a ajuda que as religiões davam em alguns casos. Alguns pacientes só tomavam o remédio receitado por ele com a água benta ou energizada que trazia da igreja católica e evangélica ou até mesmo de Centros espíritas. Disse-me o médico que aquele procedimento poderia sim ajudar. Para tratar a doença disse-me outro médico: Só mesmo o remédio - aquele comprado em farmácia. Todo caminho em busca de alívio para o sofrimento é válido. Vejo a busca pela espiritualidade como algo de extrema importância para o nosso bem-viver neste mundo que vem exigindo de nós tanta imediatez. Vou evocar aqui o poeta e compositor Chico Buarque: “não se afobe, não. Que nada é para já”. Vamos continuar insistindo para que as terapias alternativas e a busca pela saúde vençam a indústria do adoecimento⁷⁸

Essa angústia que emerge no depoimento de Fonseca nos traz a ideia de que o adoecimento está atrelado à ideia infernal de um desassossego. A acolhida é necessária nos casos de adoecimento. Quem sofre precisa de consolo e solidariedade. Isso geraria o sossego.

Com a justificativa de que, às vezes, tratando-se da alma acaba-se tratando também do corpo, Joana, professora universitária, após a perda de um familiar querido, em depoimento à pesquisa, esclareceu que procurou o remédio para o seu adoecimento no espiritismo, com a intenção de que ele fizesse com que Jesus tomasse seu coração e dele tratasse. Em seu depoimento confia com ponderação:

⁷⁸ Renato Fonseca, 30 anos, superior, jornalista, entrevista realizada em 20 de janeiro de 2010.

Alguns profissionais da área médica geralmente fazem uma leitura compartimentada do sujeito e fragmenta-o ministrando medicamentos e solicitando inúmeros exames, muitas das vezes, sem necessidade. Tive notícias via um artigo de um médico e pesquisador Gilbert Welch que há uma epidemia de exames preventivos, ou *screening* que coloca a população em perigo mais do que salva vidas. No artigo o pesquisador afirma que esse tipo de conduta pode suscitar a possibilidade de doenças que nunca chegariam a incomodá-las, mas que são detectadas nos testes preventivos. Essa postura ou propedêutica na prática, não traz a cura do corpo físico e muito menos espiritual. Adia-se na maioria das vezes o problema. Ministrando medicamentos, sem uma escuta e um olhar mais cuidadoso é desconsiderar que o ser humano é físico, psíquico e espiritual, e para tanto não cabe ao profissional da saúde imbuir-se de uma atitude mecanicista e reducionista centrada na relação doença - sujeito. O que precisa acontecer alertar que o adoecimento só poderá ser tratado se os médicos perceberem que a tríade saúde-harmonia e qualidade de vida podem banir adoecimento da forma exagerada como vem acometendo os sujeitos.⁷⁹

Lançando mão de um dos depoimentos “mais adoecidas” colhida para a pesquisa, destacamos o depoimento de Maria, no qual ela deixa clara a noção do que vem a ser um sujeito em estado de adoecimento:

Minha alma está doente. Meu corpo está em frangalhos. Perdi a capacidade de amar e não consigo reunir forças para trabalhar. O que devo fazer se já não me reconheço? Preciso de ajuda. Já andei por médicos e estou tomando remédios controlados. Parece que estou fora do mundo. Sou tomada, invadida por sentimentos de angústia. Já pensei até em suicídio. Por favor, me ajudem!⁸⁰

Num primeiro momento, aquelas palavras saídas do coração de uma mulher de 38 anos pareciam traduzir o sentimento de agonia de uma alma e de um corpo adoecido(s), quem sabe, por um cotidiano permeado por momentos muito difíceis.

Envolta nessa atmosfera obscura, Maria, em meados de janeiro de 2010, chegou à casa de caridade espírita Nosso Lar. Tereza, 71 anos, mulher de fala mansa e olhos atentos, cristã, voluntária na casa espírita, foi quem recebeu e acolheu a moça entregue ao choro e ao desalento. Maria conversou com a senhora a portas fechadas, por mais ou menos uma hora e meia. Após a conversa, Maria recebeu um passe mediúnico e tomou água fluidificada.

A dor para o espírita é uma importante oportunidade de evolução, de crescimento espiritual. Segundo Xavier: “deve-se aproveitar todos os momentos de

⁷⁹ Joana, 65 anos, doutora, professora de microbiologia médica e oral aposentada. Entrevista realizada em Santa Luzia, 8 abr. 2011.

⁸⁰ Maria, 38 anos, ensino médio, auxiliar financeiro. Entrevista realizada em Santa Luzia, 10 abr. 2011.

dor - mesmo que isso seja muito difícil. A caminhada fica mais leve e fácil, depois que a dor vai embora e a harmonia retorna ao corpo e à alma.” (XAVIER, 1971, p. 49).

Na casa de caridade espírita Nosso Lar, o momento da acolhida acontece logo na chegada - “quando a pessoa adentra à casa espírita em busca do tratamento espiritual”, enfatiza dona Tereza. Segundo a senhora da acolhida:

Na nossa casa Jesus toma nos braços a quem chega logo no portão de entrada. Acolher é tomar a quem sofre nos braços assim como fez Nossa Senhora com o Seu Filho ensanguentado e já sem respirar. É envolver quem precisa numa atmosfera de possibilidade de saída do estado de sofrimento em que se encontra. A capacidade de doação é muito importante nessa fase da busca pelo remédio adequado no tratamento espiritual. Não há nada mais difícil e necessário que a dor. A dor nos humaniza; nos faz sair do lugar de conforto.⁸¹

Pode-se confirmar a marca da cristianização como selo no espiritismo tropicalizado. Os princípios cristãos e a figura de Jesus estão sempre presentes e são sempre convocadas nas práticas espíritas das casas pesquisadas. Nessa linha de pensamento, o *Dicionário de espiritualidade* (DE FIORES, 1993) define o ato de acolher, dentro do verbete amizade, como um estado. Acolher é estar disponível para aceitar o outro sem restrições. Quem acolhe o faz com a intimidade do outro. Acolher é (con) viver.

Nesse mesmo sentido, estrutura-se a concepção de acolhida elucidada por Mendes (2009), quando afirma que

Acolher é deixar na memória do outro a sensação de amparo, de consideração, de arrimo, de afeto, de proteção. Acolher é ainda mais que isso tudo. A sensação de acolher alimenta e sustenta na validação de não estar só. Na acolhida a gente planta para colher. (MENDES, 2009, p.52).

Essas citações deixam bem esclarecidas o sentido do que seja o ato de acolher.

As falas da escritora, assim como a definição do dicionário, dialogam com o depoimento de Tereza. Acolher é muito mais do que abrir uma porta. Acolher implica incondicionalidades, arrimos e intimidade. A ausência da acolhida em determinadas situações pode gerar adoecimentos incuráveis.

⁸¹ Tereza, 71 anos, ensino fundamental, do lar, Entrevista realizada em Santa Luzia, 8 abr. 2011.

4.1.3 Ouça um bom conselho que lhe dou de graça: o tratamento espiritual e as aflições da(s) (pro)cura(s)

Talvez seja surpreendente uma educadora, que não é médica e nem se sente como paciente, estude uma temática importante como a do tratamento espiritual que corrobora para compreensão do processo de tropicalização e cristianização do espiritismo no Brasil, visto que, atualmente, a medicina ocupa um lugar relevante, avança com seus tratamentos arrojados na busca pela cura das doenças, por meio de seus recursos tecnológicos.

Impossível fechar os olhos, como já mencionado, para um momento muito delicado que a humanidade enfrenta com relação ao aumento de pessoas adoecidas. Há uma fragilidade bem demarcada nos laços humanos, sinais evidentes de um aumento da violência em todos os seus níveis, suicídios de pessoas jovens e crescimento de pessoas viciadas em drogas e álcool.

Sontag (2002) nos aponta que a doença é o lado sombrio da vida. É uma espécie de cidadania onerosa. A escritora salienta que todas as pessoas vivas têm dupla cidadania - uma que está alocada no reino da saúde e a outra que está do outro lado, o mais difícil e escuro, o lado da doença. Sontag alude que, em algum momento da vida, as pessoas migram de um lado para o outro: deslocam do estado da saúde e adentram o mundo escuro da doença. Quando tal fato ocorre, afirma a autora, aquele que adoece passa, por algum tempo, a habitar o reino das metáforas. Tudo parece ser uma coisa que é transformada em outra.

Pode-se perceber nas palavras de Sontag que a doença, quando toma um corpo de assalto, o controle se vai. A transitoriedade dá lugar ao imponderável e ao insuportável, pois nada é ou deixa de ser. O corpo se fragiliza e aquele que se encontra adoecido adota “um modo desajeitado, evasivo e opaco de falar e de ser” (SONTAG, 2002, p.11). Kafka citado por Sontag (2002), disse que, quando ele se encontrava internado em um sanatório, meses antes de falecer, ao se deparar com o adoecimento do seu corpo, silenciou a alma, pois já não havia mais o que sentir além da dor física.

As fragilidades estão presentes também para além do plano físico, nos diz Trigueiro (2009, p. 49): “O plano espiritual está em tratamento, devido à existência

de enfermidades e adoecimentos”. Nesse sentido, ainda se encaminha o pensamento de Buda ao chamar atenção para dois caminhos:

Há uma realidade do sofrimento e a possibilidade de escapar dele. Constatar o sofrimento sem possibilidade de transformá-lo não muda nada; ver que existe a possibilidade de ser feliz sem constatar a realidade do sofrimento conduz à ilusão. (BUDA apud BORGES, 1985, p. 72).

Nos depoimentos feitos à pesquisa, todos os sujeitos se colocaram frente a situações de impossibilidades. No entanto, quando contaram sua história sobre a caminhada durante o tratamento espiritual, ficou patente a busca pela felicidade e pelo bem-estar. É nítido o desejo, por via da oralidade, de uma caminhada em direção à harmonia e ao equilíbrio da tríade corpo-mente-espírito.

Capra (2009) suscita uma importante reflexão, quando aponta a crise como algo que criou raízes e que acomete as diversas instituições. No entanto, deve-se pensar em responsabilidades que são antes de tudo individuais. Nas palavras do referido autor:

As crises que acometeram e acometem a humanidade nos séculos XX e XXI não são soltas e dissociadas. A crise que se vive tem raízes profundas e exige transformações em todas as nossas instituições, e principalmente nos indivíduos que encontram-se adoecidos por tantas crises sem sucesso nas incessantes buscas. (CAPRA, 2009, p.64).

À medida que a medicina avança tecnologicamente na produção de serviços acessíveis à uma parte da população, produz por outro, aos sujeitos empobrecidos e excluídos a procura por meios alternativos de tratamentos.

Os benefícios da água benta/fluidificada, da confissão, imposição de mãos, da acolhida para muitos (cristãos e não cristãos) é a de trazer equilíbrio e harmonia ao corpo físico. Muitas das vezes, as pessoas adoecidas ou fragilizadas espiritualmente se “nutrem” do líquido como um medicamento.

Nos seguimentos evangélicos, católicos, os pastores, os padres, principalmente aqueles que pregam/evangelizam pela televisão, solicitam aos seguidores, durante os cultos, que coloquem copos com água sobre o aparelho de TV para que a água se torne pura e possa afastar as doenças, trazer a saúde, promover a cura e outros benefícios. Mas o tratamento espiritual também pode ser feito à distância, envolvendo mediuns de casas espíritas diferentes, como relata

Cândida:

No caso do ultimo tratamento de desobsessão, foi realizado pela casa espírita oriente, em BH, porem foi à distância, durante 16 sábados no mesmo horário, eu deveria estar em um local tranquilo, de preferência em prece para receber o tratamento. Já nos primeiros sábados notei significativa melhora quanto ao mal estar do qual era acometida, como enjoos constantes, tonturas, perda das forças e do controle de mim mesma, pânico, intestino atrapalhado, sensação de taquicardia, etc. Sou imensamente grata aos socorros que recebi de varias casas espírita, entre elas Irmã Fabíola, Olhos da Luz, Irmão Andre, Tenda do silencio, etc.⁸²

Levy entrevistada para esta pesquisa, quando indagada sobre o assunto, sinalizou:

A modernidade traz os espaços sagrados, ou religiosos também como uma busca para os males que acometem a alma humana. Há aqueles que têm uma fé inabalável - os tradicionais. No entanto há os que buscam esses espaços como mais um lugar - como se um hospital fosse. Todos estão em busca do bem-estar. Que bom que a religiosidade e a espiritualidade ocupam mais esse lugar na vida das pessoas.⁸³

Alguns lugares sagrados - igrejas, templos, sinagogas, mesquitas - funcionam como pequenos hospitais, ambulatórios, postos de saúde. Tendo como base os depoimentos colhidos para esta pesquisa sobre a ida aos lugares sagrado, muitos entrevistados responderam que os frequentam, pois almejavam um milagre, uma graça, uma cura ou o lenitivo para os males físicos e espirituais.

Stoll lança mão do pensamento de Bastide, para suscitar:

O Espiritismo brasileiro tomou para si alguns ritos de acordo com as classes sociais atingidas. Nas classes sociais menos favorecidas assumiu um viés religioso. Já nas mais abastadas e intelectualizadas predominou o aspecto filosófico e científico postulados por Kardec. O que ocorria na classe média era “o gosto pelo mistério, pelo oculto, era a inquietação da alma em busca de algo ou de uma religião”. O espiritismo de classe média, praticado nos centros espíritas no século XIX, era demarcado pelo viés científico e filosófico, no entanto havia a marca da religiosidade e busca pela terapêutica. (STOLL, 2004, p 92).

Os tratamentos espirituais oferecidos nas casas espíritas não discriminam as pessoas. Elas acolhem pessoas de todos os credos, cores, etnias, origem, profissão ou situação socioeconômica. O tratamento espiritual segue os princípios

⁸² Cândida, 30 anos, superior completo, assessora de vendas. Entrevista realizada em Santa Luzia. 8 abr. 2011.

⁸³ Levy, 58 anos, mestre, psicóloga e professora universitária. Entrevista realizada em Belo Horizonte, 10 jul. 2010.

constitucionais elencados no artigo 3º inciso IV da Constituição Federal de 1988⁸⁴: a acessibilidade do coletivo diverso, sem quaisquer formas de discriminação.

Reside, aí, a importância do tratamento espiritual oferecido como terapêutica religiosa no espiritismo tropicalizado, que cuida da lógica do coração e dá ternura a tudo que existe e vive.

Quando o sujeito se submete a uma triagem para um tratamento espiritual em uma das casas espíritas pesquisadas, a orientação para este tratamento é dada pela espiritualidade maior da casa, ou seja, o mentor das sessões mediúnicas de cura. Na casa de caridade espírita Nosso Lar, por exemplo, às quintas-feiras, a entidade espiritual responsável pelo tratamento, tem procedência hindu, chama-se lasmin. Essa reunião é específica para recomposição das energias físicas e espirituais do sujeito. Isso vem a corroborar o que Pierucci (2000) apregoa, quando faz uma colocação para o caráter da cosmovisão hindu, convocada pelo espiritismo tropicalizado.

As casas espíritas, segundo a concepção adotada pela Federação Espírita Brasileira (FEB), devem criar, durante o tratamento espiritual, condições para um eficiente atendimento a todos os que o procuram com o propósito de obter esclarecimento, orientação, ajuda e consolação. (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, 1980, p.14).

Greenfield (1999), sob a visão antropológica, disserta sobre as modalidades de tratamento espíritas a saber:

Modalidades de tratamento espírita: uma visão antropológica:

1. Cirurgias espirituais: são realizadas sem anti-sépticos ou anestesia, nas quais os pacientes sangram muito pouco, experimentam Quase nenhuma dor, não desenvolvem infecções ou outras complicações pós-operatórias e, sobretudo, recuperam-se;
2. Passes magnéticos: energia trazida pelos espíritos do mundo invisível. O médium-curador movimenta suas mãos ao longo do corpo do paciente, sem o tocar [...]. O médium sabe que o contato foi feito com a área perturbada porque suas mãos sentem uma espécie de névoa densa e invisível ou certo entorpecimento que precede o sono. O paciente também tem a mesma sensação;
3. Para pacientes com doenças mentais (desobsessão): 3.1. As perturbações de primeiro grau, resultado de influências espirituais moderadas, causam depressão moderada, inibição, medo, complexo, ciúme, tristeza, irritabilidade, nervosismo e incompreensões domésticas.

⁸⁴ Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

[...]

IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. (BRASIL, 1988).

São tratadas por informados e articulados líderes espirituais que explicam a situação ao espírito errante (que aparece através de um médium) e o intima a deixar de perturbar o paciente. O médium também orienta o espírito para as vantagens morais de um comportamento apropriado. O paciente normalmente não precisa vir a estas sessões; 3.2. As perturbações de segundo grau incluem formas mais intensas das condições identificadas acima, bem como algumas doenças físicas. O espírito interventor de baixo nível pode paralisar ou adensar o fluido magnético do indivíduo perturbado. Isto afetará o equilíbrio ou a adaptação dos corpos somáticos e fluidos. Em casos mais graves, novos fluidos magnéticos devem ser transferidos do médium para o paciente. Muitas vezes, porém, o líder espírita pode efetuar a cura esclarecendo o espírito perturbador e convencendo-o a deixar o paciente sozinho; 3.3. As perturbações de terceiro grau são provenientes de intensas influências espirituais. A mais séria delas é a obsessão. Sintomaticamente, o paciente pode experimentar uma incontrolável crise de choro, apatia, ou dores violentas nas regiões superiores e frontais da cabeça. O paciente pode ser tratado, em parte, com passes de transfusão magnética de fluidos e energia, mas, como em todas as doenças causadas por espíritos obsessores, um líder religioso tem que doutrinar o espírito sobre o sistema de crenças kardecistas, antes que ele resolva abandonar o paciente;

4. Cura fluida à distância: todas as curas, como vêm, são realizadas por espíritos que usam os corpos dos médiuns, mas esta mediação material é desnecessária, os espíritos curadores podem dispensar sua caridade e curar os pacientes imediatamente, isto é, sem intermediários. (GREENFIELD, 1999, p. 37-41).

Não foi sem precedentes o caráter terapêutico assumido pelo espiritismo ao tropicalizar-se. Segundo alguns autores, como Camargo (1961) e Giumbelli (2003), a prática espírita no Brasil se diferencia da original - a francesa -, na medida em que carrega da brasilidade com relação à prática terapêutica. Nesse sentido, algumas atividades importantes contribuíram para a consolidação da doutrina em solo brasileiro - a prática terapêutica (passes, psicografia, cirurgias, campanhas do quilo, confecção de xaropes) assumiu um lugar preponderante no cotidiano das casas espíritas.

Exemplo disso são os estudos de Stoll (2004) que emolduram a discussão sobre o tratamento e a cura no espiritismo:

Não foi somente a estratégia da psicografia que colocou o espiritismo no cenário nacional. Os espíritas também se destacaram na prática da cura. Além dos passes e das atividades receitistas as chamadas cirurgias espirituais constituem uma das formas mais conhecidas de divulgação doutrinária. (STOLL, 2004, p.60).

A prática receitista foi muito combatida no Brasil no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Ela se configura como uma modalidade mediúnica. Kardec, no capítulo 14 *do Livro dos médiuns*, faz ligeira menção aos médiuns

curadores, mas não lhes atribuindo grande importância, inclusive inicia seu texto com a frase: "para não deixar de mencioná-la, falaremos aqui desta espécie de médiuns". Reserva nada mais que uma página e meia para o assunto, em um livro com 488 páginas. No texto, salienta o autor.

Esse tipo de mediunidade consiste, principalmente, no dom que possuem certas pessoas de curar pelo simples toque, pelo olhar, mesmo por um gesto, sem o concurso de qualquer medicação. A intervenção de uma potência oculta, que é o que constitui a mediunidade, se faz manifesta, em certas circunstâncias, sobretudo se considerarmos que a maioria das pessoas que podem, com razão, ser qualificadas de médiuns curadores recorre à prece, que é uma verdadeira evocação. (KARDEC, 1997b, p. 230).

A prática receitista espírita no Brasil, por configurar-se como uma modalidade mediúnica, acontece por meio de receitas que são ditadas ou psicografadas em sessões de tratamento espiritual por um espírito de elevação.

No Brasil, o grupo desses espíritos envolve nomes como o de Doutor Bezerra de Menezes, o polêmico João de Abadiânia e suas curas "milagrosas", e, também outros de nacionalidade diferentes como o alemão Dr. Fritz. As casas espíritas trabalham também com alguns médicos humanitários e caridosos ligados à comunidade onde a casa se instalou.

Descreveremos, na sequência, um exemplo de tratamento espiritual vivenciado na casa de caridade espírita Nosso Lar, em 2010. A propedêutica e os procedimentos de tratamento espiritual são, na maioria das vezes, os mesmos. Eles só se diferenciam quanto à duração.

Para dissertar sobre o tratamento espiritual, a pesquisa lançou mão de um depoimento colhido debaixo de uma árvore, na casa espírita Nosso Lar, na cidade de Santa Luzia. Sarah relata que talvez a sua salvação esteja mesmo na busca de um tratamento espiritual.

Na sala de atendimento fraterno da casa, Irmã Fabíola, na cidade de Santa Luzia, encontra-se preso à parede um cartaz com alguns mandamentos para o bom atendimento e para a arte de ouvir:

Ouvir é renunciar - É a mais alta forma de altruísmo, em tudo quanto essa palavra significa de amor e de atenção.
O ato de ouvir exige de quem ouve associar-se a quem fala.
É necessário empenho de quem fala para fazer-se compreender.
Qualquer pessoa pode melhorar a sua capacidade para ouvir. Ouvir é uma técnica mental que pode ser aperfeiçoada em treinamento e prática.

(MIRANDA, 2004, p. 94).

No decorrer da análise dos depoimentos/entrevistas, neste capítulo, três momentos foram particularmente considerados, vez que marcam o que é importante na terapêutica religiosa, três momentos, a saber: o do encontro/da acolhida, o da fé e o da esperança, momentos que emergiram em alguns depoimentos, dos quais dois se destacam:

Foi a casa espírita que me acolheu na hora em que mais precisei. As primeiras noções do espiritismo me deixaram perceber como o Cristo está presente em todos os momentos. O aspecto religioso no tripé ciência, filosofia e religião traz para a doutrina algo muito forte diferente do caráter científico e filosófico apregoada por Kardec lá na França.

No centro é onde me sinto em casa, pois conheço espiritualidade que nos orienta e lá tenho amizades verdadeiras que fizeram e fazem toda a diferença. No estudo do Evangelho na sexta à noite, ficamos todos em círculo e cada um fala das suas dores e das suas buscas, dos merecimentos e da evolução. Parece uma terapia em grupo só que fora de um consultório. Aliás pode ser um consultório religioso pois acontece num ambiente sagrado. O centro para nós é como a igreja para o católico, a sinagoga para os judeus e a mesquita para os muçulmanos. Os psicólogos do grupo sempre se manifestam nesse sentido de que aquele momento é terapêutico. O Cristo é sempre a referência. Muitas vezes também invocamos passagens da vida de Nossa Senhora diante do sofrimento da perda do Filho para que possamos suportar as nossas dores cotidianas. Não sei se eu daria conta (hoje) de viver sem as idas ao Centro. A escuta de quem me atende no centro é delicada e compreensiva. É como se eu estivesse conversando com o Mestre Amado Jesus. Eu sinto a presença dele nos atendimentos fraternos. Isso me conforta demais. (Deborah)

Já fiz vários tratamentos espirituais na casa espírita. Os mesmos foram buscados pelo fato de me encontrar sentindo algum desconforto, com o emocional abalado até mesmo um desgaste de energia. O acolhimento ao chegar ao centro foi muito bom. Foi como se eu estivesse num consultório de um psicólogo sendo atendido por alguém transbordando de espiritualidade. Foi muito interessante. Comentei que aquele era o meu lugar. recusei-me por um bom tempo a fazer terapia, pois sofro de uma depressão que os médicos chama de endógena. No centro, já na triagem eu senti algo diferente - acho que fui tomado pelo sentimento de fé e de esperança.

Após cada tratamento, aliás, já durante o mesmo a minha vida e meus compromissos, inclusive os que assumi dentro da casa espírita. Conforme aprendi, atribuo as mudanças ao esforço que fazemos em transformar nossa conduta de vida após escutar os ensinamentos deixados por Jesus – expoente maior da nossa casa e do espiritismo. À medida que vamos fazendo o tratamento com passes, escutamos a luz da doutrina espírita todo um código de conduta ética que se desdobra como opção a nossa frente. (Adolfo).

A leitura dos depoimentos nos aponta que o cuidado aparece, quando a acolhida é solicitada, quando o existir de um tem importância para o existir do outro. Esse é um momento e muito importante na terapêutica religiosa - é sua porta de entrada. Pode também emergir daí um sentimento de fé, na vida, na possibilidade da esperança retornar, fé nos amigos. É uma fé que, segundo os espíritas, não vacila, não deixa que parem dúvidas.

Assim, a terapêutica religiosa, como marca importante da tropicalização permite que a voz expressiva da cristianização ecoe durante os três momentos aventados no início deste capítulo - o da acolhida/encontro, o da fé e o do sentimento de esperança. Cuidar ou acolher, viabilizar a esperança por meio de ações e abrir caminhos para o exercício da fé, no espiritismo tropicalizado, não constitui mera intervenção, ou pretensão de uma prestação de serviço em um espaço sagrado. Vai para além disso, pois na doação de escuta, do ombro amigo e das propedêuticas religiosas utilizadas nos tratamentos espirituais, reuniões públicas, passes mediúnicos, leituras de obras enviadas do plano espiritual, a confiança emerge, faz-se presente.

É muito importante para o tratamento espiritual que o atendente conheça algumas noções básicas, ainda que simples, acerca dos problemas do comportamento e da alma humanos. A fim de se evitar o equívoco, diante de certos casos considerados como processos obsessivos que, na realidade, expressam conflitos, desajustes, traumas, transtornos psíquicos. Enfim, que têm como origem o próprio indivíduo, que é um espírito enfermo.

Andréa esclarece que

Essas estruturas doentes do espírito ou da individualidade imprimem nas células nervosas desvios metabólicos a refletirem numa intensa gama de personalidades doentias, consequências de autênticas respostas cármicas. (ANDREA, 1981, p. 66).

Quando desejamos a solução de um problema, o primeiro passo é buscar a causa, sua origem. Qual é a causa de alguns dos nossos problemas? A origem está na falta de ajustamento das tensões da personalidade, processo que ocorre continuamente e, por isso, a personalidade nunca é estática. É viva, dinâmica, em constante mutação.

As tensões causadas por fatores diversos ocorrem sempre, quando determinados sentimentos invadem o corpo físico e o espiritual, /afastando o estado de harmonia, deixando em seu lugar um estado de desajuste, desespero e muitas das vezes de inferioridade. Tais sentimentos podem ter sua causa em situações de perdas, infelicidades profissionais, amorosas, depressões.

Quanto cheguei à casa espírita depois de percorrer vários consultórios em busca de um lenitivo para minha dor e intoxicada dos remédios fortíssimos que tomava para depressão e angústia, devido a doença de um ente querido, resolvi ir a busca de outras formas de tratamento.

Tenho uma amiga que é espírita e foi pelas mãos dela que cheguei aqui na casa espírita.

Impressionante! Eu nunca tive dinheiro para pagar psicólogo. Os médicos que vou são lá da policlínica. Aqui tem gente que me escuta, me consola, e eu me sinto cada dia mais fortalecida com os ensinamentos do Cristo. Tomo água fluidificada e já fiz dois tratamentos. Foi maravilhoso. Sei que aqui não é religião, mas parece ser religião. Encontrei paz, equilíbrio em minha vida atribuo ao esclarecimento encontrado nas palestras que assisto e aos livros que leio. As expectativas são sempre as melhores.⁸⁵

A peregrinação de Fabíola pelos consultórios médicos em busca de alívio e harmonia para seu corpo físico não teve o acolhimento esperado. Ao se confessar intoxicada pelos medicamentos, pode-se aqui cruzar esta fala com as de outros entrevistados: Adolfo, Cândida, Madalena e Divaldo, que também fizeram suas caminhadas rumo à medicina cartesiana. Fabíola se queixa da falta dos movimentos tão importantes aludidos pela pesquisa - a acolhida no encontro, e a possibilidade de despertar a esperança por meio da fala e da escuta, no caso dos médicos nos ambientes profanos de cura.

No adiantar de seu depoimento, os traços de uma busca de alívio em um ambiente sagrado aparece e emerge e há a constatação de que naquele ambiente, no caso o centro espírita, encontra ou encontrou algo que a fortaleceu, a saber: as conversas interiores com o Cristo que trouxeram paz e equilíbrio e a esperança de um restabelecimento da saúde durante o seu tratamento. Outro aspecto relevante é que a peregrina Fabíola não sabe dizer ao certo se o espiritismo é uma religião, mas dá pistas que parece ser, pois naquele lugar sagrado ela encontrou o que foi buscar - saúde e esperança.

Para análise do depoimento de Fabíola fez-se necessário ir fundo nas reflexões de Sanchis (2001). No importante texto "Religiões, religião... alguns

⁸⁵ Fabíola, 42 anos, superior, professora, entrevista realizada em Santa Luzia, 8 abr. 2011.

problemas do sincretismo no campo religioso brasileiro", o experiente sociólogo faz ponderações pertinentes e sérias com relação ao conceito ou à definição do termo religião e às influências da cultura em tais conceituações.

Em determinado momento do texto, Sanchis (2001) mergulha no pensamento de Durkheim e pondera:

Não é fácil definir religião [...] Poderá se apresentar em determinados momentos como um tipo particular de ação social, aquele que os atores chamam de ação religiosa. É a experiência do sagrado (e, antes da experiência, a categoria definidora do sagrado) que permite identificar o campo da religião, pois é ela que organiza essa experiência coletiva, delinea e define um universo simbólico polarizado pela oposição sagrado/profano, instaura em torno desse universo uma comunidade. (SANCHIS, 2001, p. 78).

O espiritismo tropicalizado e cristianizado, via tratamento espiritual ou terapêutica religiosa, parece se apresentar para Fabíola, conforme Sanchis (2001), como uma ação social que desdobra em ação religiosa, ao procurar um espaço sagrado em busca alívio para suas dores, sem se questionar se o espiritismo é ou não uma religião. No entender da pesquisa, quando Sanchis afirma ser possível que a própria categoria do sagrado perca socialmente sua densidade e se inscreva nas subjetividades, ele está falando dessas buscas também.

Ao buscar a cura pela via do tratamento espiritual, o sagrado, ao invés de perder, ganha densidade no espiritismo, pois o mesmo está circunscrito e vai ao encontro das subjetividades e, a partir daí, a filiação ou o pertencimento deixam de ser o fator mais importante. O que interessa é o sagrado estar circunscrito nas subjetividades, ou seja, a busca de cada um pelo espaço religioso/sagrado é uma ação social. Pode-se inferir que a cristianização do espiritismo também reside nesse substrato. O espiritismo para se tropicalizar e cristianizar-se precisou trilhar esse caminho - atender às subjetividades - um tipo particular de ação social.

O desajustamento e a tensão podem ocasionar conflitos que se manifestam sob variadas formas e vários sintomas, que incluem a timidez, excessivo acanhamento, medo de relacionar-se, introspecção em grau profundo, transtornos psíquicos.

O fato de o texto trazer à baila um esclarecimento sobre as tensões e a desarmonia que acometem o ser humano, se dá, justamente, porque, no momento em que tais estados/comportamentos afloram, os tratamentos espirituais são

procurados.

Existe uma máxima que circula entre aqueles que professam e se valem da doutrina espírita, “aqueles que não chegam à casa pelo amor, chegam pela dor”. As pessoas que nos procuram estão sempre adoecidas por circunstâncias diversas, manifestações de tumores, perdas de familiares queridos, depressão, e há aqueles que vêm fazer tratamentos para outras pessoas⁸⁶.

Em julho de 2010, durante entrevista para esta pesquisa, o presidente da União Espírita Mineira, Marival Veloso de Matos salientou que o tratamento espiritual deve ser levado a sério por aquele que o recebe, tanto quanto para a casa espírita que o oferece. Para o presidente mineiro

O Espiritismo é uma doutrina possuidora de respostas elucidativas para muitas questões desafiadoras da vida. O tratamento deve ajudar àquele que o procura com a intenção de tentar ajudar a solucionar os problemas e as dificuldades existenciais.⁸⁷

Os tratamentos espirituais são assistências individualizadas aos que padecem. A casa espírita deve sempre ter com aquele que procura o atendimento fraterno um diálogo espontâneo, confidencial e privativo.

Essa tríade, esclarece a dirigente espírita Roberta Ozil,

vem sempre acompanhada de amizade, compaixão e libertação, com os desdobramentos que a compaixão assume. Fraternidade, bondade e esclarecimento representam a alma do atendimento espiritual ou fraterno. O momento da acolhida do encontro também tem ação de medicamento durante o tratamento espiritual.

Além disso, é muito delicado e perigoso trabalhar com essa visão de que o corpo é somente uma máquina e que o sofrimento da alma não deve ser levado em conta. Os adoecimentos não podem ser somente tratados com química(s) e fármacos, sem a acolhida necessária.

O tratamento espiritual propõe, segundo os dirigentes das duas casas espíritas pesquisadas, os remédios adequados (fé e esperança) aos sintomas de uma doença que é coletiva.

A conduta praticada nas casas espíritas não é a de que as pessoas se tornem

⁸⁶ Terapeuta reiki Fátima Nunes 52 anos

⁸⁷ Marival Veloso de Matos, 65 anos, ensino médio, aposentado. Entrevista realizada em Belo Horizonte, 10 jul. 2010.

mais piedosas. O que se pretende é gerar naquele que procura um tratamento espiritual uma espiritualidade capaz de harmonizar aquilo que está em desequilíbrio.

Importante ressaltar que não é o espiritismo como religião ou doutrina que liga ou integra o homem a Deus. O que (re)liga esse ser humano que busca o alívio para suas angustias é sua conduta que, para o espiritismo, pode ser lida como a busca da evolução espiritual, por meio da humanização.

Essa opção religiosa reside na procura pela espiritualidade, quando converge para a busca de um aprimoramento espiritual, pois nesse momento, fundem-se a ideia de religiosidade e espiritualidade, pela invocação da via sobrenatural.

O tratamento espiritual se revelou na pesquisa como uma terapêutica religiosa e, também, como termômetro, ou sinalizador da tropicalização da doutrina original codificada por Allan Kardec e cristianizada por Chico Xavier.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa procurou investigar o espiritismo praticado no Brasil e suas particularidades, isto é, aquilo que fez dele um fenômeno que, ao buscar conciliar a doutrina de matriz européia com o acervo do campo religioso brasileiro, encontrou uma nova linha diretriz no trato com o outro. A este fenômeno emergente se deu o nome de “espiritismo tropicalizado”. Observado à luz dos trópicos, este Espiritismo se apresentou como um fenômeno que não se contrapôs nem se interpôs, mas antes, procurou assimilar as tradições já presentes no imaginário popular brasileiro e as vivências de religiosidades ameríndias, afro-brasileiras e cristãs populares. É pelo influxo desse caldeamento que nasce aquilo que aqui, na presente pesquisa, se convencionou chamar “espiritismo tropicalizado”.

O presente trabalho limitou-se a colher informações bibliográficas e dados obtidos em pesquisa de campo que pudessem demonstrar, com certa realidade, a ideia contida /na expressão escolhida como base para a pesquisa. Se o espiritismo vivido na França se detinha em discussões sobre aspectos fenomênicos ditos “científicos”, o espiritismo tropicalizado apresentou-se, desde o princípio, com um pendor que o fez diferir de sua matriz portuguesa: o poder de sintetizar o fenômeno vivenciado pelos adeptos do espiritismo, com o aspecto prático, aqui entendido como a busca da cura, via tratamento espiritual, para as mais variadas mazelas que afligem o ser humano. Note-se, portanto, que a novidade do espiritismo tropicalizado, frente à sua matriz européia, é apresentar-se, antes de qualquer definição, como uma alternativa terapêutica. Ao falar em cura, o espiritismo tropicalizado se refere ao tratamento espiritual.

Como foi discutido anteriormente, esse tratamento espiritual se alia a propedêuticas da medicina alternativa e, assim, tem como práticas importantes o aviamento de receitas combinado com a experiência mediúnica. Essa terapêutica espiritual, metonímia para “terapêutica religiosa”, apresenta-se como um “serviço” oferecido nas casas espíritas.

Outro fato que foi observado ao longo da pesquisa se refere a uma espécie de circunscrição operada pelo espiritismo tropicalizado. Seus adeptos não se filiam nem a ele com exclusividade, nem às suas próprias religiões de origem. Pode-se

tratar esse tipo de fenômeno como um duplo pertencimento. Mas, há também aqueles que, vivenciando um problema, uma dor, buscam a terapêutica espiritual apenas como conforto momentâneo, como acolhimento, o que em última análise pode ocultar um mal social contemporâneo, certo tipo de niilismo utilitarista.

Pode-se pensar na possibilidade de que a própria categoria de sagrado que envolve o espiritismo ganhe densidade, pois, vai ao encontro das subjetividades e, a partir daí, a filiação ou o pertencimento deixam de ser o fator mais importante. O que interessa é o sagrado estar circunscrito nas subjetividades, ou seja, a busca de cada um pelo espaço religioso é uma ação social, pois, é ela que organiza a experiência coletiva, delinea e define o universo simbólico polarizado pelo antagonismo sagrado/profano.

É importante ressaltar que, durante a tessitura do texto, alinhar a teoria para configurar a tropicalização e, posteriormente a cristianização do espiritismo, fazer incursões conceituais acerca de uma possível categoria à qual pudesse se inserir o espiritismo, não foi um caminho muito fácil de se percorrer.

Os enfrentamentos para que o espiritismo kardecista se tropicalizasse e cristianizasse foram inúmeros. O campo religioso brasileiro, na época da ancoragem do kardecismo nos trópicos, apresentava-se como uma “arena” e, ao mesmo tempo, como uma sementeira e uma arena, pois as disputas entre as múltiplas forças religiosas foram intensas: a possibilidade de perdas de fiéis e território sagrado incomodou a hierarquia católica em demasia, a ponto de constar nos documentos jurídicos oficiais artigos condenando a prática do espiritismo. No entanto, foi uma sementeira, pois, possibilitou que o espiritismo se banhasse em fontes diversas: afro, indígena e católica e, posteriormente, em outras buscas consideradas alternativas como a prática homeopática, terapia com florais, cromoterapia, cinesiologia, reiki, entre outras.

O digladiar na arena, o semear e o colher na sementeira é que deram força para que o espiritismo vencesse esse embate religioso. Desde então, o espiritismo tropicalizado passou a ser pensado também como uma opção religiosa cristã. Essa feição religiosa foi procurada naquilo que é comum a todos os homens empenhados em buscar e realizar o sentido último da existência. Essa busca não precisa ser necessariamente nas religiões. Ela é um mergulho abissal em águas profundas, deixa fluir caudalosamente uma religiosidade amalgamada à espiritualidade, que

não se configura como um veio de uma religião, mas que se revela como uma atitude dinâmica de abertura do homem no sentido de preservar o seu estar bem para atingir o bem-estar nesta existência, diriam os adeptos do espiritismo. Para os espíritas há somente uma vida permeada por sucessivas existências que dependem do merecimento de cada um.

Esse merecimento também pode ser revelado, quando o sujeito busca o tratamento espiritual. As marcas do sofrimento (atual) podem revelar dívidas passadas que, em algum momento da existência, deverão ser saldadas.

O cristianismo não trabalha com a possibilidade de vidas passadas, no entanto, corrobora a máxima: cada um segundo suas obras.

Nos depoimentos, ficou evidente que a busca pelo tratamento espiritual num espaço sagrado assume os contornos de uma terapia de apoio e que complementa propedêuticas da medicina cartesiana ou tradicional. Reside aí a importância do tratamento espiritual e de suas marcas advindas da cristianização. Há marcas fortes na pesquisa de que a terapêutica religiosa no espiritismo tropicalizado foi possível pela via da cristianização, capitaneada por Chico Xavier.

Na atualidade, a prática do espiritismo aponta que o caminhar em direção à religiosidade e ao exercício da espiritualidade, via tratamento espiritual ou terapêutica religiosa, possibilitará ao sujeito a sensação de contato com o transcendente ou o sobrenatural.

Os tratamentos espirituais são assistências individualizadas aos que padecem. A casa espírita tem para com aquele que procura o atendimento fraterno um diálogo espontâneo, confidencial e privativo. Essa tríade vem sempre acompanhada de amizade, compaixão e libertação, com os desdobramentos que a compaixão assume. Fraternidade, bondade e esclarecimento representam a alma do atendimento espiritual ou fraterno. Esse conjunto de “sentimentos” e procedimentos fortalece a adjetivação de ser o espiritismo uma opção religiosa cristã.

O tratamento espiritual propõe, segundo os dirigentes das duas casas espíritas pesquisadas, os remédios adequados (fé e esperança) aos sintomas de uma doença que é coletiva, a desesperança. A conduta praticada nas casas espíritas pesquisadas não visa a que as pessoas se tornem mais piedosas. O que se pretende é gerar naquele que procura um tratamento espiritual, uma espiritualidade capaz de harmonizar aquilo que está em desequilíbrio. Para os

entrevistados, o mais importante não é ter o espiritismo como uma religião e a casa espírita como um templo. Portanto, é fulcral para aquele que comparece ao centro a certeza de que ali encontre o que foi buscar: lenitivo para harmonizar seu corpo físico.

No centro espírita, o andarilho religioso, que poderá ser tornar um convertido, vai se deparar com uma preciosa informação – a de que o lenitivo que ele procura precisa atravessar o corpo físico e atingir o espiritual. Alguns depoimentos apontam que, caso não encontre, após a sua peregrinação, o lenitivo procurado, o andarilho espiritual trilhará outros caminhos em busca do alívio ou medicamento em outro território sagrado.

Segundo os depoimentos colhidos, o que (re)liga ou integra o sujeito a Deus são as incessantes buscas e procuras durante as suas andarilhagens espirituais. A busca pela saúde, pelo conforto, pela paz, a possibilidade de notícias daqueles que já desencarnaram, enfim, a peregrinação em espaços sagrados na busca é sua conduta de evolução no espiritismo, que não deixa de se caracterizar por uma ação social que também tem a roupagem religiosa, pois a busca se dá em direção a espaços sagrados.

Importante ressaltar que escorre dos depoimentos que essas buscas envoltas em cores de uma religiosidade atrelada à espiritualidade pensada pela modernidade não descarta, de maneira alguma, a importância da religião. Pelo contrário, a pesquisa constatou através dos depoimentos colhidos, que o homem é tomado pelo fascínio ao entrar em contato com o mistério, aquilo que não domina, que não conhece e que busca alívio para um mal-estar social, tentando deslocar-se da imanência rumo ao entendimento da transcendência.

Religião é um termo complexo e a(s) sua(s) definição (ões) atravessa(m) a história da humanidade, pois várias são as lentes que a leem. Para esta pesquisa o mais importante não é pensar o espiritismo como religião ou doutrina, já que os depoimentos dos informantes apontam para se pensar o espiritismo tropicalizado e cristianizado como uma opção religiosa que oferece serviços como o tratamento espiritual num espaço sagrado e que tenha como objetivo maior auxiliar aquele que o procura para melhorar sua qualidade de vida e ajudar a compreender sua trajetória.

As Ciências da Religião, como uma importante área do conhecimento, que fazem incursões no entendimento da religião e de seus fenômenos e de sua pluralidade, aliada à cultura que abarca um modo de ser relativamente diverso de um grupo para outro em seus hábitos e ideologias, que se desdobram em ação social, embrenham-se em estudos que revelam ter havido momentos de rupturas, resignificações e não o extermínio da religião.

Os estudos e as pesquisas concernentes ao campo religioso colocam novas lentes sobre a modernidade para ampliar o foco sobre o conceito ou a concepção do termo religião e de suas possíveis sinônimas: religiosidade, espiritualidade, sacralidade que confundem os andarilhos durante suas peregrinações em busca de cura e paz. Para aquele que busca, não importa se o espiritismo é uma religião, doutrina ou terapêutica religiosa. O que faz sentido é que estar num espaço considerado sagrado e receber nesse espaço a paz e a cura desejadas fazem toda a diferença, porquanto ação social.

Essa ação social desdobra-se para esse andarilho durante suas peregrinações nos espaços sagrados, em uma ação revestida de religiosidade e espiritualidade. A procura pela cura e pelo alívio em espaços sagrados e não necessariamente nas religiões institucionalizadas, faz com que essa peregrinação coloque o andarilho numa atmosfera envolta em espiritualidade, pois, nesse momento, funde-se a ideia de religiosidade, sagrado, espiritualidade, pela invocação da via sobrenatural.

Há pessoas que se submetem ao tratamento espiritual durante semanas, seguem todas as recomendações, sentem-se aliviadas e partem. São os andarilhos que peregrinam pelos lugares sagrados ou religiosos em busca de alívio para as diversas aflições e adoecimentos de ordem material e religiosa. No entanto, há os que iniciam o tratamento e se filiam ou se convertem e, muitas das vezes, criam um vínculo de total dependência com o espiritismo e com as pessoas que trabalham nas casas espíritas (os chamados tarefeiros). Há convertidos que não conseguiriam levar a vida adiante, segundo depoimentos, se não houvesse essa relação de pertencimento.

Assim sendo, uma pergunta vem à superfície do texto: não seria essa relação de dependência também um sintoma, um traço de adoecimento? A busca desesperada pelo transcendente e pelo aprimoramento, via espiritualização, pode

criar dependência?

Quem responderia a estas questões:

- se não fosse exercido como uma opção religiosa cristã que, além de tratar do corpo e ainda oferecer uma possibilidade de alívio e de cura para os males do espírito, o espiritismo teria se tropicalizado e cristianizado?;

- se o espiritismo não abrisse espaço para o exercício de práticas alternativas, via tratamento espiritual, o espiritismo ocuparia o lugar importante que ocupa nos dias atuais?

- se não se apresentasse como uma opção religiosa, que ora se confunde com religião, ora se mostra como doutrina, que se apropria de práticas alternativas para levar paz e alívio aos desesperados e, finalmente, não discrimina, nem cobra fidelidade, teria o espiritismo uma demarcação tão importante como tem na atualidade?

Todas as indagações acima suscitam uma provocação: o kardecismo genuíno conseguiria içar suas velas e navegar nas águas brasileiras, se não tivesse se tropicalizado e, principalmente, cristianizado; ocuparia ele hoje o lugar relevante que parece ocupar?

Ocorreu então um fenômeno com o kardecismo: ao ancorar nos trópicos adquire duas marcas - o da tropicalização e a da cristianização. Reinterpretado e já com novas roupagens, o espiritismo teve de se adequar e dar conta das responsabilidades de continuar a fazer alianças, promover a paz, praticar a caridade.

Agora o espiritismo tropicalizado e cristianizado se reveste de uma nova roupagem: adjetivação de ser um espiritismo neocristão. Para que isso se configure com mais solidez, faz-se necessário o aparecimento ou a manifestação de um novo líder que atenda às demandas da modernidade e às subjetividades de um coletivo que é eminentemente diverso.

Esta dissertação, que não esgota o assunto tropicalização e terapêutica religiosa, poderá servir como ponte para outras pesquisas.

A partir de tudo que foi discutido e analisado chego à conclusão que o coração humano é capaz de abrigar, de acolher toda forma ou todas as formas a partir do momento em que, nele, se instala a esperança de se estar bem.

Entretanto, questões ainda permanecem e é importante e necessário que permaneçam. O que é fulcral não está no teor do que se responde, mas na consistência do que se pergunta. O caminho mais acertado é o de continuar perguntando. Uma pesquisa sem indagações está fadada ao fracasso.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **O livre-arbítrio**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2004. 296, [4] p. (Patrística).

AGUIAR, Sebastião. **Chico Xavier**. São Paulo: Globo, 2006. 110p. (Biblioteca época. Personagens que marcaram época)

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ANDREA, Jorge. **Dinâmica psi**. Rio de Janeiro: Instituto de Cultura Espírita do Brasil, 1981.

ARAÚJO FILHO, Décio. Codificação do espiritismo e trajetória de Allan Kardec. **Revista Espírita Allan Kardec**, n. 19, jul./set., 1993, 30 p.

ARRIBAS, Célia da Graça. **Afinal, espiritismo é religião?** São Paulo: Alameda, 2010.

A ASSOCIAÇÃO MÉDICO-ESPÍRITA DE MINAS GERAIS. Disponível em: <<http://www.amemg.com.br/>> Acesso em: 30 ago. 2011.

ASSOCIAÇÃO MÉDICO ESPÍRITA DO BRASIL. **Dr. Adolfo Bezerra de Menezes. 2007**. Disponível em: <http://www.amebrasil.org.br/html/perfil_bezerra.htm> Acesso em: 22 ago. 2011.

AUBREE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos**. Alagoas: UFAL, 2009.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**: contribuição a uma Sociologia das interpretações de Civilizações. 3. ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1989.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.

BEGHINI, Ricardo. Mediunidade ou esquizofrenia? **Estado de Minas**, Clipping

Saúde eletrônico. Belo Horizonte. Disponível em: <intranet.saude.mg.gov.br/.../502-clipping-eletronico-da-saude-21-de-junho-de-2010.html> Acesso em: 22 ago. 2011.

BENVENISTE, Émile. **O homem na linguagem**. Lisboa: Arcádia, 1976. (Coleção Vega Universidade; Práticas de leitura).

BERKENBROCK, Volney J. **A experiência dos orixás**: um estudo sobre a experiência religiosa no candomblé. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

BERNI, Duílio Lena. **Brasil, mais além**. 5.ed. São Paulo: FEB, 1994.

BEZERRA DE MENEZES. **Bezerra de Menezes**: o diário de um espírito. 2008 (filme).

BORGES DE SOUZA, Juvanir. **Bezerra de Menezes**: ontem e hoje. 3^{ra} ed. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2001.

BORGES, Jorge Luis. **Buda**. 2ed. São Paulo: Difel, 1985.

BRASIL (Constituição 1824). **Constituição política do império do Brasil**. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 10 de jan. 2011.

BRASIL, **Código Penal dos Estados Unidos do Brasil**, Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890. Disponível em: <www.planalto.gov.br> Acesso em: 10 jan. 2011.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei n. 8.080, de 19 de setembro de 1990**: Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8080.htm> Acesso em: 16 ago. 2011.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm> Acesso em: 15 ago. 2011.

BRONCKART, Jean-Paul. **O agir nos discursos**. Campinas: Mercado de Letras,

2008.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Kardecismo e umbanda**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1961.

CAMPOS, Humberto (Espírito). **Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho**. Pelo espírito de Humberto de Campos: (psicografado por Francisco Cândido Xavier). 30. ed. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2004.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Entre o cármico e o terapêutico: dilema intrínseco ao espiritismo. Rhema. **Revista de Filosofia e Teologia do Instituto Teológico Santo Antônio**, v. 6, n. 23, p. 113-12, 2000.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. **O espiritismo**: um “neocristianismo”? Entrevista especial com Marcelo Ayres Camurça. Instituto Humanitas Unisinos. 2010. Disponível em: < http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_entrevistas&Itemid=29&task=entrevista&id=37872> Acesso em:

CAMURÇA, Marcelo Ayres. A realidade das religiões no Brasil no Censo do IBGE-2000. In: MENEZES, Renata; TEIXEIRA, Faustino. **As religiões no Brasil**: continuidades e rupturas. Rio de Janeiro: Vozes, 2006. p. 35-48.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Da “boa” e da “má” vontade para com a religião nos cientistas sociais da religião brasileira. **Religião e Sociedade**, v. 21, n.1, 2001. p. 67-86.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Entre sincretismos e “guerras santas”: dinâmicas e linhas de força do campo religioso brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n. 81, p. 173-185, mar./maio, 2009. Disponível em: < Disponível em: < <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/revusp/n81/15.pdf>>. Acesso em: 21 dez.2011.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Rede religiosa “new age” em Juiz de Fora: espaço de “não lugares” e relativização das crenças. In: CAMURÇA, Marcelo; TAVARES, Fátima Regina Gomes. **Minas das devoções**: diversidade religiosa em Juiz de Fora. Juiz de Fora: UFJF, 2003. p. 181-196.

CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas**: ciência para uma vida sustentável. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 2009.

CENTRO Espírita Herculano Pires. Disponível em: < <http://www.google.com.br/>>. Acesso em: 10 maio. 2010.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

COELHO, Maria Emidia de Melo. **Espiritualidade no processo de adoecimento e terminalidade**. 2011. 210 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

COMTE-SPONVILLE, André. **A felicidade, desesperadamente**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CONCEITOS filosóficos. Disponível em: < <http://www.pt.hukol.net/themenreihe.p?c=Conceitos%20filos%C3%B3ficos>> Acesso em: 08 set. 2011.

CORAL Espírita Vida e Luz - Irradiação Espírita Cristã - Reformador, 2007. Disponível em: < http://www.coralvidaeluz.org.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=187&Itemid=359 > Acesso em: 29 ago. 2011.

COSTA, Ângela Marques da; SCHWARCZ, Lília Moritz. **1890-1914: no tempo das certezas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. (virando séculos)

CRUZ, Hazeel Rosa. Antroposofia . Disponível em: < <http://krakdoscavalheiros.blogspot.com/2011/02/antroposofia.html>> Acesso em: 31 ago. 2011.

CUNHA, Euclides da; COUTINHO, Afrânio. **História e interpretação de "os sertões"**. 4.ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002.

DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro**: Editora Bertrand Brasil, 2005.

DE FIORES, Stefano; GOFFI, Tullo. **Dicionário de espiritualidade**. 2 ed. São Paulo: Paulus, 1993.

DELUMEAU, Jean. **De religiões e de homens**. São Paulo: Edições Loyola, c2000.

DINIZ, Ana Elizabeth. Um novo olhar sobre a cura. **O Tempo**, Belo Horizonte, 4 nov 2008. Esotérico. p. 5.

DROOGERS, André. **E a umbanda?** 2. ed. São Leopoldo: Senodal, 1985. Edições Afrontamento, 2007.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. 2.ed. São Paulo: Paulus, 1989.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das ideias religiosas**: de Gautama Buda ao triunfo do cristianismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1978- 3v. (Espírito e matéria) v.2.

EMMANUEL. **A caminho da luz**/ história da civilização a luz do espiritismo. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 32. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2005.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. **Reformador**, Brasília: Federação Espírita Brasileira, 1883.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA. De Umbanda. In: CONGRESSO BRASILEIRO DO ESPIRITISMO DE UMBANDA, 1, 1941, Rio de Janeiro, 19 a 26 out. 1941, **anais...**1942. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/ronitaeitalojr/1-congresso-brasileiro-do-espiritismo-de-umbanda-wwwitalojreronitablogspotcom>> Acesso em: 15 ago. 2011.

FENELON, Sandro. **Primeira faculdade de medicina do Brasil**. Disponível em: <<http://www.imaginologia.com.br/dow/Primeira-Faculdade-de-Medicina-do-Brasil.pdf>> Acesso em: 05 set. 2011.

FRATERNIDADE Rosa Cruz - RJ. **Franz Anton Mesmer**. Disponível em: <<http://www.fraternidaderosacruz.org/mesmer.htm>>. Acesso em 10 de maio 2010.

FREIRE, Paulo. **Mídia e educação**. São Paulo: Paulus, 2007, 1 vídeo disco (35min): Legado. ATTA.

FREIRE SOBRINHO, Wanderley Preite. **Primeira faculdade do Brasil completa 200 anos**. 2008. Disponível em: <
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u372876.shtml>> Acesso em: 05 set.
 2011.

GIUMBELLI, Emerson. Espiritismo e medicina: introjeção, subversão e complementaridade. In: ISAIA, Artur César. **Orixás e espíritos**: o debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea. Uberlândia: EDUFO, 2006. p. 283-304.

GIUMBELLI, Emerson. **Fim da religião**: dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França. Rio de Janeiro: Editora Attar, 2003.

GIUMBELLI, Emerson. **Heresia, doença, crime ou religião**: o espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais. Disponível em:
[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77011997000200002 & script=sci_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77011997000200002&script=sci_arttext)
 (sem numeração). Acesso em: 5 fev. 2011.

GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos**: uma história da condenação e legitimação do espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004.

GOMES, Paulo Miranda. **História geral da civilização brasileira**. 7. ed. Belo Horizonte: Lê, [19-].

GONÇALVES E SILVA, Petronilha Beatriz. Africanidades brasileiras: esclarecendo significados e definindo procedimentos pedagógicos. **Revista do Professor**, Porto Alegre, v. 19, n. 73, 26-30, jan./mar 2003. Disponível em: <
<http://www.revistadoprofessor.com.br/system/biblioteca/materias/AFRICANIDADE.pdf>
 f > Acesso em: 14 ago. 2011.

GREENFILD, Sidney M. **Cirurgias do além**: pesquisa antropológica sobre curas espirituais. Petrópolis: Vozes, 1999.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2000**. Disponível em: www.ibge.gov.br/home/

ISAIA, Artur Cesar (Org.). **Orixás e espíritos**: o debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea. Uberlândia: EDUFU, 2006. v.1.

ISAIA, Artur César. Hierarquia Católica e religiões mediúnicas no Brasil da primeira metade do século XX. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis. n. 30, p. 239-252, out. 2001.

JORNAL O ESPÍRITA MINEIRO. Entrevista: o Chico Responde: Chico Xavier diálogos e recordações. Uberaba, MG, 11 maio, 1992. Anuário Espírita.

KARDEC, Allan. **A gênese**: os milagres e as predições segundo o espiritismo. 26. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2005a. [1868]

KARDEC, Allan. **O céu e o inferno, ou, a justiça divina segundo o espiritismo**. 3. ed. São Paulo: Nucleo Espírita Caminheiros do Bem, 1979. [1865].

KARDEC, Allan. **O evangelho segundo o espiritismo**. 6. ed. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2005b. [1864].

KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos**. Trad. Herculano Pires. 56. ed. São Paulo: Editora Make, 1997a.

KARDEC, Allan. **O livro dos mediuns ou guia dos mediuns e dos evocadores**. 6. ed. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 1944.

KARDEC, Allan. **O livro dos mediuns**, Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1997b. [1861]

KARDEC, Allan. **O que é o espiritismo**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, [1859] 2003.

KARDEC, Allan. **Obras póstumas**. São Paulo. Lake, 1995. [1890]

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003. 257p. (Debates; 115)

LE GOFF, Jacques (Org). **A história nova**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LEVINSOHN, Stephen H.; DOOLEY, Robert. A. **Análise do discurso**: conceitos básicos de linguística. 2ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

LEWGOY, Bernardo. A transnacionalização do espiritismo kardecista brasileiro: uma discussão inicial. **Religião & Sociedade**, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872008000100005. Acesso em: 20 de março de 2011.

LEWGOY, Bernardo. Chico Xavier e a cultura brasileira. **Revista de Antropologia**, 2001. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ra/v44n1/5341.pdf Acesso em: 20 de março de 2011.

LEWGOY, Bernardo. **O grande mediador**. Santa Catarina: EDUSC, 2004.

LIMA, Maurílio Cesar de. **Breve história da igreja no Brasil**. Rio de Janeiro: Loyola, 2001.

LOMBAERDE. Júlio Maria. **Os segredos do espiritismo desvendados e explicados**: estudo popular e científico sobre as origens, os princípios, as práticas e as fraudes espíritas. Petrópolis: Vozes, 1938.

LUFT, Celso Pedro. **O ABC da língua culta**. São Paulo: Globo. 2009.

LUIZ, André; XAVIER, Francisco Cândido. **Missionários da luz**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004. 439p. (A vida no mundo espiritual)

MADRUGA, Jayme. Babalorixá omulubá. **Cadernos de Umbanda**, n. 3, Lagoa Santa, Casa Branca de Oxalá, 1987.

MARTINS, Alexandre Andrade. **É importante a espiritualidade no mundo da saúde?**. São Paulo: Paulus, 2009.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MENDES, Cristina. **Cinquentei**. Belo Horizonte: Autentica, 2009.

MENEZES, Bezerra. **Uma carta de Bezerra de Menezes**. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2008.

MIRANDA, Manoel Philomeno de. **Atendimento fraterno**. 7. ed. Salvador: Livraria Espírita Alvorada, 2004.

MOREIRA, Andrei. **Cura e autocura**: uma visão médico-espírita. Belo Horizonte: Ame, 2010.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2003.

MUSSALÉM, Josué Souto Maior. Perspectivas socioeconômicas para os países tropicais no século XXI. In: SEMINÁRIO DE TROPICOLOGIA. Setúbal, Portugal, 1996. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/docs/tropico/semi/trop30-1a.html>> Acesso em: 22 dez. 2011.

NAVES, Bruno Torquato de Oliveira. **Relacionalidade e autonomia privada**: o princípio da autonomia privada na pós-modernidade. 2003. 138f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Direito

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Entre a cruz e a encruzilhada**: formação do campo umbandista em São Paulo. São Paulo: EDUSP, 1996.

NIEMEYER FILHO, Paulo. **Parkinson Campinas**. Disponível em: <<http://parkinsoncampinas.blogspot.com/2011/04/o-neurocirurgiao-paulo-niemeyer-filho.html>> Acesso em: 16 ago. 2011.

NÚCLEO DE PESQUISA EM ESPIRITUALIDADE E SAÚDE DA UNIVERSIDADE DE JUIZ. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/nupes/>> Acesso em: 31 ago. 2011.

ODOUL, Michel. **Diga-me onde dói e eu te direi por quê**: os gritos do corpo são as mensagens das emoções. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

OLIVEIRA, Jair. **Filosofia**. 2011. Disponível em: <

<http://jairsousadeoliveira.blogspot.com/2011/01/filosofia.html>> Acesso em: 15 ago. 2011.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **A declaração de Jacarta:** Quarta Conferência Internacional de promoção da saúde. Jacarta, Indonésia, 21-25 de julho de 1997. Disponível em:

<http://www.mp.ro.gov.br/c/document_library/get_file?p_l_id=41834&folderId=42469&name=DLFE-32331.pdf> Acesso em: 15 ago. 2011.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Relatório sobre saúde no mundo:** saúde mental: nova concepção, nova esperança. Suíça: OMS/OPAS, 2001.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro:** umbanda; integração de uma religião numa sociedade de classes. Petrópolis: Vozes, 1991.

PEIXINHO, André Luiz. Aspectos filosóficos e psicológicos da Educação Espírita Spiritist contribution for education?. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E ESPIRITUALIDADE, 1, **Anais...** São Paulo, Editora Comenius, 2010.

PELIZZOLI, Marcelo Luiz. **Os caminhos para a saúde:** interação mente e corpo, Petrópolis: Vozes, 2010.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Apêndice: as religiões no Brasil. In: GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry (Org.). **O livro das religiões.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Cadê a nossa diversidade religiosa?. In: TEXEIRA, Faustino & MENEZES, Renata (Org.). **As religiões no Brasil:** continuidades e rupturas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

PIERUCCI, Antonio Flávio. Sociologia da Religião: área impuramente acadêmica. : In: MICELI, Sérgio (Org.). **O que ler na ciência social brasileira, (1970-1995).** antropologia. São Paulo: Sumaré, ANPOCS, 1999. v.1.

PIERUCCI, Flávio. Quarta capa. In: ARRIBAS, Célia da Graça. **Afinal, espiritismo é religião?** São Paulo: Alameda, 2010.

PINGA FOGO com Chico Xavier. São Paulo: EDICEL, 1971. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/6831865/Chico-Xavier-Pinga-Fogo-TV-Tupi>> Acesso em: 28 jun. 2011.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. Pró-Reitoria de Graduação. Sistema de Bibliotecas. **Padrão PUC Minas de Normalização**: normas da ABNT para apresentação de trabalhos científicos, teses, dissertações e monografias. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <<http://www.pucminas.br/biblioteca>>. Acesso em: 25 jun. 2011.

REFKALEFSKY, Eduardo. **comunicação e posicionamento da Igreja Universal do Reino de Deus**: um estudo de caso do Marketing Religioso. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29, 6 a 9 de set. e 2006

RESENDE, Antônio Martinez de; BIANCHET, Sandra Braga. **Dicionário do latim essencial**. Belo Horizonte: Crisálida/ Tessitura, 2005.

REVISTA DE HISTÓRIA DA BIBLIOTECA NACIONAL. **Espiritismo**: “a crença de loucos” que conquistou o Brasil, v. 3, n. 33, jun., 2008.p.14-25.

REVISTA GALILEU, São Paulo: Ed. Globo. dez. 2009, p. 13-18.

RIO, João do. **As religiões no rio**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, n. 47, 1976. (Coleção Biblioteca Manancial).

RIO, João. **As religiões do rio**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006. (Sabor Literário).

RODRIGUES, Donizete. **Sociologia da religião**: uma introdução. Porto: Afrontamento, 2007.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

ROUSTAIN, J. Baptist. **Os quatro evangelhos**: espiritismo cristão, ou, revelação da revelação: seguidos dos mandamentos explicados em espírito e em verdade. 5. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1971.

RÛMÎ: o poeta e místico da dança do amor e da unidade. **Revista do Instituto Humanistas Unisinos**. 2007. Disponível em: < www.unisinos.br/ihu > Acesso em: 30 ago.2011.

SANCHIS, Pierre. Religiões, religião... alguns problemas do sincretismo no campo religioso brasileiro. In: SANCHIS, Pierre. (Org.). **Fiéis & cidadãos**: percursos de sincretismo no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo**: uma religião brasileira. São Paulo: Moderna, 1997.

SAUSSE, Henri. Pequena conferência espírita, primeiro diálogo. In: KARDEC, Allan. **O que é o espiritismo**. Rio de Janeiro, [1859] 2003. p. 51-121.

SCHUBERT, Suely Caldas. **Transtornos mentais**: uma leitura espírita. Araguari: Minas, 2001.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25, Salvador/BA, 2002, 1-5 set. Disponível em: <
http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP15cauduro.pdf> Acesso em: 22 ago. 2011.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA MEDICINA. Sabino Olegário Ludgero Pinho. Disponível em: <
http://www.sbhm.org.br/index.asp?p=medicos_view&codigo=256> Acesso em: 10 maio 2010.

SONTAG, Susan. **A doença como metáfora**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

SOUTO MAIOR, Marcel. **As vidas de Chico Xavier**. 9. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. 248 p. (Coleção Arco do tempo).

SOUTO MAIOR, Armando. Espiritismo ontem e hoje. In: BRANDÃO, Sylvana. **História das religiões no Brasil**, Pernambuco: Editora Universitária, 2002.

SOUTO MAIOR, Marcel. **Por trás do véu de Ísis**. São Paulo: Planeta Editora, 2004.

SOUZA, Juvanir Borges de. Relembrando Kardec. **REFORMADOR - Revista do Espiritismo Cristão**. Federação Espírita Brasileira Deus, Cristo e Caridade, v. 119, n. 207, out., p. 5-7, 2001.

SOUZA, Carlos Frederico Barbosa de. **A mística do coração: a senda cordial de Ibn`Arabi e João da Cruz**. São Paulo: Paulinas, 2010.

SOUZA, Roberto Lúcio Vieira de; PAULO, Jaider Rodrigues de; MOREIRA, Osvaldo Hely. **Porque adoecemos**: Novos Horizontes do Conhecimento Médico Espírita. Belo Horizonte: Fonte Viva, 1996.

STOLL, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à brasileira**. São Paulo: EDUSP/ORION, 2004.

TRIGUEIRO, André. **Espiritismo e ecologia**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2009.

VAINFAS, Ronaldo. Entrevista A Igreja fazia uma tremenda propaganda do demônio?. Ele estava em toda parte... **Revista de História da Biblioteca Nacional**, n. 56, maio, 2010.

VIEIRA, Tereza Rodrigues. **Bioética**: temas atuais e seus aspectos jurídicos: bioética, biodireito, transexual, Testemunhas de Jeová, eutanásia, distanásia, aborto, sigilo, escolha de sexo, pedofilia, direitos do paciente, experimentação científica, transplantes, homossexualidade, toxicologi Brasília: Consulex, 2006.

VILHENA, Maria Ângela. **Espiritismos**: limiares entre a vida e a morte. São Paulo. Paulinas, 2008.

VILLAÇA, Antônio Carlos. **História da questão religiosa no Brasil**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1974.

XAVIER, Francisco Cândido. **Chico Xavier pede licença**: uma parte do além nos diálogos da terra. 5. ed. São Bernardo do Campo: Grupo Espírita Emmanuel, 1977.

XAVIER, Francisco Cândido. **Mãos marcadas**/ espíritos diversos; [psicografado por] Francisco Cândido Xavier; ilustrações de Messias Mello. 11.ed. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1987.

XAVIER, Francisco Cândido. **Parnaso de além-túmulo**: (poesias mediúnicas). 13.ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1988.

ZWETSCH, Roberto E. Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Disponível em: <
http://www.franciscanos.org.br/itf/revistas/reb/261_12.php> Acesso em: 23 dez.
2011.

APÊNDICE

APÊNDICE A - ENTREVISTA COM PESSOA QUE FAZEM/FIZERAM TRATAMENTO ESPIRITUAL

- 1) Nome:** Berenice
- 2) Sexo:** Feminino
- 3) Idade:** 51 anos
- 4) Grau de escolaridade:** Superior completo
- 5) Profissão:** Psicóloga

6) Onde você nasceu? Se não se importa, fale-me um pouco sobre você. (Valores, gostos, o que pensa ser a vida, o que pensa ser a morte, entre outros assuntos...).

Nasci em Belo Horizonte e venho de uma família de operários. Eles não valorizam “estudos” e são bastante materialistas. Meu pai sempre foi muito católico (hj ele é ministro de Igreja) e minha mãe era bastante mística recorrendo sempre a cartomantes, benzedeiras e pessoas que faziam ‘trabalhos’ espirituais pagos (hj ela também frequenta a missa aos domingos). Penso que a vida seja um entre os muitos estágios que vivenciamos na nossa evolução. Quanto a morte penso ser uma fase de intervalo entre os períodos de estagio das nossas vivencias. Na fase da morte creio ser o momento em que avaliamos as experiências vividas (ou não) no estágio de evolução que terminamos de passar.

7) Qual a sua religião de origem? Que situações levaram você a buscar o espiritismo?

Fiz 1ª comunhão e frequentei a Igreja católica por muitos anos, inclusive me casei nela. Houve um momento em que percebi que não sentia a presença de Jesus dentro de uma Igreja. Eu entrei numa Igreja e não me senti acolhida, não encontrei o aconchego e amparo que precisava naquele momento. Eu já conhecia o espiritismo e então percebi que estava no lugar errado. Foi então que me decidi realmente a frequentar regularmente as reuniões espíritas.

8) Na sua concepção, o que é o espiritismo? O que você conhece do espiritismo?

Vejo o espiritismo como doutrina. Conheço praticamente todas as obras básicas da codificação espírita escritas por Kardec e mais da metade dos livros de André Luiz psicografados por Chico Xavier, vários livros espíritas romaneados, algumas obras sobre temas tais como, obsessão, filosofia espírita, psicologia à luz do espiritismo, etc... Conheço os fundamentos básicos da doutrina espírita.

9) Há quanto tempo você frequenta o casa/centro espírita? Qual/quais novidades o espiritismo trouxe para a sua vida?

Frequento há 23 anos. Ele trouxe principalmente o alento nos momentos em que eu não conseguia sentir acolhimento de pessoas ou de lugares em parte alguma. A novidade foi justamente conseguir isto a partir da experiência íntima de contato espiritual que tenho dentro da casa espírita e não em outro lugar.

10) O que motiva a sua permanência no (a) casa/centro espírita?

Experiência de intimidade com Jesus, o amparo dos mentores espirituais e a assistência social que pratico com os trabalhos da casa. O tratamento sempre melhora minha condição geral (tanto orgânica quanto emocional). Neste último tratamento que conclui há pouco estava doente fisicamente (urticária gigante e suposto processo de edema de glote) e também emocionalmente. Estava nervosa, agressiva e descrente das pessoas a minha volta. Tive muitas ideias pessimistas e chorei muito, além de estar tendo insônia quase todas as noites. Antes do término do tratamento já pude perceber uma melhora geral do meu estado físico e emocional. O tratamento consistiu em assistir reuniões de desobsessão, reuniões de tratamento da saúde além de utilizar em abundância água fluida e ler um livro espírita de orientações sobre condutas para viver melhor. Tanto na leitura como nas reuniões sinto que as palavras, orientações me fazem refletir sobre aspectos que eu não vinha atentando antes e que eram justamente os que me causavam desajuste ou problemas. Conversar co Jesus por meio das preces, é um preenchimento e um esvaziamento. Fico plena de coragem e vazia de medos, temores, ansiedades. O tratamento espiritual é como se fosse uma terapia dentro de um lugar sagrado que invade meu ser, diria até, quem sabe, um território religioso.

11) Que mudanças vêm ocorrendo em sua vida? A que você atribui essas mudanças? Quais as suas expectativas em relação ao tratamento?

A maior mudança que percebo é a de maior controle emocional nos momentos de desafios. Atribuo ao amparo de mentores espirituais e também ao incentivo que recebo dentro da casa espírita de usar mais minha capacidade racional. O tratamento sempre melhora minha condição geral (tanto orgânica quanto emocional). Neste último tratamento que conclui há pouco estava doente fisicamente (urticária gigante e suposto processo de edema de glote) e também emocionalmente. Estava nervosa, agressiva e descrente das pessoas a minha volta. Tive muitas ideias pessimistas e chorei muito, além de estar tendo insônia quase todas as noites. Antes do término do tratamento já pude perceber uma melhora geral do meu estado físico e emocional. O tratamento consistiu em assistir reuniões de desobsessão, reuniões de tratamento da saúde além de utilizar em abundância água fluida e ler um livro espírita de orientações sobre condutas para viver melhor. Tanto na leitura como nas reuniões sinto que as palavras, orientações me fazem refletir sobre aspectos que eu não vinha atentando antes e que eram justamente os que me causavam desajuste ou problemas.

12) A sua concepção sobre o espiritismo hoje, é a mesma que você tinha antes de frequentá-lo? O que mudou?

Agora tenho uma visão mais realista e me desvencilhei de conceitos fantasiosos que carregava anteriormente. O estudo das obras da codificação me fizeram conhecer o lado da fé raciocinada.

13) Você vê diferença entre o espiritismo e o catolicismo?

Os rituais contidos no catolicismo não estão presentes no espiritismo chamado kardecista. Outra diferença importante para mim é o da simplicidade da linguagem o que facilita a compreensão da mensagem do evangelho.

14) Você vê diferença entre o espiritismo e o kardecismo

Existem diferentes práticas e formas de entendimento do espiritismo. Algumas casas espíritas optam por seguir as orientações de Kardec que por sua vez nos orienta a seguir Jesus se tivermos alguma dúvida entre suas palavras e as de Jesus. Outras

casas não tem uma escolha definida sobre quem os orienta espiritualmente e nem em termos de estudo didático sobre espiritualidade.

15) Você vê diferença entre o espiritismo e o esoterismo?

Penso que o espiritismo se ocupa mais de questões espirituais e o esoterismo se volta para conhecimentos de civilizações antigas que se propõem a responder sobre os mistérios da vida e menos dos da morte.

16) Qual o motivo de você frequentar/participar dessa casa/centro espírita?

Afinidade espiritual e com as pessoas que também frequentam aqui. Creio que pela semelhança de interesses encontrei pessoas mais compatíveis comigo.

17) Saberia me explicar como surgiu a espiritismo no Brasil?

Do que me lembro agora foi o Dr. Bezerra de Menezes. Sei que ele foi um dos primeiros defensores da causa espírita no Brasil e inclusive estando na direção da Federação espírita em seu início. Agora se pensarmos em cultura afro-brasileira encontraremos bem antes do Dr. Bezerra os escravos trazidos para o Brasil disseminando sua cultura em nosso território através de rituais. E com a disseminação das raças parte cultura deles também foi agregada a nossa.

18) Você consegue perceber elementos de diferentes culturas no espiritismo?

(aprofundar no assunto) Sim. No kardecismo por exemplo, é claro para mim a busca do cientificismo ainda emergente na França de Allan Kardec. Isto está presente inclusive na recomendação da fé raciocinada que coaduna com o ideal buscado a partir do Iluminismo.

19) Você vê semelhança entre uma casa/centro espírita e outro(a)? Quais são essas semelhanças?

A semelhança fica por conta daquelas casas que objetivam sinceramente amparar os que anseiam por alento. O objetivo da assistência social talvez seja o mais comum entre as casas espíritas. Tanto na distribuição de itens de primeira necessidade para as pessoas como na transmissão da mensagem consoladora do evangelho estão presentes na maioria das casas espíritas que se propõem ao

auxilio aos necessitados.

20) Você vê diferenças entre uma casa/centro espírita e outro(a)? Quais são essas diferenças?

Vejo diferenças significativas principalmente pelo modo como é exposto os temas nas reuniões publicas. Existem palestristas mais eruditos que levam a mensagem de forma mais densa e de difícil compreensão para o publico mais leigo. Existe também aqueles que trazem uma forma tão acessível de entendimento que proporciona mais 'conforto' aqueles que se encontram em conflito e buscam consolo.

21) Você gostaria de deixar alguma mensagem?

Gostaria de dizer que a fé para mim é uma experiência subjetiva e que acredito que o comando está no coração de cada pessoa. Através desta experiência é possível se ter um contato espiritual. A questão de crer ou não em espíritos se deriva também de como aconteceu esta experiência individual. Agradeço a Luzia por se propor a estudar este tema tão rico e valioso para todos nós.

APÊNDICE B - ENTREVISTA COM DIRIGENTE DAS CASAS/CENTROS ESPÍRITAS

- 1) Nome:** Agar
- 2) Sexo:** Feminino
- 3) Idade:** 38 anos
- 4) Grau de escolaridade:** Pós - graduação
- 5) Profissão:** Professora

6) Onde você nasceu? Se não se importa, fale-me um pouco sobre você. (Valores, gostos, o que pensa ser a vida, o que pensa ser a morte, entre outros assuntos...).

Nasci em Belo Horizonte e cresci em Santa Luzia. Gosto de estar com minha família (tenho 4 filhos), viajar, assistir filmes e estudar. Sempre questionei os princípios da vida e a nossa função nesse mundo. As questões sociais e políticas sempre estiveram em pauta nas minhas buscas e reflexões. Lutas sindicais, diretas já, caras pintadas, músicas revolucionárias dos anos 80, minorias sociais já fizeram parte da minha jornada. Tudo isso com a sensação de que havia mais no mundo do que a hipocrisia, a discriminação e ódio. Fui criada na Igreja Católica, mas sempre questionei seus preceitos e os mistérios que a envolve, assim como seu poder e seus dogmas. Encontrei no espiritismo as respostas que buscava e que acalmaram meu coração rebelde.

7) Qual a sua religião de origem? Que situações levaram você a buscar o espiritismo?

Minha religião de origem é a Católica. O espiritismo sempre bateu em minha porta como opção. Era um amigo que falava a respeito, uma vizinha que frequentava uma história que ouvia (a novela “a viagem”), mas sem muita importância. Quando estava grávida do meu segundo filho em 1998, meu marido procurou o centro espírita para fazer um tratamento e fui em sua companhia. Uma vez foi o suficiente para descobrir que aquele era o meu lugar.

8) Na sua concepção, o que é o espiritismo? O que você conhece do espiritismo?

O espiritismo conceitualmente para mim é uma doutrina baseada nas obras básicas de Allan Kardec, ditada pelos espíritos e que tem Deus como causa primária de todas as coisas e Jesus como maior exemplo que viveu entre nós. Na minha alma o espiritismo é o caminho que me leva a Deus e me ajuda a compreender o mundo e a tornar uma pessoa melhor.

O que conheço do espiritismo é muito pouco diante tantas informações que ainda preciso aprender. Na doutrina aprendemos em livros, mas, sobretudo com a mediunidade, que nos ensina em cada reunião uma lição sobre a vida, a morte e o que deveríamos fazer para sermos felizes. É um aprendizado sem limites.

9) Há quanto tempo você frequenta o casa/centro espírita? Qual/quais novidades o espiritismo trouxe para a sua vida?

Frequento desde 1998, ou seja há 13 anos. O espiritismo me tornou mais compreensiva, mais complacente e ampliou minha visão sobre o mundo, a vida e a morte.

10) A sua concepção sobre o espiritismo hoje, é a mesma que você tinha antes de frequentá-lo? O que mudou?

Mudou muito. Antes de frequentar a doutrina é carregada de preconceitos e mistérios. Hoje é minha amiga e conselheira.

11) Você vê diferença entre o espiritismo e o catolicismo?

Todas duas são caminhos que nos conduzem a Deus. A diferença está apenas na maneira de conduzir essa caminhada.

12) Você vê diferença entre o espiritismo e o kardecismo?

O termo espiritismo foi criado por Kardec, o que fica bem claro na introdução do Livro dos espíritos. Portanto o que o senso comum chama de Kardecismo é o espiritismo de Kardec. O termo espiritismo tem sido erroneamente usado para definir outras práticas espiritualistas. Portanto Kardecismo e espiritismo são a mesma coisa.

13) Você vê diferença entre o espiritismo e o esoterismo?

Toda a diferença. O espiritismo não usa de rituais, chãs, cristais, pirâmides e outros apetrechos.

14) Qual o motivo de você ter fundado ou frequentar/participar dessa casa/centro espírita?

Frequento e trabalho por convicção.

15) Saberia me explicar como surgiu a espiritismo no Brasil?

O espiritismo no Brasil foi trazido por intelectuais contemporâneos de Kardec, mas ganhou força com Bezerra de Menezes e seu trabalho pela unificação. Chico Xavier tornou o espiritismo mais popular e conseguiu mais adeptos.

16) Você consegue perceber elementos de diferentes culturas no espiritismo?

O espiritismo é o mesmo em todos os lugares e épocas. Sua base não foi alterada e continua com os mesmos princípios. O que foge disso não é espiritismo. Como já dissemos, esse termo foi criado por Kardec para designar a doutrina dos espíritos. Se o homem acrescenta aspectos de sua cultura nessa base doutrinária, ela passa a ser outra coisa e não espiritismo. Essa foi a grande luta de Dr. Bezerra de Menezes. Não deixar que a doutrina fosse invadida pelo personalismo. O que percebemos é que a doutrina iniciou com um grande movimento experimental por necessidade da época e hoje por outra necessidade passa a ter um caráter mais humanitário, sem no entanto alterar seus princípios.

17) Qual a importância do desenvolvimento mediúnico no espiritismo?

A mediunidade é a base da doutrina. Através dela os espíritos ditaram seus ensinamentos que foram compilados por Kardec. Conhecer a mediunidade e desenvolvê-la é um dos princípios básicos da doutrina espírita. Com ela podemos trabalhar a nós mesmos, nos conhecendo e explorando nossas sensações, aprender com os desencarnados, convencer os incrédulos e auxiliar os que sofrem no plano espiritual.

18) Como se dá a relação com os espíritos no espiritismo?

Os espíritos são homens sem corpo. Seres como nós mesmos que apenas não possuem mais sua roupagem física. Criaturas que sofrem, choram, se alegrem, se emocionam, e acima de tudo interagem com os encarnados mais do que podemos imaginar. Os espíritos evoluem, nascem, reencarnam até chegarem a perfeição.

19) Qual a importância dos ritos e rituais no espiritismo?

Nenhuma. Não há ritos e nem rituais na doutrina. Quem os fazem estão personalizando e desvirtuando o espiritismo.

20) Você vê semelhança entre uma casa/centro espírita e outro (a)? Quais são essas semelhanças?

São apenas termos diferentes para designar a mesma coisa. Não importa o termo, mas as práticas.

21) Você vê diferenças entre uma casa/centro espírita e outro (a)? Quais são essas diferenças?**22) Qual a história dessa casa/centro espírita? (como foi construído, por que, quanto tempo, o por que da escolha do nome do centro, entre outras perguntas relacionadas à construção física e cultural do mesmo).**

A casa foi fundada em 1972 por Sonia Bittencourt e seu esposo Osmar Vieira. Iniciou com a evangelização infantil em bairros pobres e atendimento na casa na fundadora. Com o tempo e ganhando o respeito da comunidade foi comprado um lote e construída a sede. Em 1980 foi criada uma creche para atender famílias carentes e os trabalhos na casa cresceram de acordo com a necessidade da demanda.

23) Quantos médiuns fazem parte dessa casa/centro? Fale-me um pouco sobre o funcionamento do centro?

Temos cerca de 80 médiuns que trabalham em atividades diferentes na casa. Todos iniciam os trabalhos pela Campanha do Quilo e uma reunião de estudo doutrinário. As atividades da casa são coordenadas pelo grupo de apoio. Um grupo de médiuns

que já estão a mais tempo na casa e que coordenam departamentos. A disciplina é a palavra chave da nossa casa, nosso mestre maior é o Cristo e seu evangelho é estudado por todos os participantes.

24) Quantas pessoas fazem parte da assistência (público que procuram a casa/centro)?

Em torno de 70 a 100 pessoas por semana. Sendo que há 4 reuniões públicas por semana e 2 de tratamento espiritual.

25) Como se dá a triagem para o diagnóstico (anamnese) e início do tratamento espiritual?

De maneira simples e sem burocracia. Nome, endereço, idade e motivo do tratamento. Disponibilidade para receber o culto em casa e dias que podem ir receber o passe. Após essas perguntas as pessoas são encaminhadas para os atendentes frateros. A participação em reuniões públicas e fechadas, leituras e estudos de obras espíritas, uso da água fluidificada como medicamento, a retirada dos excessos na alimentação - o uso de carne, do café e dos temperos excitantes - a realização do culto do evangelho (culto no lar), atendimento fraterno, sessões de passes mediúnicos e, principalmente, a conscientização da necessidade de mudança de comportamento no sentido da busca de uma reforma íntima que implica no uso adequado do livre-arbítrio para que a felicidade e a alegria apareçam na minha vida.

26) Quais são os motivos/ problemas mais comuns das pessoas que procuram o espiritismo?

A dor é a campeã. As pessoas estão sofrendo e buscam um lenitivo para a alma. Buscam consolo e compaixão. Querem ser ouvidas e chorar no ombro de alguém.